

PRÊMIO  NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

À ESPERA DOS BÁRBAROS

J.M. Coetzee



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

J. M. COETZEE

À espera dos bárbaros

Tradução

José Rubens Siqueira



Para Nicolas e Gisela

1.

Nunca vi nada assim: dois disquinhos de vidro presos na frente dos olhos dele com aros de arame. Ele é cego? Dava para entender se quisesse esconder olhos cegos. Mas ele não é cego. Os discos são escuros, parecem opacos do lado de fora, mas dá para enxergar através deles. Ele me conta que são uma invenção nova. “Protegem os olhos contra o brilho do sol”, diz. “O senhor ia achar bom aqui no deserto. Evitam que fiquemos apertando os olhos o tempo todo. Dá menos dor de cabeça. Olhe.” Toca de leve os cantos dos olhos. “Sem rugas.” Recoloca os óculos. É verdade. Ele tem a pele de um jovem. “Na minha terra todo mundo usa isto.”

Estamos sentados na melhor sala da hospedaria com uma garrafa entre nós e uma tigela de nozes. Não comentamos a razão para ele estar aqui. Ele serve aos poderes de emergência, isso basta. Em vez disso, falamos de caçadas. Ele me conta do último grande giro que deu, quando foram mortos milhares de veados, porcos, ursos, tantos que uma montanha de carcaças teve de ser abandonada a apodrecer (“O que foi uma pena”). Conto dos grandes bandos de gansos e patos que pousam no lago todo ano em suas migrações e dos métodos nativos de capturá-los. Sugiro levá-lo pescar uma noite num barco nativo. “É uma experiência que ninguém pode perder”, digo; “o pescador leva tochas acesas e toca tambores em cima da água para atrair os peixes para as redes que colocou.” Ele concorda balançando a cabeça. Conta da visita que fez a outro ponto da fronteira,

onde as pessoas comem certas cobras como especialidades, e de um imenso antílope que matou.

Desloca-se Tateando em meio à mobília estranha, mas não remove os óculos escuros. Retira-se cedo. Está aquartelado aqui na hospedaria porque é a melhor acomodação que a cidade oferece. Fiz os funcionários entenderem que se trata de uma visita importante. “O coronel Joll é da Terceira Divisão”, disse-lhes. “A Terceira Divisão é a mais importante da Guarda Civil hoje em dia.” Pelo menos é isso que ouvimos nos rumores que nos chegam atrasados da capital. O proprietário faz um gesto de concordância, as camareiras baixam a cabeça. “Ele tem de ficar bem impressionado conosco.”

Levo meu colchonete para a plataforma, onde a brisa da noite alivia um pouco o calor. Nos tetos planos da cidade, dá para perceber ao luar outros vultos adormecidos. Debaixo das noqueiras da praça ainda escuto o murmúrio de conversas. No escuro, um cachimbo brilha como um vagalume, esmorece, brilha de novo. O verão está rodando devagar para o fim. Os pomares gemem sob sua carga. Não vou à capital desde que era moço.

Acordo antes do amanhecer, passo na ponta dos pés pelos soldados adormecidos, que estão se mexendo e suspirando, sonhando com mães e namoradas, desço a escada. No céu, milhares de estrelas olham para nós. Na verdade aqui estamos no teto do mundo. Acordar à noite, ao ar livre, é deslumbrante.

O sentinela no portão está sentado de pernas cruzadas e dorme profundamente, aninhando o mosquete. O quartinho do porteiro está fechado, sua carroça parada fora. Eu passo.

* * *

“Não temos instalações para prisioneiros”, explico. “Aqui não há muito crime, e a pena é sempre uma multa ou trabalho compulsório. Esta cabana

é apenas um depósito ligado ao celeiro, como pode ver.” Dentro está abafado, com um cheiro forte. Não há janelas. Os dois prisioneiros estão amarrados, no chão. O cheiro vem deles, cheiro de urina velha. Chamo o guarda: “Leve estes homens para se limparem, e depressa, por favor”.

Mostro a meu visitante a penumbra fresca do celeiro. “Esperamos três mil alqueires da terra comunal este ano. Plantamos só uma vez. O tempo tem sido muito bom conosco.” Falamos de ratos e das maneiras de controlar o número deles. Quando voltamos à cabana, ela cheira a cinza molhada e os prisioneiros estão prontos, ajoelhados num canto. Um deles é um velho, o outro um menino. “Foram presos faz poucos dias”, digo. “Houve um ataque a uns trinta quilômetros daqui. O que não é comum. Normalmente eles ficam bem longe do forte. Esses dois foram capturados depois. Dizem que não tiveram nada a ver com o ataque. Eu não sei. Vai ver estão dizendo a verdade. Se o senhor quiser falar com eles, eu, é claro, ajudo com a língua.”

O rosto do menino está estufado e ferido, um olho fechado pelo inchaço. Agacho-me diante dele e toco sua face. “Escute, menino”, digo no patoá da fronteira, “queremos falar com você.”

Ele não responde.

“Está fingendo”, diz o guarda. “Ele entende.”

“Quem bateu nele?”, pergunto.

“Não fui eu”, diz ele. “Já estava assim quando chegou.”

“Quem bateu em você?”, pergunto ao menino.

Ele não está me ouvindo. Olha por cima de meu ombro, não para o guarda, mas para o coronel Joll ao lado dele.

Viro-me para Joll “Ele provavelmente nunca viu nada igual antes.” Aponto. “Os óculos, quero dizer. Deve pensar que o senhor é cego.” Mas Joll não sorri de volta. Na presença de prisioneiros, ao que parece, é preciso manter uma certa postura.

Agacho-me diante do velho. “Vovô, escute aqui. Trouxemos você para cá porque te pegamos depois de um ataque ao rebanho. Sabe que isso é coisa

séria. Sabe que pode ser castigado por isso.”

Ele põe a língua para fora para umedecer os lábios. Tem o rosto cinzento e exausto.

“Vovô, está vendo esse cavalheiro? Esse cavalheiro é uma visita da capital. Ele visita todos os fortes da fronteira. O trabalho dele é descobrir a verdade. É só isso que ele faz. Descobre a verdade. Se você não falar comigo, vai ter de falar com ele. Está entendendo?”

“Excelência”, diz ele. Sua voz falha; ele limpa a garganta. “Excelência, a gente não sabe nada de roubo. Os soldados pararam a gente e amarraram. Por nada. A gente estava na estrada, estava indo ver o médico. Este é o menino da minha irmã. Ele está com uma ferida que não sara. A gente não é ladrão. Mostre a ferida para as Excelências.”

Esperto, com mãos e dentes o menino começa a desenrolar os trapos que envolvem seu antebraço. A última volta, dura de sangue e pus, está grudada na pele, mas ele levanta a beirada para me mostrar a borda vermelho-vivo da ferida.

“Tá vendo?”, diz o velho, “nada cura isso aí. Eu estava levando ele no médico quando os soldados pararam a gente. Só isso.”

Retorno com meu visitante para o outro lado da praça. Três mulheres passam por nós, voltando do dique de irrigação com cestos de roupa na cabeça. Olham-nos com curiosidade, mantendo o pescoço rijo. O sol castiga.

“São os primeiros prisioneiros que fazemos em muito tempo”, digo. “Uma coincidência: normalmente não teríamos nenhum bárbaro para mostrar ao senhor. Isso que chamam de banditismo não é coisa grande. Eles roubam uns carneiros ou retiram uma besta de carga de uma tropa. Às vezes, damos o troco. São quase todos gente de tribo pobre com uns rebanhos minúsculos na beira do rio, para sua própria subsistência. Vira um modo de vida. O velho diz que estavam indo ao médico. Pode ser verdade. Ninguém levaria um velho e um menino doente num grupo de ataque.”

Tomo consciência de que estou falando em favor deles.

“Claro que não dá para ter certeza. Mas, mesmo que estejam mentindo, que utilidade eles têm para o senhor, gente simples assim?”

Tento controlar minha irritação com seus silêncios crípticos, com o bobo mistério teatral dos escudos escuros que escondem olhos saudáveis. Ele caminha com as mãos entrelaçadas diante do corpo como uma mulher.

“Mesmo assim”, diz, “tenho de interrogar os dois. Hoje à noite, se for conveniente. Vou levar meu assistente comigo. Vou precisar também de alguém que me ajude com a língua. O guarda, talvez. Ele fala a língua deles?”

“Nós todos nos fazemos entender. Prefere que eu não esteja lá?”

“O senhor ia achar maçante. Temos procedimentos preestabelecidos a obedecer.”

Dos gritos que as pessoas afirmam ter ouvido do celeiro depois, eu não ouço nada. A cada momento daquela noite, enquanto faço o que tenho de fazer, estou alerta para o que possa estar acontecendo, e meu ouvido está até sintonizado para o tom de dor humana. Mas o celeiro é um edifício sólido com portas pesadas e janelas minúsculas; fica além do abatedouro e do moinho no lado sul. Além disso, o que foi um dia um posto avançado e depois um forte na fronteira cresceu até se tornar um assentamento agrícola, uma cidade de três mil almas onde o barulho da vida, o barulho que todas essas almas fazem numa noite quente de verão, não cessa porque em algum lugar alguém está gritando. (A certo ponto, começo a defender minha própria causa.)

Quando vejo o coronel Joll de novo, quando ele tem tempo, puxo o assunto tortura. “E se o prisioneiro estiver dizendo a verdade”, pergunto, “mas descobre que não acreditam nele? Não é uma situação terrível? Imagine: estar preparado para ceder, ceder, não ter mais nada a ceder,

estar quebrado, e ser pressionado a ceder mais! E que responsabilidade para o interrogador! Como o senhor pode ter certeza de que um homem disse a verdade?”

“Há um certo tom”, Joll diz. “Um certo tom que aparece na voz de um homem que está dizendo a verdade. Treino e experiência ensinam a reconhecer esse tom.”

“O tom da verdade! Dá para perceber esse tom na conversa de todo dia? O senhor consegue escutar quando eu estou dizendo a verdade?”

É o momento mais íntimo que tivemos até agora, o qual ele afasta com um pequeno aceno de mão. “Não, o senhor está me entendendo mal. Estou falando de uma situação especial apenas, estou falando de uma situação em que estou procurando a verdade, em que tenho de exercer pressão para descobrir a verdade. Primeiro eu consigo mentiras, entende — é isso que acontece —, primeiro mentiras, depois pressão, depois mais mentiras, depois mais pressão, depois a quebra, depois mais pressão, depois a verdade. É assim que se consegue a verdade.”

A dor é a verdade; tudo o mais está sujeito a dúvida. É isso que concluo de minha conversa com o coronel Joll, a quem, com suas unhas que tamborilam, os lenços roxos, os pés finos em sapatos macios, fico imaginando de volta à capital pela qual ele está obviamente tão impaciente, cochichando com os amigos nos corredores do teatro entre os atos.

(Por outro lado, quem sou eu para afirmar minha distância dele? Bebo com ele, como com ele, mostro-lhe os lugares, presto-lhe toda a assistência que a carta de comissionamento dele requer, e mais. O Império não exige que seus súditos amem uns aos outros, simplesmente que cumpram seu dever.)

O relato que ele faz a mim, na minha qualidade de magistrado, é breve.

“No curso do interrogatório contradições ficaram aparentes no depoimento do prisioneiro. Confrontado com essas contradições, o prisioneiro ficou enraivecido e atacou o oficial investigador. Seguiu-se um corpo-a-corpo durante o qual o prisioneiro caiu pesadamente contra a parede. Os esforços para reanimá-lo foram inúteis.”

Em prol da completude, conforme exigido na forma da lei, convoco o guarda e lhe peço que faça um relato. Ele recita, e eu anoto suas palavras: “O prisioneiro ficou incontrolável e atacou o oficial visitante. Fui chamado para ajudar a dominar o prisioneiro. Quando cheguei, o conflito havia terminado. O prisioneiro estava inconsciente e sangrando pelo nariz”. Aponto o lugar onde ele deve fazer sua marca. Ele pega a caneta de minha mão com reverência.

“O oficial falou para você o que tinha de me dizer?”, pergunto baixinho.

“Sim, senhor”, diz ele.

“O prisioneiro estava com as mãos amarradas?”

“Sim, senhor. Quer dizer, não, senhor.”

Dispenso-o e preencho a autorização para o enterro.

Mas, antes de ir para a cama, pego uma lanterna, atravesso a praça e circundo as ruas de trás do celeiro. Há um novo guarda na porta da cabana, outro rapaz camponês dormindo enrolado em seu cobertor. Um grilo pára de cantar quando me aproximo. O ruído do trinco não acorda o guarda. Entro na cabana segurando alta a lanterna, invadindo, me dou conta, solo que se tornou sagrado ou profano, se existe alguma diferença, reserva dos mistérios do Estado.

O menino está deitado numa cama de palha num canto, vivo, bem. Parece estar dormindo, mas a tensão em sua postura o trai. As mãos estão amarradas na frente do corpo. No outro canto há uma trouxa branca comprida.

Acordo o guarda. “Quem mandou deixar o corpo aqui? Quem costurou a mortalha?”

Ele identifica a raiva em minha voz. “Foi o homem que veio com a outra Excelência, *sir*. Ele estava aqui quando entrei em serviço. Ele disse para o menino, eu ouvi: ‘Durma com seu avô, es quente ele’. Fingiu que ia costurar o menino dentro da mortalha também, da mesma mortalha, mas não costurou.”

Com o menino ainda deitado, dormindo rigidamente, os olhos apertados, levamos o corpo para fora. No pátio, o guarda segura a lanterna, e eu encontro a costura com a ponta de minha faca, abro a mortalha e dobro, afastando-a da cabeça do velho.

A barba grisalha está dura de sangue. Os lábios estão esmagados e repuxados, os dentes quebrados. Um olho está virado para trás, a outra órbita é um buraco sangrento. “Feche”, digo. O guarda junta as duas partes. A mortalha fica aberta. “Disseram que ele bateu a cabeça na parede. O que o senhor acha?” Ele olha para mim, cauteloso. “Encontre um fio e amarre isso.”

Seguro a lanterna acima do menino. Ele não se mexe; mas, quando me inclino para tocar sua face, se encolhe e começa a tremer em longas ondas que lhe percorrem o corpo para cima e para baixo. “Escute aqui, menino”, digo, “não vou te fazer mal.” Ele rola de costas e leva as mãos amarradas ao rosto. Estão inchadas e roxas. Luto com a corda. Todos os meus gestos em relação a esse menino são desastrados. “Escute: você tem de dizer a verdade para o oficial. É só isso que ele quer ouvir de você — a verdade. Se ele tiver certeza de que está dizendo a verdade, não vai te machucar. Mas você tem de dizer para ele tudo o que sabe. Tem de responder com a verdade cada pergunta que ele fizer. Se doer, não perca a coragem.” Desfaço o nó e por fim afrouxo a corda. “Esfregue as mãos até o sangue começar a correr.” Fricciono suas mãos entre as minhas. Ele dobra os dedos dolorosamente. Não posso querer ser nada mais do que uma mãe a confortar um filho entre os ataques de raiva do pai. Não me escapou que um interrogador pode usar duas máscaras, falar com duas vozes, uma áspera, outra sedutora.

“Ele comeu alguma coisa agora à noite?”, pergunto ao guarda.

“Não sei.”

“Comeu alguma coisa?”, pergunto ao menino. Ele sacode a cabeça. Sinto o coração pesar. Jamais quis ser levado a isto. Onde vai terminar não sei. Volto-me para o guarda. “Vou sair agora, mas quero que você faça três coisas. Primeiro, quando as mãos do menino tiverem melhorado, quero que amarre de novo, mas não com tanta força a ponto de ficarem inchadas. Segundo, quero que deixe o corpo onde está, no pátio. Não traga de volta para cá. De manhã cedo vou mandar uma equipe funerária buscar, e você vai entregar o corpo para eles. Se houver algum problema, diga que fui eu que dei as ordens. Terceiro, quero que tranque a cabana agora e venha comigo. Vou pegar alguma coisa na cozinha para o menino comer, e você vai trazer de volta. Venha.”

Eu não queria me envolver nisto. Sou um magistrado da roça, um funcionário responsável a serviço do Império, servindo meus dias nesta fronteira preguiçosa, esperando para me aposentar. Recolho o dízimo e os impostos, administro as terras comunais, cuido de que não falte nada para a guarnição, supervisiono os funcionários juniores, que são os únicos funcionários que temos aqui, fico de olho no comércio, presido o tribunal duas vezes por semana. De resto, vejo o sol nascer e se pôr, como e durmo, e estou contente. Quando morrer, espero merecer três linhas em letra miúda na gazeta imperial. Não pedi nada mais que uma vida tranqüila em tempos tranqüilos.

Mas no ano passado começaram a nos chegar da capital histórias de inquietação entre os bárbaros. Comerciantes que viajavam por rotas seguras foram atacados e roubados. O roubo de gado tem aumentado em escala e audácia. Um grupo de funcionários do censo desapareceu e foi encontrado enterrado em covas rasas. Tiros foram disparados contra um governador provincial durante uma visita de inspeção. Tem havido choques com patrulhas da fronteira. As tribos bárbaras estão se armando,

dizem os rumores; o Império devia tomar medidas de precaução, porque certamente vai haver guerra.

Dessa inquietação eu mesmo não vi nada. Em particular observei que uma vez em cada geração, sem falhar nunca, há um episódio de histeria ligado aos bárbaros. Não existe mulher que viva perto da fronteira que não tenha sonhado com uma escura mão bárbara saindo de sob a cama para agarrar seu tornozelo, não existe homem que não se assuste com visões dos bárbaros farreando em sua casa, quebrando os pratos, tocando fogo nas cortinas, estuprando suas filhas. Esses sonhos são consequência de muito ócio. Mostre-me um exército de bárbaros que então eu acredito.

Na capital, a preocupação era que as tribos bárbaras do norte e do oeste pudessem afinal estar se unindo. Oficiais do estado-maior foram mandados em expedições à fronteira. Algumas guarnições foram reforçadas. Comerciantes que pediram receberam escolta militar. E oficiais da Terceira Divisão da Guarda Civil foram vistos pela primeira vez na fronteira, guardiães do Estado, especialistas nos obscuros movimentos de sedição, devotos da verdade, doutores do interrogatório. De forma que agora parece que meus anos de sossego estão chegando ao fim, quando eu poderia dormir com o coração tranqüilo, sabendo que com um cutucão aqui e um toque ali o mundo continuaria firme em seu curso. Se eu tivesse ao menos entregado esses dois prisioneiros absurdos ao coronel, penso —“Aqui, coronel, o senhor é o especialista, veja o que pode fazer com eles!” —, se eu tivesse saído numa expedição de caça por uns dias, como devia ter feito, uma visita rio acima talvez, e voltado, e sem ler, ou depois de uma passada de olhos sem curiosidade, pusesse meu selo no relatório dele, sem nenhuma pergunta sobre o que quer dizer a palavra *investigações*, sobre o que há debaixo dela tal como uma fada má debaixo de uma pedra —se eu tivesse feito uma coisa sábia, talvez pudesse agora voltar à minha caça, à minha falcoaria e à plácida concupiscência enquanto espero cessarem as provocações e se aplacarem os tremores ao longo da fronteira. Mas, ai!, eu não fui embora: durante algum tempo tapei

os ouvidos para os ruídos que vinham da cabana junto ao celeiro onde guardam as ferramentas, depois, à noite, peguei uma lanterna e fui ver por mim mesmo.

De horizonte a horizonte a terra está branca de neve. Ela cai de um céu em que a fonte de luz é difusa e presente em toda parte, como se o sol tivesse se dissolvido em neblina, se tornado uma aura. No sonho, passo pelo portão do alojamento, passo pelo mastro da bandeira vazia. A praça se estende diante de mim, seus limites fundidos com o céu luminoso. Muros, árvores, casas murcharam, perderam sua solidez, retiraram-se para as bordas do mundo.

Enquanto deslizo pela praça, figuras escuras se separam da brancura, crianças que brincam de construir um castelo de neve em cima do qual cravaram uma bandeirinha vermelha. Estão de luvas, de botas, com protetores de orelha contra o frio. Levam punhado após punhado de neve, cobrindo as paredes de seu castelo, preenchendo-o. A respiração se desprende delas em nuvens de vapor. A muralha em torno do castelo está semiconstruída. Esforço-me para penetrar a estranha tagarelice flutuante de suas vozes, mas não me saio bem.

Tenho consciência do meu tamanho, da natureza da minha sombra, portanto não me surpreende que as crianças desapareçam de ambos os lados quando me aproximo. Todas menos uma. Mais velha que as outras, talvez nem mesmo uma criança, ela está sentada na neve, encapuzada, de costas para mim, trabalhando na porta do castelo, as pernas abertas, cavando, batendo levemente, moldando. paro atrás dela e observo. Ela não se vira. Tento imaginar o rosto entre as pétalas do seu capuz pontudo, mas não consigo.

O menino está deitado de costas, nu, adormecido, respirando depressa e superficialmente. A pele brilha de suor. Pela primeira vez seu braço está sem bandagem, e vejo a viva ferida aberta que ela escondia. Aproximo a lanterna. Sua barriga e ambas as virilhas têm furos com pequenas crostas, feridas e cortes, algumas marcadas por fios de sangue.

“O que fizeram com ele?”, sussurro ao guarda, o mesmo rapaz da noite passada.

“Uma faca”, ele sussurra de volta. “Só uma faquinha, assim.” Abre o polegar e o indicador. Com a faquinha de ar entre os dedos, ele faz um breve movimento em cima do corpo do menino adormecido e vira a faca delicadamente, como uma chave, primeiro para a esquerda, depois para a direita. Depois a retira, a mão volta para o lado do seu corpo, ele fica esperando.

Ajoelho-me ao lado do menino, aproximo a luz de seu rosto e o chacoalho. Seus olhos se abrem languidamente e se fecham de novo. Ele suspira, a respiração rápida se torna mais lenta. “Escute!”, digo-lhe. “Você teve um pesadelo. Tem de acordar.” Ele abre os olhos e com eles semicerrados olha além da luz, para mim.

O guarda oferece uma vasilha de água. “Ele consegue sentar?”, pergunto. O guarda sacode a cabeça. Levanta o menino e o ajuda a beber.

“Escute”, digo. “Me disseram que você fez uma confissão. Que admitiu que você, o velho e outros homens de seu clã roubaram carneiros e cavalos. Você disse que os homens de seu clã estão se armando, que na primavera vão todos se juntar numa grande guerra contra o Império. Está dizendo a verdade? Você entende o que essa sua confissão vai significar? Entende?” Faço uma pausa; ele olha vagamente para toda essa veemência, como alguém cansado depois de correr uma grande distância. “Significa que os soldados vão perseguir o seu povo. Vai haver matança. Parentes seus vão morrer, talvez até seus pais, seus irmãos e irmãs. Você quer mesmo isso?” Ele não responde. Chacoalho seu ombro, bato em sua face. Ele não se esquiva: é como bater em carne morta. “Acho que ele está muito mal”, o

guarda sussurra atrás de mim, “muito machucado e muito mal.” O menino fecha os olhos para mim.

Chamo o único médico que temos, um velho que ganha a vida arrancando dentes e fabricando afrodisíacos com farinha de osso e sangue de lagarto. Ele aplica um cataplasma de barro na ferida e espalha unguento na centena de pequenos ferimentos. Dentro de uma semana, promete, o menino poderá andar. Recomenda comida nutritiva e vai embora depressa. Não pergunta como o menino suportou seu sofrimento.

Mas o coronel está impaciente. Seu plano é proceder a um rápido raide contra os nômades e fazer mais prisioneiros. Quer o menino junto, como guia. Pede-me que libere para ele trinta homens da guarnição de quarenta e que forneça montarias.

Tento dissuadi-lo. “Sem nenhum desrespeito, coronel”, digo, “o senhor não é um soldado profissional, nunca fez campanha alguma nesta região inóspita. Não vai ter guia nenhum além de uma criança que tem pavor do senhor, que vai dizer o que lhe vier à cabeça para agradar ao senhor, que de qualquer modo não está em condições de viajar. Não pode confiar nos soldados para ajudar o senhor, porque não passam de camponeses recrutados, a maioria deles nunca esteve a mais de oito quilômetros do assentamento. Os bárbaros que o senhor vai perseguir vão farejar sua chegada e desaparecer no deserto enquanto o senhor ainda estiver a um dia de marcha de distância. Eles viveram aqui a vida toda, conhecem a terra. O senhor e eu somos estrangeiros—o senhor mais do que eu. Eu sinceramente aconselho o senhor a não ir.”

Ele me ouve até o fim, até (tenho a sensação) me incentiva um pouco. Tenho certeza de que essa conversa é anotada em seguida, com o comentário de que estou “perturbado”. Depois de ouvir o bastante, ele descarta minhas objeções: “Tenho uma missão a cumprir, magistrado. Só

posso julgar quando meu trabalho estiver completo”. E segue em frente com seus preparativos.

Viaja em sua carruagem de duas rodas, com cama de campanha e escrivaninha dobrável amarradas no teto. Forneço cavalos, carroças, forragem e provisões para três semanas. Um tenente júnior da guarnição o acompanha. Falo com o tenente em particular: “Não confie no seu guia. Ele está fraco e apavorado. Fique de olho no tempo. Observe pontos de referência. Seu primeiro dever é trazer nosso visitante de volta em segurança”. Ele faz uma reverência.

Abordo Joll mais uma vez, tentando delinear suas intenções.

“É”, diz ele. “Claro que não gostaria de me prender antecipadamente a um trajeto. Mas em termos gerais vamos localizar o acampamento desses seus nômades e depois proceder ao que a situação determinar.”

“Estou perguntando”, continuo, “só porque, se se perder, passa a ser nosso dever encontrar o senhor para trazer de volta à civilização.” Fazemos uma pausa, saboreando de nossas diferentes posições as ironias da palavra.

“Sim, claro”, diz ele. “Mas isso é pouco provável. Temos a sorte de contar com os excelentes mapas da região fornecidos pelo senhor.”

“Esses mapas são baseados em pouco mais que boatos, coronel. Fui compondo esses mapas a partir do que contavam viajantes ao longo de um período de dez ou vinte anos. Eu próprio nunca pisei onde o senhor planeja ir. Estou simplesmente lhe fazendo um alerta.”

Desde o segundo dia dele aqui, estou perturbado demais por sua presença para ir além do correto em meu comportamento com ele. Suponho que, como carrasco itinerante, esteja acostumado a ser evitado. (Ou será que é só nas províncias que carrascos e torturados ainda são considerados sujos?) Olhando para ele, imagino como se sentiu na primeiríssima vez: será que, convidado como aprendiz a torcer a torquês ou girar o parafuso ou seja lá o que for que eles fazem, estremeceu ao menos um pouco ao saber que naquele instante estava ultrapassando o limite do proibido? Vejo-me imaginando também se ele tem algum ritual particular

de purificação, realizado a portas fechadas, para habilitá-lo a voltar e comungar com outros homens. Será que lava as mãos com muito cuidado, talvez, ou troca toda a roupa; ou será que a Divisão criou novos homens, que conseguem passar sem inquietação do sujo para o limpo?

Tarde da noite, escuto o raspar e o bater da orquestra debaixo das velhas nogueiras do outro lado da praça. Há um fulgor rosado no ar, vindo do grande leito de brasas sobre o qual os soldados estão assando um carneiro inteiro, presente da “Excelência”. Vão beber até de madrugada, depois partir ao amanhecer.

Dirijo-me ao celeiro pelas vielas de trás. O guarda não está em seu posto, a porta da cabana está aberta. Estou prestes a entrar quando escuto vozes lá dentro, cochichando e rindo.

Espio no escuro de breu. “Quem está aí?”, pergunto.

Ouve-se um som arranhado, e o jovem sentinela se choca comigo. “Desculpe, *sir*”, diz. Sinto o cheiro de seu hálito saturado de rum. “O prisioneiro me chamou, e eu estava tentando ajudar.” Do escuro vem um ronco de riso.

Vou dormir, desperto com outro round de música de dança na praça, adormeço de novo, e sonho com um corpo deitado de costas, uma profusão de pêlos púbicos escorrendo brilhantes, pretos e dourados, pela barriga, pelas virilhas, e descendo como uma flecha para o sulco das pernas. Quando estico a mão para alisar os pêlos, eles começam a se agitar. Não são pêlos, mas abelhas densamente aglomeradas umas em cima das outras: encharcadas de mel, pegajosas, rastejam para fora do sulco e batem as asas.

Meu último ato de cortesia é acompanhar o coronel a cavalo até onde a estrada vira para noroeste ao longo da costa do lago. O sol já saiu e brilha tão selvagemmente na superfície que tenho de proteger os olhos. Os homens, cansados e enjoados depois da noite de festa, arrastam-se atrás de nós. No

meio da coluna, amparado por um guarda que cavalga a seu lado, vem o prisioneiro. Seu rosto está lívido, ele está desconfortável em cima do cavalo, é evidente que os ferimentos ainda lhe causam dor. Por último vêm os cavalos de carga e as carroças com os tonéis de água, provisões e o equipamento mais pesado: lanças, fuzis, munição, barracas. No conjunto, uma visão nada animadora: a coluna marcha irregularmente, alguns homens de cabeça descoberta, alguns com o pesado capacete emplumado da cavalaria, outros com o quepe de couro simples. Eles protegem os olhos da claridade, todos menos um, que olha direto em frente através de uma tira de vidro enfumaçado colada a uma haste que ele sustenta diante dos olhos, imitando seu líder. Até onde essa afetação absurda vai se espalhar?

Cavalgamos em silêncio. Os ceifadores, ocupados nos campos desde antes do amanhecer, interrompem o trabalho para acenar quando passamos. Na curva da estrada, puxo as rédeas e me despeço. “Desejo ao senhor um retorno seguro, coronel”, digo. Emoldurado pela janela de sua carruagem, ele inclina a cabeça inescrutavelmente.

Então marcho de volta, aliviado de meu encargo e contente por estar de novo sozinho num mundo que conheço e entendo. Subo à muralha para observar a pequena coluna se deslocando ao longo da estrada noroeste em direção à grande mancha verde onde o rio desemboca no lago e a linha de vegetação se dissipa na bruma do deserto. O sol ainda paira bronze e pesado sobre a água. Ao sul do lago, estendem-se terras pantanosas e planícies salgadas e além delas a linha azul-acinzentada das montanhas estéreis. Nos campos, os fazendeiros estão carregando as duas enormes carroças velhas de feno. Um bando de patos gira no céu e desce planando em direção à água. Fim de verão, um tempo de paz e abundância. Acredito na paz, talvez até mesmo na paz a qualquer preço.

Três quilômetros ao sul da cidade, um aglomerado de dunas se destaca da paisagem plana e arenosa. Caçar sapos nos pântanos e deslizar pelas encostas das dunas em pranchas de madeira polida são os principais esportes de verão das crianças, um para as manhãs, outro para os fins de

tarde, quando o sol se põe e a areia começa a esfriar. Embora o vento sopra em todas as estações, as dunas são estáveis, mantidas no lugar por uma capa de fina relva e também, como descobri por acaso alguns anos atrás, por esqueletos de madeira. Porque as dunas cobrem as ruínas de casas que datam de tempos muito anteriores à anexação das províncias ocidentais e à construção do forte.

Um de meus hobbies tem sido escavar essas ruínas. Se não há reparos a fazer no sistema de irrigação, condeno os pequenos criminosos a alguns dias cavando nas dunas; soldados são mandados para cá em destacamentos punitivos; e no auge de meu entusiasmo cheguei a pagar do próprio bolso trabalhadores eventuais. O trabalho é impopular, porque os cavadores têm de batalhar debaixo do sol quente ou ao vento cortante sem nenhum abrigo e com areia voando por toda parte. Trabalham indiferentes, sem partilhar do meu interesse (que consideram caprichoso), desanimados pela rapidez com que o vento carrega a areia de volta a seu lugar. Mas no curso de alguns anos consegui desencavar diversas edificações até o nível do chão. A que foi escavada mais recentemente lá está, como um navio naufragado no deserto, visível até dos muros da cidade. Dessa edificação, talvez um prédio público ou um templo, recuperei a pesada viga de choupó, entalhada com figuras de peixes saltando entrelaçados, agora pendurada em cima de minha lareira. Enterrada abaixo do nível do chão numa bolsa que se desmanchou assim que foi tocada, encontrei também uma quantidade de tiras de madeira nas quais estão pintados caracteres numa escrita que nunca vi. Encontramos tiras como essas antes, espalhadas tal qual prendedores de roupas nas ruínas, mas a maior parte delas tão desbotada pela ação da areia que a escrita estava ilegível. Os caracteres das tiras novas estão tão nítidos quanto no dia em que foram escritos. Agora, na esperança de decifrar a escrita, me pus a colecionar todas as tiras que posso, e informei às crianças que aqui brincam que, se encontrarem uma, sempre vale um tostão.

As madeiras que desenterramos estão secas e friáveis. Muitas foram mantidas juntas apenas pela areia circundante e, uma vez expostas, desmoronam. Outras lascam à menor pressão. Que idade tem essa madeira eu não sei. Os bárbaros, que são pastores, nômades, moradores de tendas, não fazem em suas lendas nenhuma referência a assentamentos permanentes junto ao lago. Não há restos humanos entre as ruínas. Se existe um cemitério, não o encontramos. As casas não contêm móveis. Num monte de cinzas, encontrei fragmentos de cerâmica seca ao sol e algo marrom que pode um dia ter sido um sapato ou gorro de couro e que caiu aos pedaços diante dos meus olhos. Não sei de onde vinha a madeira para construir essas casas. Talvez, em tempos idos, criminosos, escravos, soldados, atravessassem os dezenove quilômetros até o rio, cortassem choupos, serrassem e aplainassem essas árvores, com carroças transportassem a madeira de volta a este lugar estéril e construíssem casas e um forte também, pelo que sei, e com o passar do tempo morreram, de forma que seus senhores, seus prefeitos, magistrados e capitães pudessem subir nos tetos e nas torres, de manhã e à noite, para examinar o mundo de horizonte a horizonte em busca de sinais dos bárbaros. Talvez em minhas escavações eu só tenha raspado a superfície. Talvez três metros abaixo do chão haja ruínas de outro forte, arrasado pelos bárbaros, povoado de ossos das pessoas que acharam que estariam seguras detrás de altas muralhas. Talvez, quando paro no chão do fórum, se é disso que se trata, eu esteja em cima da cabeça de um magistrado como eu, outro servidor grisalho do Império que tombou na arena de sua autoridade, face a face com o bárbaro, afinal. Como posso saber? Cavando como um coelho? Será que os caracteres das tiras um dia me contarão? Havia duzentas e cinquenta e seis tiras na bolsa. Será por acaso que o número é perfeito? Quando as contei pela primeira vez e fiz essa descoberta, liberei o chão do meu escritório e as arrumei, primeiro num grande quadrado, depois em dezesseis quadrados menores, depois em outras combinações, pensando que o que eu havia tomado até então por caracteres de um silabário podiam ser de fato

elementos de um quadro cujo traçado me tomaria de assalto se eu descobrisse a ordem correta: um mapa das terras dos bárbaros em tempos antigos, ou a representação de um panteão perdido. Eu me vi até lendo as tiras num espelho, ou traçando uma em cima da outra, ou combinando metade de uma com metade de outra.

Uma noite, fiquei entre as ruínas depois que as crianças correram para casa para jantar, no ar arroxado do entardecer e das primeiras estrelas, a hora em que, segundo a lenda, os fantasmas despertam. Colei o ouvido no chão, como as crianças tinham me ensinado, para ouvir o que elas ouviam: baques e gemidos debaixo da terra, a batida profunda e irregular de tambores. No rosto eu sentia o toque da areia deslizando de lugar nenhum para lugar nenhum através dos desertos. A última luz se apagou, as muralhas ficaram pálidas contra o céu e se dissolveram no escuro. Durante uma hora esperei, embrulhado em minha capa, encostado no poste de esquina de uma casa onde pessoas um dia conversaram, comeram e tocaram música. Fiquei olhando a lua nascer, abrindo os sentidos para a noite, à espera de um sinal de que aquilo que havia à minha volta, o que jazia abaixo de meus pés, não era apenas areia, mas poeira de ossos, flocos de ferrugem, lascas, cinzas. O sinal não veio. Não senti nenhum tremor de medo fantasmagórico. Meu ninho na areia estava quente. Não demorou muito, me peguei cochilando.

Levantei e me espreguicei; depois marchei para casa na fragrante escuridão, me orientando pela ligeira fulguração dos fogos das casas no céu. Ridículo, pensei: um homem de barba branca sentado no escuro à espera de que espíritos dos devãos da história lhe falem antes de ele ir para casa, para seu guisado militar e sua cama confortável. O espaço em torno de nós aqui é apenas espaço, nem menor nem maior que o espaço acima dos barracos, prédios, templos e escritórios da capital. Espaço é espaço, vida é vida, em toda parte é igual. Mas quanto a mim, sustentado pelo esforço de outros, sem vícios civilizados com que preencher meu lazer, eu mimo a minha melancolia e tento encontrar no vazio do deserto uma

pungência histórica especial. Fútil, inútil, desorientado! Que bom que ninguém pode me ver!

Hoje, quatro dias apenas depois da partida da expedição, os primeiros prisioneiros do coronel chegaram. De minha janela vejo quando atravessam a praça entre os guardas montados, empoeirados, exaustos, já se encolhendo diante dos espectadores que se juntam em torno deles, das crianças pulando, dos cachorros latindo. À sombra da muralha do alojamento, os guardas desmontam; imediatamente os prisioneiros se agacham para descansar, a não ser um menino pequeno, que fica em cima de uma perna só, o braço no ombro da mãe, encarando curioso os observadores. Alguém traz um balde de água e uma concha. Eles bebem, sedentos, enquanto a multidão aumenta e se acotovela a tal ponto em torno deles que não consigo mais enxergar. Impaciente, espero o guarda que agora abre caminho pela multidão e atravessa até o pátio do alojamento.

“Como explica isto?”, grito para ele. Ele abaixa a cabeça, remexe nos bolsos. “São pescadores! Como pode trazer essa gente até aqui?”

Ele estende uma carta. Quebro o selo e leio: “Por favor, mantenha estes e futuros detidos incomunicáveis até a minha volta”. Abaixo da assinatura dele o selo aparece de novo, o selo da Divisão que ele levou para o deserto e que, se ele morrer, eu terei, sem dúvida, de mandar uma segunda expedição recuperar.

“Esse homem é ridículo!”, grito. Caminho pela sala. Não se deve nunca depreciar funcionários na presença de subalternos, pais na presença de filhos, mas com esse homem não encontro nenhuma lealdade em meu coração. “Ninguém disse para ele que esses aí são pescadores? É uma perda de tempo trazer essa gente para cá! Você devia ajudar o coronel a encontrar ladrões, bandidos, invasores do Império! Será que essas pessoas parecem um perigo para o Império?” Jogo a carta pela janela.

A multidão se abre diante de mim até eu estar no centro, em frente a uma dúzia de prisioneiros patéticos. Eles se encolhem diante da minha ira, o menino se esgueira entre os braços da mãe. Faço um gesto para os guardas: “Abram caminho e levem essas pessoas para o pátio do alojamento!”. Eles tocam os cativos; o portão do alojamento se fecha atrás de nós. “Agora se expliquem”, digo; “ninguém contou para ele que esses prisioneiros são inúteis? Ninguém contou para ele a diferença entre pescadores com redes e cavaleiros nômades ferozes com arcos? Ninguém contou para ele que eles nem falam a mesma língua?”

Um dos soldados explicou: “Quando eles viram a gente chegando, tentaram se esconder nos juncos. Viram cavaleiros chegando, então tentaram se esconder. Aí o oficial, o Excelência, mandou a gente prender eles. Porque estavam se escondendo”.

Eu podia xingar de irritação. Um policial! O raciocínio de um policial! “E Sua Excelência disse por que queria que fossem trazidos para cá? Ele disse por que não podia fazer perguntas para eles lá mesmo?”

“Nenhum de nós fala a língua deles, *sir*.”

Claro que não! Essa gente do rio é aborígine, ainda mais antiga que os nômades. Vivem em assentamentos de duas ou três famílias ao longo da margem do rio, pescando e colocando armadilhas a maior parte do ano, remando para as praias mais remotas do norte do lago no outono para pegar minhocas e secá-las, constroem frágeis abrigos de junco, gemem de frio todo o inverno, vestidos com peles. Vivem com medo de todo mundo, esquivos entre os juncos, o que podem saber de uma grande campanha bárbara contra o Império?

Mando um dos homens buscar comida na cozinha. Ele volta com um pedaço de pão de ontem que oferece ao prisioneiro mais velho de todos. Reverente, o velho aceita o pão com ambas as mãos, cheira, quebra em pedaços, passa aos outros. Eles enchem a boca com esse maná, mastigando depressa, sem levantar os olhos. Uma mulher cospe o pão mastigado na palma da mão e alimenta seu bebê. Faço sinal de que precisam de mais

pão. Ficamos olhando enquanto eles comem, como se fossem animais estranhos.

“Deixem que fiquem no pátio”, digo aos guardas. “Vai ser inconveniente para nós, mas não tem outro lugar. Se esfriar à noite, faço outro arranjo. Providenciem para que sejam alimentados. Dêem alguma coisa para se ocuparem. Mantenham o portão fechado. Não vão fugir, mas não quero nenhum curioso entrando aqui para olhar para eles.”

Então controlo minha raiva e faço o que o coronel mandou: mantenho os prisioneiros inúteis “incomunicáveis”. E, depois de um dia ou dois, esses selvagens parecem esquecer que já tiveram outro lar. Inteiramente seduzidos pela comida grátis e abundante, acima de tudo pelo pão, eles relaxam, sorriem para todo mundo, deslocam-se pelo pátio do alojamento de uma sombra para outra, cochilam e despertam, ficam excitados quando chega a hora da refeição. Seus costumes são francos e imundos. Um canto do pátio se tornou uma latrina onde homens e mulheres se agacham abertamente e onde uma nuvem de moscas zune o dia inteiro. (“Dêem uma pá para eles!”, digo aos guardas; mas eles não a usam.) O menininho, que ficou bem destemido, vaga pela cozinha, implorando açúcar às empregadas. Além do pão, o açúcar e o chá são grandes novidades para eles. Toda manhã, recebem um bloquinho de folhas de chá prensadas que fervem num balde de quatro galões de água num tripé sobre o fogo. Estão felizes aqui; na verdade, a menos que os mandemos embora, são capazes de ficar conosco para sempre, tão pouco parece ter sido preciso para atraí-los para longe de um estado natural. Passo horas observando-os da janela do segundo andar (outros curiosos têm de olhar pelo portão). Observo as mulheres catando piolhos, penteando e trançando os longos cabelos escuros umas das outras. Alguns têm crises de uma áspera tosse seca. É notável que não haja crianças no grupo além do bebê e do menininho. Será que alguns deles, os mais ágeis, mais alertas, conseguiram apesar de tudo escapar dos soldados? Espero que sim. Espero que, quando os devolvermos a suas casas ao longo do rio, eles tenham muitas histórias

incríveis para contar aos vizinhos. Espero que a história de seu cativo entre para suas lendas, passada de avô para neto. Mas espero também que a lembrança da cidade, com sua vida fácil e comidas exóticas, não seja forte o bastante para atraí-los de volta. Não quero uma raça de mendigos em minhas mãos.

Durante alguns dias, os pescadores são um divertimento, com sua estranha tagarelice, seu vasto apetite, sua falta de vergonha animal, seu temperamento volátil. Os soldados ficam pelas portas olhando para eles, fazendo comentários obscenos que eles não entendem, rindo; há sempre crianças com o rosto apertado nas grades do portão; e de minha janela eu observo, invisível atrás do vidro.

Depois, todos juntos, perdemos a simpatia por eles. A sujeira, o cheiro, o barulho de suas brigas e de sua tosse se tornam excessivos. Ocorre um feio incidente quando um soldado, talvez só de brincadeira, tenta arrastar uma das mulheres para dentro e é alvejado com pedras. Começa a se espalhar um rumor de que eles estão doentes, de que trarão uma epidemia para a cidade. Embora eu os faça abrir um fosso no canto do pátio a fim de para lá removerem seus dejetos, o pessoal da cozinha lhes recusa utensílios e começa a jogar a comida da porta para eles como se fossem realmente animais. Os soldados trancam a porta do salão do alojamento, as crianças não chegam mais ao portão. Alguém atira um gato morto por cima do muro de noite e provoca um tumulto. Durante os longos dias quentes eles vagueiam pelo pátio vazio. O bebê chora e tosse, chora e tosse, até que eu busco refúgio no canto mais distante de meu apartamento. Escrevo uma carta furiosa à Terceira Divisão, insone guardiã do Império, denunciando a incompetência de um de seus agentes. “Por que não mandam pessoal com experiência na fronteira para investigar a inquietação da fronteira?”, escrevo. Sabiamente, rasgo a carta. Se eu destrancar o portão na calada da noite, penso, será que os pescadores se esgueiram e vão embora? Mas nada faço. Então, um dia, noto que o bebê parou de chorar. Quando olho pela janela, ele não está em parte alguma. Mando um guarda dar busca, e ele

encontra o cadaverzinho debaixo da roupa da mãe. Ela não quer largá-lo, temos de arrancá-lo dela. Depois disso, ela passa o dia inteiro agachada, com o rosto coberto, recusa-se a comer. Seu povo parece evitá-la. Será que violamos algum costume deles, penso, tirando a criança e enterrando-a? Amaldiçôo o coronel Joll por toda essa confusão que me arranjou e pela vergonha também.

Então, no meio da noite, ele volta. Toques de clarim das plataformas interrompem meu sono, o salão do alojamento entra em erupção quando os soldados vão correndo pegar suas armas. Minha cabeça está confusa, demoro para me vestir, quando saio para a praça, a coluna já está entrando pelos portões, alguns homens montados, outros puxando as montarias. Dou um passo para trás quando os observadores se juntam, tocando e abraçando os soldados, rindo de excitação (“Tudo seguro!”, alguns gritam), até que, avançando no meio da coluna, vejo o que vinha temendo: a carruagem negra, depois o grupo de prisioneiros arrastando os pés, amarrados um ao outro pelo pescoço por uma corda, figuras sem forma em seus casacos de pele de carneiro debaixo do luar prateado, depois, atrás deles, os últimos soldados tocando as carroças e os cavalos de carga. À medida que mais e mais gente vem correndo, alguns com tochas acesas, e a barulheira aumenta, dou as costas ao triunfo do coronel e volto para minhas acomodações. É nesse ponto que começo a perceber as desvantagens de morar, como escolhi morar, no amplo apartamento em cima dos armazéns e da cozinha, destinado ao comandante militar que não temos há anos, em vez de ir para a atraente vila com gerânios nas janelas que compete a um magistrado civil. Gostaria de tapar os ouvidos para o ruído que vem do pátio lá embaixo, o qual agora, ao que parece, tornou-se um pátio de prisão permanente. Sinto-me velho e cansado, quero dormir. Durmo sempre que posso agora e, quando acordo, acordo relutantemente. Dormir já não é um banho curativo, uma recuperação de forças vitais, mas um esquecimento, um roçar noturno com a aniquilação. Morar no apartamento passou a ser ruim para mim, acho; mas não só isso. Se eu

morasse na vila dos magistrados, na rua mais tranqüila da cidade, realizando julgamentos às segundas e quintas-feiras, indo à caça toda manhã, ocupando minhas noites com os clássicos, tapando os ouvidos para as atividades desse policial pretensioso, se resolvesse espantar o mau momento e me mantivesse isolado, poderia deixar de me sentir como um homem que, levado pela corrente, desiste de lutar, pára de nadar, vira o rosto para o mar aberto e para a morte. Mas é o conhecimento do quanto é contingente a minha inquietação, do quanto ela depende de um bebê chorar debaixo de minha janela um dia e não chorar no próximo, que atrai a pior vergonha para mim, a maior indiferença à aniquilação. De alguma forma, eu sei demais; e desse conhecimento, depois que se foi contaminado, parece não haver recuperação. Eu nunca deveria ter pegado a lanterna para ver o que estava acontecendo na cabana ao lado do celeiro. Por outro lado, para mim não havia como, depois de ter pegado a lanterna, deixá-la de lado outra vez. O nó se fecha sobre si mesmo: não consigo encontrar a ponta.

O dia seguinte inteiro o coronel passa dormindo em seu quarto na hospedaria, e o pessoal tem de fazer seus deveres na ponta dos pés. Tento não prestar atenção na nova leva de prisioneiros no pátio. É uma pena que todas as portas do bloco do alojamento, assim como a da escada que leva a meu apartamento, dêem para o pátio. Saio depressa à luz das primeiras horas, me ocupo o dia inteiro com aluguéis municipais, janto à noite com amigos. A caminho de casa, encontro o jovem tenente que acompanhou o coronel Joll ao deserto e lhe dou os parabéns pelo retorno em segurança. “Mas por que não explicou ao coronel que os pescadores não têm como ajudar nas investigações dele?” Ele me olhou embaraçado. “Falei com ele”, me diz, “mas ele só disse assim: ‘Prisioneiros são prisioneiros’. Achei que não era meu papel discutir com ele.”

No dia seguinte, o coronel dá início a seus interrogatórios. Antes, eu pensava que ele era preguiçoso, pouco mais que um burocrata com gostos perversos. Agora, via o quanto estava errado. Em sua busca da verdade, ele

é incansável. O interrogatório começa de manhã cedo e ainda prossegue quando eu volto, depois do escurecer. Ele convocou a ajuda de um caçador que passou a vida matando porcos rio abaixo e rio acima e conhece uma centena de palavras da língua dos pescadores. Um por um, os pescadores são levados para a sala onde o coronel se instalou, para responderem se viram movimentos de cavaleiros estranhos. Até a criança é interrogada: “Algum estranho visitou seu pai durante a noite?”. (Evidentemente, adivinho o que acontece naquela sala, o medo, a confusão, a humilhação.) Os prisioneiros são devolvidos não para o pátio, mas para o salão principal do alojamento: os soldados foram removidos, aquartelados na cidade. Sento em meu quarto com as janelas fechadas, no calor sufocante de uma noite sem vento, tento ler, apuro o ouvido para ouvir ou não ouvir os sons da violência. Por fim, à meia-noite o interrogatório cessa, já não há batidas de portas, nem pisar de pés, o pátio fica silencioso ao luar, e tenho a liberdade de dormir.

A alegria desapareceu de minha vida. Passo o dia brincando com listas e números, esticando pequenas tarefas para preencher as horas. À noite, janto na hospedaria; depois, relutante em voltar para casa, subo para as alas de cubículos e quartos divididos onde dormem os moços das estrebarias e as garotas atendem amigos.

Durmo como um morto. Quando acordo na luz rala do amanhecer, a garota está deitada encolhida no chão. Toco seu braço: “Por que está dormindo aí?”.

Ela retribui o sorriso. “Tudo bem. Estou bem assim.” (É verdade: deitada no tapete macio de pele de carneiro, ela se espreguiça e boceja, seu lindo corpinho nem cabe direito ali.) “Você estava se mexendo no sono, me disse para ir embora, então resolvi que ia dormir melhor aqui.”

“Mandei você embora?”

“Foi: dormindo. Não se incomode.” Ela sobe a meu lado na cama. Eu a abraço com gratidão, sem desejo.

“Gostaria de dormir aqui esta noite de novo”, digo. Ela esfrega o nariz em meu peito. Ocorre-me que tudo o que eu quiser dizer para ela será ouvido com simpatia, com bondade. Mas o que posso dizer? “Coisas terríveis acontecem na noite enquanto você e eu dormimos”? Os chacais dilaceram as entranhas da lebre, mas o mundo continua girando.

Mais um dia e mais uma noite eu passo longe do império da dor. Adormeço nos braços da garota. De manhã, ela está de novo deitada no chão. Ri de minha aflição: “Você me empurrou com as mãos e os pés. Por favor, não se incomode. Não dá para controlar os sonhos, nem o que se faz dormindo”. Gemo e desvio o rosto. Eu a conheço há um ano, visito-a duas vezes por semana neste quarto. Sinto por ela um afeto tranqüilo, que é talvez o que de melhor se pode esperar entre um homem que envelhece e uma garota de vinte anos; melhor que uma paixão possessiva, sem dúvida. Brinquei com a idéia de convidá-la para morar comigo. Tento lembrar qual pesadelo me possuía quando a empurrei, mas não consigo. “Se eu fizer isso de novo, prometa que me lembra”, digo a ela.

Depois, em meu escritório no tribunal, anunciam um visitante. O coronel Joll, usando seus óculos escuros dentro de casa, entra e senta-se diante de mim. Ofereço-lhe chá, surpreso com a firmeza de minha mão. Ele está indo embora, diz. Devo tentar esconder minha alegria? Ele toma o chá, sentado cuidadosamente ereto, inspecionando a sala, as estantes e mais estantes de papéis amarrados com fita, registro de décadas de enfadonha administração, a pequena estante de textos legais, a escrivaninha cheia. Completou a investigação por enquanto, diz, e está com pressa de voltar para a capital e apresentar seu relatório. Tem o ar de um triunfo controlado com austeridade. Balanço a cabeça mostrando que entendi. “Qualquer coisa que possa fazer para facilitar sua viagem...”, digo. Há uma pausa. Depois, no silêncio, como uma pedra num poço, jogo minha pergunta.

“E suas investigações, coronel, entre os nômades e os aborígenes... foram bem-sucedidas como o senhor gostaria?”

Ele encosta os dedos ponta com ponta antes de responder. Tenho a impressão de que sabe o quanto sua afetação me irrita. “Sim, magistrado, posso dizer que tivemos algum sucesso. Principalmente quando se considera que investigações semelhantes estão sendo realizadas em outros pontos da fronteira de maneira coordenada.”

“Isso é ótimo. E pode nos dizer se temos alguma coisa a temer? Podemos descansar em segurança à noite?”

O canto de sua boca se dobra num pequeno sorriso. Ele então se levanta, faz uma reverência, vira-se e sai. Cedo na manhã seguinte parte acompanhado de sua pequena escolta, toma a longa estrada leste de volta à capital. No decorrer de todo um difícil período ele e eu conseguimos nos portar um com o outro como pessoas civilizadas. Toda a minha vida acreditei em comportamento civilizado; nesta ocasião, porém, não posso negar, a lembrança me deixa mal comigo mesmo.

Minha primeira atitude é visitar os prisioneiros. Destranco o salão do alojamento que serviu de prisão para eles, os sentidos já enojados pelo cheiro enjoativo de suor e excremento, e escancaro as portas. “Tirem todos daqui!”, grito para os soldados semivestidos que se põem de pé, olhando para mim, enquanto comem seu mingau de aveia. Da penumbra os prisioneiros espiam, apáticos. “Vão lá dentro e limpem essa sala!”, grito. “Quero tudo limpo! Água e sabão! Quero tudo como era antes!” Os soldados correm para obedecer; mas por que minha raiva se dirige a eles?, devem estar perguntando. Os prisioneiros saem para a luz do dia, piscando, protegendo os olhos. Uma das mulheres tem de ser ajudada. Treme o tempo todo como uma velha, embora seja jovem. Alguns estão doentes demais para ficar em pé.

A última vez que os vi foi cinco dias atrás (se é que posso dizer que os vi, que alguma vez fiz mais que passar os olhos por eles, distraidamente, com relutância). O que sofreram nesses cinco dias não sei. Agora, reunidos pelos guardas, formam um pequeno novelo desamparado no canto do pátio, nômades e pescadores juntos, doentes, esfaimados, estragados,

aterrorizados. Seria melhor se esse capítulo obscuro na história do mundo fosse encerrado de imediato, se essa gente feia fosse obliterada da face da Terra e jurássemos começar de novo, administrar um império onde já não houvesse injustiça nem dor. Custaria pouco fazê-los marchar para o deserto (dando-lhes uma refeição primeiro, talvez, para possibilitar a marcha), mandá-los cavar, com suas últimas forças, uma cova grande o bastante para deitarem todos dentro (ou até mesmo cavar para eles!) e, depois de deixá-los lá enterrados para todo o sempre, voltar para a cidade murada cheios de novas intenções, novas resoluções. Mas não será esse o meu rumo. Os novos homens do Império são os que acreditam em novos começos, novos capítulos, páginas limpas; eu continuo lutando com a velha história, esperando que, antes que termine, ela me revele por que foi que achei que valia a pena. Assim é que, tendo a administração da lei e da ordem nestas partes sido devolvida a minhas mãos, ordeno que os prisioneiros sejam alimentados, que o médico seja chamado para fazer o que puder, que o alojamento volte a ser alojamento, que sejam tomadas providências para devolver os prisioneiros a sua vida anterior o mais depressa possível, o mais longe possível.

2.

Ela está ajoelhada à sombra da muralha do alojamento a poucos metros do portão, enrolada num casaco grande demais para ela, um gorro de pele aberto no chão na sua frente. Tem as sobrancelhas pretas e retas, o cabelo preto brilhante dos bárbaros. O que faz uma mulher bárbara mendigando na cidade? Não há mais que algumas moedas dentro do gorro.

Ao longo do dia, passo por ela mais duas vezes. A cada vez ela me lança um olhar estranho, mirando bem em frente de si mesma até eu chegar perto, depois vira muito lentamente o rosto para mim. Da segunda vez, joga uma moeda no gorro. “Está frio, e é tarde para ficar na rua”, digo. Ela concorda com um gesto de cabeça. O sol está se pondo atrás de uma tira de nuvem negra; o vento do norte já traz um traço de neve; a praça está vazia; sigo adiante.

No dia seguinte, ela não está lá. Falo com o sentinela: “Havia uma mulher sentada ali ontem o dia inteiro, mendigando. De onde ela veio?”. A mulher é cega, ele responde. É uma das bárbaras que o coronel trouxe. Foi deixada para trás.

Dias depois, vejo-a atravessando a praça, andando devagar e desajeitada com duas bengalas, o casaco de pele de carneiro arrastando atrás dela na poeira. Dou ordens; ela é trazida a minhas acomodações, onde fica parada diante de mim, apoiada nas bengalas. “Tire o gorro”, digo. O soldado que a trouxe levanta o gorro dela. É a mesma garota, o mesmo cabelo preto

cortado em franja na testa, a mesma boca larga, os mesmos olhos pretos que olham através e além de mim.

“Me disseram que você é cega.”

“Eu enxergo”, diz ela. Seus olhos se desviam de meu rosto e fixam alguma coisa atrás de mim, à direita.

“De onde você é?” Sem pensar, dou uma olhada por cima de meu ombro: ela está olhando para o nada, para a parede vazia. Seu olhar ficou rígido. Já sabendo a resposta, repito a pergunta. Ela mantém silêncio.

Dispenso o soldado. Ficamos a sós.

“Sei quem você é”, digo. “Sente-se, por favor.” Pego suas bengalas e a ajudo a sentar num banco. Debaixo do casaco, ela veste ceroulas largas de linho, enfiadas nas botas de sola grossa. Tem cheiro de fumaça, de roupa usada, de peixe. As mãos calejadas.

“Ganha a vida pedindo?”, pergunto. “Sei que não devia estar na cidade. Podemos expulsar você a qualquer momento, mandar de volta para o seu povo.”

Ela fica sentada, olhando misteriosamente para a frente.

“Olhe para mim”, digo.

“Estou olhando. É assim que olho.”

Agito a mão diante de seus olhos. Ela pisca. Aproximo meu rosto e olho dentro de seus olhos. Ela desvia o olhar da parede para mim. As íris negras são realçadas pelo branco leitoso, límpido como de criança. Toco seu rosto; ela se sobressalta.

“Perguntei como ganha a vida.”

Ela dá de ombros. “Lavo roupa.”

“Onde vive?”

“Eu vivo.”

“Não permitimos vagabundos na cidade. O inverno está quase chegando. Você tem de ter um lugar para viver. Senão, tem de voltar para o seu povo.”

Ela permanece sentada. Sei que estou rodeando o assunto.

“Posso lhe dar trabalho. Preciso de alguém para arrumar estes cômodos, cuidar da minha roupa suja. Não estou satisfeito com a mulher que está fazendo isso agora.”

Ela entende o que estou oferecendo. Fica sentada muito riça, as mãos no colo.

“Está sozinha? Por favor, responda.”

“Estou.” A voz sai num sussurro. Ela limpa a garganta. “Estou.”

“Estou oferecendo para vir trabalhar aqui. Não pode mendigar na rua. Não posso permitir isso. Além do mais, tem de ter um lugar para morar. Se trabalhar aqui, pode ficar no quarto junto com a cozinheira.”

“O senhor não está entendendo. O senhor não vai querer uma pessoa como eu.” Tateia procurando as bengalas. Sei que não consegue enxergar. “Eu sou...” —estica o indicador, agarra-o com a outra mão e torce. Não faço idéia do que o gesto significa. “Posso ir embora?” Vai até o alto da escada e tem de me esperar para ajudá-la a descer.

O dia passa. Olho para a praça, onde o vento levanta rajadas de poeira. Dois menininhos estão brincando com um aro. Eles o rodam contra o vento. O aro roda para a frente, vai mais devagar, oscila, roda de volta, cai. Os meninos levantam o rosto e correm atrás do aro, o cabelo afastado da testa limpa.

Encontro a moça e paro diante dela. Está sentada, encostada no tronco de uma das grandes nogueiras: é difícil saber sequer se está acordada. “Venha”, digo, e toco seu ombro. Ela sacode a cabeça. “Venha”, digo, “está todo mundo dentro de casa.” Bato a poeira de seu gorro e entrego a ela, ajudo-a a levantar, caminho devagar a seu lado através da praça, vazia a não ser pelo sentinela, que protege os olhos para olhar para nós.

O fogo está aceso. Puxo as cortinas, acendo a lâmpada. Ela recusa o banco, curva-se sobre as bengalas e ajoelha no meio do tapete.

“Não é o que está pensando”, digo. As palavras saem relutantes. Será que estou de fato me desculpando? Ela está com os lábios cerrados com força, os ouvidos também, sem dúvida, não quer nada com velhos e suas

consciências chorosas. Circulo em torno dela, falando de nossas normas sobre vadiagem, mal comigo mesmo. Sua pele começa a brilhar no calor da sala fechada. Ela puxa o casaco, abre a gola para o fogo. A distância entre mim e seus torturadores, compreendo, é insignificante; estremeço.

“Mostre os pés”, digo com uma nova voz, grossa, que parece ser minha. “Mostre o que eles fizeram com seus pés.”

Ela nem me ajuda, nem me impede. Batalho com os cordões e ilhoses do casaco, abro a frente, tiro-lhe as botas. São botas de homem, grandes demais para ela. Dentro delas seus pés estão enfaixados, disformes.

“Deixe ver”, digo.

Ela começa a desenrolar as bandagens sujas. Saio da sala, desço até a cozinha, volto com uma bacia e uma jarra de água morna. Ela está esperando sentada no tapete, os pés nus. São largos, os dedos curtos, as unhas com crostas de sujeira.

Ela passa um dedo pelo lado externo do tornozelo. “Foi aqui que quebraram. O outro também.” Apóia-se nas mãos e estica as pernas.

“Dói?”, pergunto. Passo o dedo pela linha, não sinto nada.

“Não mais. Sarou. Mas quem sabe quando vier o frio?”

“Devia sentar”, digo. Ajudo-a a tirar o casaco, sento-a no banquinho, ponho a água na bacia e começo a lavar seus pés. Por um momento suas pernas continuam tensas; depois relaxam.

Lavo devagar, fazendo espuma, segurando a carne firme das panturrilhas, manipulando os ossos e tendões de seus pés, correndo os dedos entre os artelhos. Mudo de posição, para ajoelhar não na frente mas ao lado dela, de forma que, prendendo a perna entre o cotovelo e o lado do corpo, possa acariciar seu pé com ambas as mãos.

Perco-me no ritmo do que estou fazendo. Perco a consciência da própria moça. Um espaço de tempo me passa em branco: talvez eu nem esteja presente. Quando volto a mim, meus dedos ficaram mais lentos, o pé descansa na bacia, minha cabeça pende.

Enxugo o pé direito, mudo para o outro lado, levanto até o joelho a perna da ceroula larga e, lutando com o sono, começo a lavar o pé esquerdo. “Às vezes esta sala fica muito quente”, digo. A pressão da sua perna contra o lado de meu corpo não diminui. Continuo. “Vou procurar faixa nova para seus pés”, digo, “mas não agora.” Afasto a bacia e enxugo o pé. Tenho consciência de que a garota está lutando para levantar; mas agora, penso, ela tem de se cuidar sozinha. Meus olhos se fecham. Passa a ser um prazer intenso mantê-los fechados, saborear a agradável vertigem. Estico-me no tapete. Num instante estou dormindo. No meio da noite desperto com frio, o corpo duro. O fogo apagou, a garota foi embora.

Observo-a enquanto come. Come como uma pessoa cega, olhando ao longe, trabalhando com o tato. Tem bom apetite, o apetite de uma jovem camponesa robusta.

“Não acredito que você consiga enxergar”, digo.

“Consigo enxergar, sim. Quando olho para a frente, não tem nada, tem...” (esfrega o ar diante de si, como alguém que limpa uma janela).

“Um borrão”, digo.

“Tem um borrão. Mas consigo enxergar com os cantos dos olhos. O olho esquerdo é melhor que o direito. Como é que eu ia saber por onde ando se não enxergasse?”

“Foram eles que fizeram isso com você?”

“Foram.”

“O que eles fizeram?”

Ela dá de ombros e fica em silêncio. O prato está vazio. Sirvo mais do ensopado de feijão de que ela parece gostar tanto. Ela come depressa demais, arrotta com a mão em concha na boca, sorri. “Feijão faz peidar”, diz. A sala está quente, o casaco dela num canto com as botas por baixo, ela usa apenas a bata branca e as ceroulas. Quando ela não olha para mim, sou uma forma cinzenta se movendo imprevisivelmente na periferia de sua

visão. Quando olha, sou um borrão, uma voz, um cheiro, um centro de energia que um dia adormece lavando seus pés e no dia seguinte lhe dá ensopado de feijão e no dia seguinte — ela não sabe.

Sento-a, encho a bacia, enrolo as ceroulas acima de seus joelhos. Agora que os dois pés estão juntos dentro da água, dá para ver que o esquerdo é virado mais para dentro que o direito, que, quando ela fica em pé, tem de pisar na borda externa dos pés. Os tornozelos são grandes, inchados, disformes, a pele riscada de cicatrizes roxas.

Começo a lavá-la. Ela levanta um pé de cada vez para mim. Aperto e massageio os dedos frouxos com o sabonete leitoso e suave. Logo meus olhos se fecham, minha cabeça pende. É um êxtase, de um certo tipo.

Depois que lavo seu pé, começo a lavar suas pernas. Para isso ela tem de ficar em pé na bacia e se apoiar em meu ombro. Minhas mãos sobem e descem por suas pernas, do tornozelo ao joelho, indo e vindo, apertando, batendo, moldando. Ela tem as pernas curtas e sólidas, as panturrilhas fortes. Às vezes, meus dedos correm por trás dos joelhos, acompanhando os tendões, apertando as depressões entre eles. Leves como penas, sobem pela parte de trás de suas coxas.

Ajudo-a a ir para a cama e a enxugo com uma toalha aquecida. Começo a aparar e limpar as unhas de seus pés; mas ondas de sono já estão correndo dentro de mim. Pego minha cabeça caindo, o corpo pendendo para a frente num estupor. Cuidadosamente deixo de lado a tesoura. Depois, completamente vestido, me deito com a cabeça ao lado dos pés dela. Envolver suas pernas com os braços, aninho nelas a cabeça e num instante estou dormindo.

Acordo no escuro. A lâmpada apagou, há um cheiro de pavio queimado. Levanto-me e abro as cortinas. A garota está dormindo encolhida, os joelhos junto ao peito. Quando a toco, ela geme e se encolhe mais. “Está ficando fria”, digo, mas ela não escuta. Estendo um cobertor em cima dela e mais outro.

Primeiro vem o ritual de lavar, para o qual ela agora está nua. Lavo seus pés, como antes, as pernas, as nádegas. Minhas mãos ensaboadas viajam entre suas coxas, sem curiosidade, descubro. Ela levanta os braços para que eu lave as axilas. Lavo sua barriga, os seios. Afasto o cabelo e lavo seu pescoço, a garganta. Ela é paciente. Enxáguo e enxugo seu corpo.

Ela se deita na cama, e fricciono seu corpo com óleo de amêndoas. Fecho os olhos e me perco no ritmo da fricção, enquanto o fogo, alto, ruge na lareira.

Não sinto desejo de penetrar esse corpinho sólido que agora brilha à luz do fogo. Faz uma semana que trocamos as primeiras palavras. Eu a alimentei, abriguei, usei seu corpo, se é isso que estou fazendo, deste jeito estranho. Costumava haver momentos em que certas intimidades a levavam a se enrijecer; mas agora seu corpo cede quando esfrego o rosto em sua barriga ou aperto seus pés entre minhas coxas. Ela cede a tudo. Às vezes, desliza para o sono antes de eu terminar. Dorme tão intensamente como uma criança.

Quanto a mim, diante de seu olhar cego, no calor cerrado do quarto, posso me despir sem embaraço, desnudando minhas canelas finas, os genitais flácidos, a barriga, os peitos frouxos de velho, a pele de peru de meu pescoço. Vejo-me andando de um lado para outro sem pensar nessa nudez, às vezes parado a me aquecer diante do fogo depois que a garota adormeceu, ou sentado numa cadeira para ler.

Mas no mais das vezes no próprio ato de acariciá-la sou dominado pelo sono como se fosse abatido a machado, caio no esquecimento estendido em cima do corpo dela e acordo uma ou duas horas depois, tonto, confuso, com sede. Esses sonos sem sonhos são como a morte para mim, ou um encantamento, um vazio, fora do tempo.

Uma noite, ao esfregar seu couro cabeludo com óleo, ao massagear as têmporas e a testa, noto no canto de um olho uma dobra cinzenta como se

ali houvesse uma lagarta com a cabeça por baixo de sua pálpebra, comendo.

“O que é isto?”, pergunto, acompanhando a lagarta com a unha.

“Foi aí que eles me tocaram”, ela diz, e tira minha mão.

“Dói?”

Ela sacode a cabeça.

“Deixe eu ver.”

Está ficando cada vez mais claro para mim que, enquanto as marcas no corpo dessa garota não forem decifradas e entendidas, não posso deixar que ela vá embora. Com o indicador e o polegar afasto sua pálpebra. A lagarta termina, decapitada, na borda interna rosada da pálpebra. Não há nenhuma outra marca. O olho está sadio.

Olho dentro do olho. Devo acreditar que, ao olhar para mim, ela não vê nada — meus pés talvez, partes do quarto, um círculo de luz enevoada, mas no centro, onde estou, apenas um borrão, um vazio? Passo a mão devagar diante de seu rosto, observando as pupilas. Não consigo perceber nenhum movimento. Ela não pisca. Mas sorri. “Por que você faz isso? Acha que eu não enxergo?” Olhos castanhos, tão castanhos que parecem pretos.

Toco sua testa com os lábios. “O que eles fizeram com você?”, murmuro. Minha língua está lenta, oscilo nos pés de exaustão. “Por que não quer me contar?”

Ela sacode a cabeça. À beira do esquecimento, me volta à mente que senti nos dedos, ao passá-los sobre suas nádegas, uma rede de sulcos debaixo da pele. “Nada é pior do que aquilo que somos capazes de imaginar”, resmungo. Ela não dá sinal de que sequer me escutou. Atiro-me no sofá, puxando-a para o meu lado, bocejo. “Me conte”, quero dizer, “não faça mistério disso, dor é apenas dor”; mas as palavras me fogem. Meu braço se dobra em torno dela, meus lábios na curva da orelha, me esforço para falar; e cai a escuridão.

Eu a livreí da vergonha de mendigar e a instalei na cozinha do alojamento como lavadora de pratos. “Da cozinha para a cama do magistrado em apenas dezesseis degraus” — é assim que os soldados falam das ajudantes de cozinha. Outro ditado deles: “Qual a última coisa que o magistrado faz quando sai de manhã? — Fecha sua última garota no forno”. Quanto menor a cidade, mais rico é o zumbido da intriga. Não há assuntos privados aqui. A intriga é o ar que se respira.

Durante parte do dia ela lava pratos, descasca legumes, ajuda a assar o pão e a preparar a rotina de aveia, sopa e guisado que os soldados comem. Além dela, há uma velha que reina na cozinha quase desde que sou magistrado, e duas garotas, a mais nova das quais subiu os dezesseis degraus uma ou duas vezes no ano passado. De início, temi que essas duas fossem se juntar contra ela; mas não, parecem ter feito amizade bem depressa. Quando passo pela porta da cozinha ao sair, escuto, abafadas pelo calor cheio de vapores, vozes, conversas suaves, risadas. Diverte-me descobrir em mim uma ligeira pontada de ciúme.

“É ruim o trabalho?”, pergunto a ela.

“Gosto das outras garotas. São boazinhas.”

“Pelo menos é melhor que mendigar, não é?”

“É.”

As três garotas dormem juntas num quartinho algumas portas além da cozinha, se não vão dormir em algum outro lugar. É para esse quarto que ela vai no escuro se a mando embora de noite ou de manhã cedo. Sem dúvida as amigas devem ter investigado esses seus encontros amorosos, e os detalhes devem correr pela praça do mercado. Quanto mais velho o homem, mais grotescas as pessoas acham suas uniões, como espasmos de um animal moribundo. Não consigo desempenhar o papel de um homem de ferro ou de um viúvo santo. Risos, piadas, olhares significativos — são parte do preço que estou conformado a pagar.

“Gosta de viver na cidade?”, pergunto a ela, cautelosamente.

“Gosto quase sempre. Tem mais coisa para fazer.”

“Sente falta de algo?”

“Sinto falta da minha irmã.”

“Se quiser mesmo voltar”, digo, “mando levar você.”

“Levar aonde?”, diz ela. Está deitada de costas com as mãos placidamente sobre os seios. Estou deitado a seu lado, falando baixinho. É aí que se faz a pausa. É aí que minha mão, acariciando sua barriga, parece mais desajeitada que uma lagosta. O impulso erótico, se é isso que tem sido, se esgota; com surpresa, me vejo apertado a essa garota impassível, sem conseguir lembrar do que desejei nela, com raiva de mim mesmo por querer e não querer.

Quanto a ela, ignora minhas oscilações de humor. Seus dias começaram a se acomodar numa rotina com a qual parece contente. De manhã, assim que saio, ela vem varrer e tirar o pó do apartamento. Em seguida, ajuda na cozinha com a refeição do meio-dia. Suas tardes são quase sempre livres. Depois da refeição da noite, depois que todas as panelas e potes foram areados, o chão lavado, o fogo apagado, ela deixa suas companheiras e sobe os degraus até mim. Despe-se e se deita, esperando minhas inexplicáveis atenções. Talvez eu sente ao lado dela, acariciando seu corpo, esperando por um fluxo de sangue que nunca vem de fato. Talvez simplesmente assopre a lâmpada e me acomode com ela. No escuro, ela logo esquece de mim e adormece. Fico então ao lado desse corpo jovem e saudável enquanto ele mergulha no sono com uma saúde cada vez mais sólida, trabalhando em silêncio até nos pontos dos danos irremediáveis, os olhos, os pés, para ficar inteiro de novo.

Penso em retrospecto, tento recuperar uma imagem dela como ela era antes. Devo acreditar que a vi no dia em que foi trazida pelos soldados, amarrada com uma corda pelo pescoço ao pescoço dos outros prisioneiros bárbaros. Sei que meu olhar deve ter passado por ela quando, junto com os outros, ela sentou no pátio do alojamento, esperando o que iria acontecer depois. Meus olhos passaram por ela; mas não tenho lembrança dessa passagem. Naquele dia, ela ainda não estava marcada; mas devo acreditar

que ela não estava marcada do mesmo jeito que devo acreditar que ela um dia foi uma criança, uma menininha de rabo-de-cavalo correndo atrás do carneirinho de estimação num universo onde, em algum lugar distante, eu passei no auge de minha vida. Por mais que me esforce, minha primeira imagem continua sendo a da mendiga ajoelhada.

Eu não penetrei nela. Desde o começo meu desejo não tomou esse rumo, assim direto. Aninhar meu membro seco de velho naquela bainha quente de sangue me faz pensar em ácido no leite, em cinzas no mel, em giz no pão. Quando olho para o corpo dela nu e para o meu, acho impossível acreditar que um dia imaginei a forma humana como uma flor a se irradiar de um cerne nas entranhas. Esses corpos dela e meu são difusos, gasosos, sem centro, giram um momento em torno de um vórtice aqui, em outro se coagulam e engrossam em outra parte; mas muitas vezes também vazios, chatos. Sei o que fazer com ela tanto quanto uma nuvem no céu sabe o que fazer com outra.

Fico olhando enquanto ela se despe, esperando captar em seus movimentos um indício de um antigo estado de liberdade. Mas mesmo o movimento com que ela tira a bata pela cabeça e joga de lado é obscuro, defensivo, travado, como se ela tivesse medo de bater em obstáculos que não viu. Seu rosto tem o ar de algo que se sabe observado.

De uma armadilha, eu trouxe um filhotinho de raposa-prateada. Não tem mais que alguns meses, mal se desmamou, com dentes que parecem uma serra afiada. No primeiro dia, ela o levou junto para a cozinha, mas ele ficou aterrorizado com o fogo e com o barulho, então ela o mantém no segundo andar, onde ele se esconde o dia inteiro debaixo da mobília. De noite, às vezes escuto o clique-clique das patinhas no chão de madeira enquanto ele passeia. Bebe leite num pires e come pedacinhos de carne cozida. Não dá para treiná-lo para fazer fora as necessidades, a casa começa a cheirar com seus detritos; mas ainda é muito cedo para deixá-lo solto no pátio. A cada poucos dias, chamo o neto da cozinheira para se esgueirar por trás do armário e debaixo das cadeiras para limpar a sujeira.

“É uma criaturinha bonita”, digo.

Ela dá de ombros. “Lugar de bicho é lá fora.”

“Quer que eu leve o bichinho até o lago e solte?”

“Não pode fazer isso, ele ainda é muito novo, vai morrer de fome, ou então os cachorros pegam.”

Então o filhotinho de raposa fica. Às vezes, vejo seu focinho comprido investigando de um canto escuro. Fora isso, é apenas um ruído na noite e um cheiro de urina por toda parte enquanto espero que cresça o suficiente para me desfazer dele.

“As pessoas vão dizer que tenho dois bichinhos em meu apartamento, uma raposa e uma garota.”

Ela não entende a piada, ou não gosta. Cerra os lábios, o olho rigidamente fixo na parede, sei que está fazendo o que pode para me olhar feio. Meu coração bate por ela, mas o que posso fazer? Posso aparecer diante dela vestido com minhas roupas oficiais, posso ficar nu diante dela, ou abrir o peito para ela, sou sempre o mesmo homem. “Desculpe”, digo, as palavras caindo, inertes, de minha boca. Estendo cinco dedos pastosos e acaricio seu cabelo. “Claro que não é a mesma coisa.”

Um após outro, entrevisto os homens que estavam a postos quando os prisioneiros foram interrogados. De cada um recolho o mesmo relato: mal falaram com os prisioneiros, não lhes era permitido entrar na sala onde aconteceram os interrogatórios, não podem me contar o que houve lá dentro. Mas, da mulher que varre, consigo uma descrição da sala: “Só uma mesinha, uns banquinhos, três banquinhos, e um colchão no canto, o resto bem vazio... Não, não tinha fogo, só um braseiro. Eu tirava as cinzas”.

Agora que a vida voltou ao normal, a sala está em uso outra vez. A meu pedido, os quatro soldados que estão aquartelados lá arrastam seus baús para a galeria, empilham seus colchões, pratos e canecas em cima, removem os varais de roupa lavada. Fecho a porta e fico na sala vazia. O ar

é parado e frio. O lago já está começando a congelar. A primeira neve caiu. Ouço ao longe os sininhos de uma carroça. Fecho os olhos e faço um esforço para imaginar como devia ser a sala dois meses atrás, durante a visita do coronel; mas é difícil me perder na divagação com os quatro rapazes vadiando lá fora, esfregando as mãos, batendo os pés, murmurando, impacientes por que eu vá embora, o hálito quente deles formando nuvens no ar.

Ajoelho-me para examinar o chão. Está limpo, é varrido diariamente, é como o chão de qualquer sala. Acima da lareira, na parede e no teto há fuligem. Há também uma marca do tamanho de minha mão onde a fuligem foi esfregada na parede. No mais, as paredes são limpas. Que indícios posso estar procurando? Abro a porta e faço sinal para os homens trazerem de volta seus pertences.

Entrevisto uma segunda vez os dois que estiveram de serviço no pátio. “Me contem exatamente o que aconteceu quando os prisioneiros foram interrogados. Me contem o que vocês viram por seus olhos.”

O mais alto responde, um rapaz de queixo comprido e ar impetuoso de quem sempre gostei. “O oficial...”

“O oficial da polícia?”

“É... O oficial da polícia ia até o salão onde os prisioneiros estavam e apontava. A gente pegava os prisioneiros que ele queria e levava para serem interrogados. Depois, levava eles de volta.”

“Um por vez?”

“Nem sempre. Às vezes dois.”

“Como sabe, um dos prisioneiros morreu depois. Você se lembra desse prisioneiro? Sabe o que fizeram com ele?”

“A gente ouviu dizer que ele ficou maluco e atacou.”

“É?”

“Foi isso que a gente ouviu dizer. Eu ajudei a carregar ele de volta para o salão. Onde eles todos dormiam. Estava respirando esquisito, muito fundo e depressa. Foi a última vez que eu vi. No dia seguinte, estava morto.”

“Continue. Estou ouvindo. Quero que me conte tudo o que lembrar.”

O rosto do rapaz está contraído. Tenho certeza de que foi aconselhado a não falar. “Esse homem foi interrogado durante mais tempo que todos os outros. Eu vi ele sentado sozinho num canto depois que foi lá a primeira vez, segurando a cabeça.” Os olhos dele espiam de relance o companheiro. “Ele não queria comer nada. Não estava com fome. A filha estava junto com ele: ela tentou fazer ele comer, mas ele não quis.”

“O que aconteceu com a filha dele?”

“Ela também foi interrogada, mas não por tanto tempo.”

“Continue.”

Mas ele não tem mais nada para contar.

“Escute”, digo, “nós dois sabemos quem é a filha dele. É a garota que fica comigo. Isso não é segredo. Agora continue: me conte o que aconteceu.”

“Eu não sei, *sir*! Eu não estava lá quase nunca.” Ele apela para o amigo, mas o amigo fica mudo. “Às vezes, dava para ouvir gritos, acho que bateram nela, mas eu não estava lá. Quando saía do serviço, eu ia embora.”

“Como sabe, ela hoje não pode andar. Quebraram os pés dela. Eles fizeram essas coisas com ela na frente do outro homem, do pai dela?”

“É, acho que foi.”

“E, como sabe, ela não enxerga mais direito. Quando fizeram isso?”

“*Sir*, eram muitos prisioneiros para cuidar, alguns doentes! Eu sabia que ela estava com os pés quebrados, mas só fiquei sabendo que ela estava cega muito tempo depois. Eu não podia fazer nada, não queria me envolver com uma coisa que eu não entendia!”

O amigo dele não tem nada a acrescentar. Dispensando os dois. “Não fiquem com medo por ter falado comigo”, digo.

À noite, o sonho volta. Estou andando na neve de uma planície sem fim na direção de um grupo de figurinhas que brincam em volta de um castelo de neve. Quando me aproximo, as crianças se afastam ou derretem no ar. Só uma figura permanece, uma criança encapuzada, sentada de costas

para mim. Circundo a criança, que continua a bater levemente a neve nos lados do castelo, até conseguir dar uma espiada embaixo do capuz. O rosto que vejo é vazio, sem feições; é o rosto de um embrião ou de uma baleia minúscula; não é um rosto, mas outra parte do corpo humano que se avoluma sob a pele; é branca; é a própria neve. Entre dedos amortecidos estendo uma moeda.

O inverno se instalou. O vento sopra do norte e soprará incessantemente nos próximos quatro meses. De pé diante da janela, com a testa encostada no vidro frio, escuto seu assobio no beiral, levantando e abaixando uma telha solta. Nuvens de poeira correm pela praça, poeira se acumula na vidraça. O céu está cheio de poeira fina, o sol nada num céu alaranjado e se põe vermelho-cobre. De quando em quando, rajadas de neve pontilham temporariamente a terra de branco. O cerco do inverno está em curso. Os campos estão vazios, ninguém tem motivo para sair dos muros da cidade, a não ser os poucos que ganham a vida caçando. A parada da guarnição, que ocorria duas vezes por semana, foi suspensa, os soldados têm permissão para deixar o alojamento se quiserem e morar na cidade, porque há pouco mais para fazerem do que comer e dormir. Quando caminho pela plataforma de manhã cedinho, metade dos postos de vigia estão vazios e os sentinelas amortecidos em serviço, envoltos em peles, lutam para erguer a mão em continência. Podiam muito bem estar em suas camas. Enquanto dure o inverno, o Império está em segurança: fora do alcance dos olhos, os bárbaros também estão encolhidos em volta de seus fogões, rilhando os dentes de frio.

Não houve visitantes bárbaros este ano. Grupos de nômades costumavam vir visitar o assentamento no inverno e armar suas tendas fora dos muros, para negociar, trocar lã, peles, feltro e trabalhos em couro por artigos de algodão, chá, açúcar, feijão, farinha. Nós valorizamos os trabalhos em couro dos bárbaros, principalmente as sólidas botas que eles

fabricam. No passado, eu encorajei o comércio mas proibi pagamento em dinheiro. Tentei também manter as tavernas fechadas para eles. Acima de tudo, não quero ver um assentamento parasita crescer nos arredores da cidade, habitado por mendigos e vadios escravizados à bebida forte. Sempre me doía, antigamente, ver essa gente cair vítima dos enganos dos comerciantes, trocando seus bens por bugigangas, caída bêbada na sarjeta, assim confirmando a litania de preconceito dos pioneiros: de que os bárbaros são preguiçosos, imorais, imundos, burros. Onde a civilização acarretasse a corrupção de virtudes bárbaras e a criação de um povo dependente, concluí, eu seria contra a civilização; e tomei essa resolução como base para a conduta de minha administração. (Quem diz isso é alguém que tem uma garota bárbara na cama!)

Mas este ano uma cortina caiu por toda a fronteira. Das plataformas de nossa muralha podemos ver longe nos ermos. Pelo que sabemos, olhos mais penetrantes que os nossos observam de volta. O comércio está no fim. Desde que chegou da capital a notícia de que será feito tudo o que for necessário para salvaguardar o Império, independentemente do custo, retornamos a uma idade de reides e vigilância armada. Não há nada a fazer, senão manter nossas espadas brilhando, vigiar e esperar.

Passo meu tempo com minhas velhas recreações. Leio os clássicos; continuo a catalogar minhas diversas coleções; confiro todos os mapas que temos da região sul do deserto; nos dias em que o vento não está tão cortante, levo um grupo de cavadores para limpar a areia soprada das escavações; e uma ou duas vezes por semana saio sozinho de manhã bem cedo para caçar antílopes ao longo das margens do lago.

Uma geração atrás havia antílopes e lebres em tal número que vigias com cães tinham de patrulhar os campos à noite para proteger o trigo novo. Mas sob a pressão do assentamento, principalmente dos cachorros, que correm soltos e caçam em bandos, os antílopes recuaram para o leste e para o norte, nos baixios do rio e da margem mais distante. Agora o caçador tem

de estar preparado para cavalgar pelo menos uma hora antes de poder começar sua espreita.

Às vezes, numa manhã fresca, me sinto capaz de viver de novo toda a força e agilidade de minha virilidade. Como uma aparição deslizo de junco em junco. Calçando botas que assimilaram trinta anos de graxa, passo a vau pela água gelada. Por cima do casaco uso minha velha e imensa pele de urso. Forma-se geada em minha barba, mas meus dedos estão quentes dentro das luvas. Meus olhos estão alertas, minha audição aguçada, farejo o ar como um cão de caça, sinto uma alegria autêntica.

Hoje deixo meu cavalo amarrado onde termina a linha de relva do pântano, na desolada margem sudoeste, e começo a abrir caminho pelos juncos. O vento sopra frio e seco, direto em meus olhos, o sol está suspenso como uma laranja num horizonte riscado de negro e roxo. Quase imediatamente, com uma sorte absurda, topo com um waterbuck, um macho com pesados chifres recurvos, com sua farta pelagem de inverno, de lado para mim, oscilando ao se esticar para as pontas dos juncos. A menos de trinta passos de distância, vejo o plácido movimento circular de sua mandíbula, escuto o bater dos cascos na água. Em torno das patas, próximo dos cascos, dá para ver pequenos círculos de gotas de gelo.

Ainda estou mal sintonizado com o local; mesmo assim, quando o macho se empina, dobrando as pernas dianteiras sob o peito, levanto a arma e miro atrás de seu ombro. O movimento é calmo e firme, mas talvez o sol cintile no cano, porque ele, ao descer, vira a cabeça e me vê. Seus cascos tocam o gelo com um clique, a mandíbula se detém no meio do movimento, olhamos um para o outro.

Meu coração não se acelera: evidentemente não é importante para mim que o macho morra.

Ele masca de novo, uma deslizada única dos maxilares, e pára. No límpido silêncio da manhã, encontro um sentimento obscuro à espreita no limiar de minha consciência. Com o bicho ali na minha frente suspenso em imobilidade, parece haver tempo para tudo, tempo até para voltar meu

olhar para dentro e ver o que é que privou de sabor a caçada: a sensação de que isto se tornou não mais uma manhã de caça, mas uma ocasião em que ou o macho sangra até morrer no gelo ou o velho caçador erra o alvo; de que, pela duração deste momento congelado, as estrelas travaram numa configuração em que os eventos já não são eles mesmos, mas indicam outras coisas. Atrás de minha frágil cobertura, ali fico, tentando afastar essa irritante e estranha sensação, até que o waterbuck se vira e com um movimento da cauda e um breve bater de cascos na água desaparece entre os juncos altos.

Arrasto-me por ali sem objetivo durante uma hora antes de voltar.

“Nunca antes eu tive a sensação de não viver minha própria vida nos meus próprios termos”, digo à garota, tentando explicar o que aconteceu. Ela fica inquieta com conversas desse tipo, pela exigência que pareço estar fazendo de uma resposta sua. “Não entendo”, diz. Balança a cabeça. “Você não queria atirar nesse bicho?”

Durante um bom tempo há silêncio entre nós.

“Se você quer fazer alguma coisa, você faz”, diz ela, muito firme. Está se esforçando para ser clara; mas talvez esteja querendo dizer: “Se você quisesse fazer isso, teria feito”. A linguagem improvisada entre nós não tem nuances. Ela tem apreço por fatos, observo, por ditados pragmáticos; não gosta de fantasia, de perguntas, de especulações; somos um casal descombinado. Talvez seja assim que as crianças bárbaras são criadas: para viver segundo a rotina, segundo a sabedoria passada por seus pais.

“E você?”, pergunto. “Faz tudo o que quer?” Tenho uma sensação de abandono, de estar me deixando levar perigosamente longe pelas palavras. “Está aqui na cama comigo porque é o que você quer?”

Ela está nua, a pele untada com óleo brilhando em ouro vegetal à luz do fogo. Há momentos — sinto um deles se instalar agora — em que o desejo que sinto por ela, geralmente tão obscuro, cintila numa forma que consigo reconhecer. Minhas mãos se agitam, acariciam-na, se moldam ao contorno de seus seios.

Ela não responde a minhas palavras, mas eu mergulho, abraçando-a com força, falando grosso e baixo em seu ouvido: “Vamos, me diga por que está aqui”.

“Porque não tem lugar nenhum para ir.”

“E por que eu quero você aqui?”

Ela se mexe em meu abraço, aperta a mão cerrada entre seu peito e o meu. “Você quer falar o tempo inteiro”, reclama. A simplicidade do momento se encerra; nos separamos e ficamos deitados em silêncio lado a lado. Que pássaro tem ânimo de cantar num emaranhado de espinhos? “Você não devia ir caçar se não gosta.”

Balanço a cabeça. Não é esse o sentido da história, mas o que adianta discutir? Sou como um professor incompetente, pescando ao léu com os fórceps de minha maiêutica quando devia estar preenchendo essa moça com a verdade.

Ela fala. “Você está sempre me fazendo essa pergunta, então agora vou responder. Era um garfo, uma espécie de garfo com dois dentes só. Tinha uns nozinhos nos dentes para não ficarem cortantes. Eles punham na brasa até ficar quente, depois encostavam aquilo em você, para queimar. Eu vi as marcas onde eles queimaram as pessoas.”

É essa a pergunta que fiz? Quero protestar, mas em vez disso continuo escutando, com calafrios.

“Eles não me queimaram. Disseram que iam queimar meus olhos, mas não queimaram. O homem pôs aquilo bem perto da minha cara e me fez olhar. Seguraram minhas pálpebras abertas. Mas eu não tinha nada para dizer para eles. Foi só isso.

“Foi aí que veio o estrago. Depois disso eu não conseguia mais enxergar direito. Tinha um borrão no meio de tudo o que eu olhava; só conseguia enxergar as beiradas. É difícil de explicar.

“Mas agora está melhorando. O olho esquerdo está melhorando. É só isso.”

Tomo seu rosto entre as mãos e olho os centros mortos de seus olhos, nos quais reflexos gêmeos de mim mesmo olham solenemente de volta. “E isto?”, digo, tocando a queimadura em forma de verme no canto.

“Isso não é nada. Foi onde o ferro tocou em mim. Queimou um pouquinho. Não dói.” Ela empurra minha mão.

“O que você sente pelos homens que fizeram isso?”

Ela fica pensando um bom tempo. Depois diz: “Estou cansada de falar”.

Há outros momentos em que tenho crises de ressentimento contra a minha prisão ao ritual de passar óleo e friccionar, a sonolência, o colapso no esquecimento. Não consigo entender que prazer posso ter encontrado em seu corpo obstinado, fleugmático, e descubro em mim um impulso de indignação. Fico recolhido, irritável; a garota vira de costas e adormece.

Assim mal-humorado, faço uma visita uma noite aos quartos do segundo andar da hospedaria. Quando estou subindo a instável escada externa, um homem que não reconheço passa depressa por mim, baixando a cabeça. Bato na segunda porta do corredor e entro. O quarto está exatamente como lembro: a cama muito bem-arrumada, a estante acima dela cheia de bugigangas e brinquedos, duas velas queimando, um refulgir de calor vindo do grande conduto que corre ao longo da parede, um cheiro de flor de laranjeira no ar. A garota está ocupada na frente do espelho. Sobressalta-se com a minha entrada, mas levanta sorrindo para me receber e tranca a porta. Nada parece mais natural do que sentá-la na cama e começar a despi-la. Encolhendo-se levemente, ela me ajuda a desnudar seu corpo bom. “Como senti sua falta!”, ela suspira. “Que prazer estar de volta!”, sussurro. É que prazer ouvir mentira tão lisonjeira! Abraço-a, me enterro nela, perco-me em seus suaves movimentos de pássaro. O corpo da outra, fechado, pesado, dormindo em minha cama num quarto distante, parece além da compreensão. Ocupado nestes delicados prazeres, não consigo imaginar o que pode me atrair para aquele corpo estranho. A garota em

meus braços se agita, ofega, grita ao chegar ao clímax. Sorrindo de alegria, deslizando para um langoroso semi-sono, me ocorre que não consigo nem lembrar do rosto da outra. “Ela é incompleta!”, digo a mim mesmo. Embora imediatamente o pensamento comece a flutuar à deriva, me apego a ele. Tenho uma visão dos olhos fechados e do rosto fechado dela se cobrindo com uma película. Em branco, como um punho debaixo de uma peruca preta, o rosto nasce do pescoço e do corpo em branco abaixo dele, sem abertura, sem entrada. Estremeço de repulsa nos braços de minha pequena mulher-pássaro, aperto-a contra mim.

Quando mais tarde, no meio da noite, me solto de seus braços, ela se queixa, mas não desperta. Visto-me no escuro, fecho a porta ao sair, tateio escada abaixo, corro de volta para casa com a neve crepitando debaixo dos pés e um vento gelado penetrando em minhas costas.

Acendo uma vela e me curvo sobre a forma à qual, ao que parece, estou até certo ponto escravizado. Traço de leve as linhas de seu rosto com a ponta do dedo: o queixo bem definido, as maçãs do rosto salientes, a boca larga. De leve toco as pálpebras. Tenho certeza de que ela está acordada, embora não dê sinal.

Fecho os olhos, respiro fundo para acalmar minha agitação e me concentro inteiramente em vê-la através de meus dedos cegos. Ela é bonita? A garota que acabo de deixar, a garota que ela pode talvez (de repente me dou conta) farejar em mim, é muito bonita, quanto a isso não há discussão: a intensidade de meu prazer com ela é marcada pela elegância de seu corpo minúsculo, por suas maneiras, seus movimentos. Mas desta aqui não há nada que eu possa dizer com certeza. Não há ligação que eu consiga definir entre sua feminilidade e meu desejo. Não consigo nem dizer com certeza se a desejo. Todo esse meu comportamento erótico é tortuoso: circulo em torno dela, toco seu rosto, acaricio seu corpo, sem penetrá-la nem sentir necessidade disso. Acabo de chegar da cama de uma mulher por quem, ao longo do ano em que a conheço, nem por um momento tive de questionar meu desejo: desejá-la significou envolvê-la e

penetrá-la, perfurar sua superfície e agitar a quietude de seu interior numa tempestade extática; depois sair, serenar, esperar o desejo se reconstituir. Mas com esta mulher é como se não houvesse interior, apenas a superfície pela qual eu caço para cima e para baixo procurando entrada. Foi assim que se sentiram seus torturadores caçando seu segredo, fosse ele qual fosse? Pela primeira vez sinto uma seca pena deles: que erro mais natural achar que se pode queimar, rasgar, socar a entrada no corpo secreto do outro! A garota está deitada em minha cama, mas não há nenhuma boa razão para que seja uma cama. Comporto-me sob alguns aspectos como amante — dispo-a, dou-lhe banho, acaricio seu corpo, durmo a seu lado —, mas poderia igualmente amarrá-la a uma cadeira e bater nela, não seria menos íntimo.

Não que alguma coisa esteja para acontecer em mim como acontece a alguns homens de certa idade, um declínio da libertinagem para atos vingativos de desejo impotente. Se uma mudança em meu ser moral estivesse ocorrendo, eu sentiria; e nem teria feito a experiência tranquilizadora desta noite. Sou o mesmo homem que sempre fui; mas o tempo se partiu, algo caiu do céu em cima de mim, ao acaso, de lugar nenhum: este corpo em minha cama, pelo qual sou responsável, ou assim parece, senão por que o conservaria? Por enquanto, talvez para sempre, estou simplesmente perplexo. Parece a mesma coisa se me deito ao lado dela e adormeço ou se a embrulho num lençol e a enterro na neve. Ainda assim, curvado sobre ela, tocando a ponta dos dedos em sua testa, tenho o cuidado de não deixar pingar a cera.

Não consigo resolver se ela adivinha ou não onde estive; mas na noite seguinte, quando estou quase embalado no sono pelo ritmo da unção com óleo e da fricção, sinto minha mão detida, segura, guiada para o meio das suas pernas. Durante algum tempo ela pousa sobre seu sexo; depois verto um pouco de óleo aquecido nos dedos e começo a acariciá-la. Depressa a

tensão se acumula em seu corpo; ela arqueia e estremece, afasta minha mão. Continuo a esfregar o corpo dela até que também eu relaxo e sou dominado pelo sono.

Não experimento nenhuma excitação durante esse ato, o mais colaborativo que até agora realizamos. Não me sinto mais próximo dela, e ela parece também pouco afetada por ele. Examino seu rosto na manhã seguinte: não tem expressão. Ela se veste e desce para seu dia na cozinha.

Estou inquieto. “O que tenho de fazer para comover você?”: são essas as palavras que escuto em minha cabeça no murmúrio subterrâneo que começou a tomar o lugar da conversação. “Ninguém comove você?”; e com uma pontada de horror vejo a resposta que está esperando o tempo todo para se oferecer a mim na imagem de um rosto mascarado por dois negros olhos vítreos de inseto dos quais não vem nenhum olhar recíproco, mas apenas minha imagem duplicada lançada de volta para mim.

Balanço a cabeça numa fúria de incredulidade. *Não! Não! Não!*, grito para mim mesmo. Sou eu que estou seduzindo a mim mesmo, por vaidade, com esses sentidos e correspondências. Que depravação é essa que rasteja para cima de mim? Procuro segredos e respostas, por mais bizarros, como uma velha que lê nas folhas de chá. Não há nada que me ligue aos torturadores, pessoas que ficam sentadas esperando como besouros em porões escuros. Como posso acreditar que uma cama seja qualquer coisa além de uma cama, um corpo de mulher qualquer coisa além de um local de alegria? Tenho de afirmar minha distância do coronel Joll! Não vou sofrer pelos crimes dele!

Começo a visitar a garota da hospedaria regularmente. Há momentos durante o dia, em meu escritório atrás do tribunal, em que minha atenção vagueia e flutuo em devaneio erótico, fico quente e inchado de excitação, paio sobre o corpo dela como um jovem luxurioso e sonhador; depois, relutante, tenho de me concentrar de novo no tédio da papelada ou ir até a

janela e olhar a rua. Lembro como nos primeiros anos de minha nomeação para cá eu costumava rondar os lados mais escuros da cidade ao entardecer, escondendo o rosto na capa; como às vezes uma esposa insatisfeita, debruçada na meia-porta com o fogo brilhando atrás dela, correspondia ao meu olhar sem vacilar; como eu puxava conversa com garotas jovens que passeavam em duplas e trios, comprava-lhes sorvete, depois levava talvez uma delas para o escuro de um velho celeiro e uma cama de sacos. Se havia alguma coisa a invejar num posto de fronteira, me diziam os amigos, era a moral fácil dos oásis, as longas noites olorosas do verão, as complacentes mulheres de olhos negros. Durante anos exibi o ar de um porco bem nutrido premiado. Depois, essa promiscuidade modulou para relações mais discretas com governantas e garotas alojadas às vezes em meu apartamento, mas no mais das vezes embaixo, com as ajudantes de cozinha, e em ligações com as garotas da hospedaria. Descobri que precisava de mulheres menos freqüentemente; passava mais tempo em meu trabalho, em meus hobbies, minhas antiguidades, minha cartografia.

Não só isso; havia inquietantes ocasiões em que no meio do ato sexual eu me sentia perdendo o rumo como um contador de histórias que perde o fio de sua história. Pensei com um estremecimento naquelas figuras engraçadas, velhos gordos cujo coração sobrecarregado pára de bater, que morrem nos braços da amante com uma desculpa nos lábios e têm de ser carregados para fora e jogados numa viela escura para salvar a reputação da casa. O clímax do ato em si ficou remoto, insignificante, uma esquisitice. Às vezes, eu escorregava para uma interrupção, às vezes continuava mecanicamente até o final. Durante semanas e meses me retirava ao celibato. O velho deleite no calor e na forma dos corpos femininos não me abandonou, mas havia uma nova perplexidade. Será que realmente quero penetrar nessas belas criaturas e reivindicar a posse delas? O desejo parecia trazer consigo um *páthos* de distância e separação que era inútil negar. Eu nem conseguia entender sempre por que uma parte de meu corpo, com seus anseios irracionais e falsas promessas, devia ser preferido a qualquer

outro como um canal de desejo. Às vezes, meu sexo me parecia outro ser inteiramente distinto, um animal estúpido que vivia como um parasita em cima de mim, inchando e murchando de acordo com apetites autônomos, ancorado em minha carne com garras que eu não conseguia soltar. Por que tenho de levar você de mulher para mulher, eu perguntava: simplesmente porque você nasceu sem pernas? Faria alguma diferença se você estivesse enraizado num gato ou num cachorro em vez de estar enraizado em mim?

Em outros momentos, porém, e particularmente no último ano, com a garota cujo apelido na hospedaria era A Estrela mas em quem eu sempre pensava como sendo um pássaro, senti de novo o poder do velho encantamento sensual, mergulhei em seu corpo e fui transportado aos antigos limites do prazer. Então pensei: “Não é nada mais que uma questão de idade, de ciclos de desejo e apatia num corpo que está lentamente esfriando e morrendo. Quando eu era jovem, o mero cheiro de uma mulher me excitava; agora é evidentemente apenas a mais doce, a mais jovem, a mais nova que tem esse poder. Um dia desses serão menininhos”. Com algum desagrado eu esperava os meus últimos anos neste oásis de plenitude.

Três noites em seguida, agora, eu a visito em seu quartinho, levando presentes de óleo de cananga, doces e um vidro de ovas de peixe defumadas que sei que ela adora devorar em segredo. Quando a abraço, ela fecha os olhos; tremores que parecem de prazer percorrem seu corpo. O amigo que a recomendou para mim me falou de seus talentos: “É tudo representação, claro”, disse, “mas nesse caso a diferença é que ela acredita no papel que representa”. Quanto a mim, descubro que não me importa. Cativado por sua atuação, abro os olhos no meio de todo o estremecer, rebolar e gemer, depois me afundo de volta no rio escuro de meu próprio prazer.

Passo três dias de langor sensual, de olhos pesados, lisonjeiramente excitado, sonhando de olhos abertos. Volto a meu apartamento depois da meia-noite e me enfio na cama, sem prestar atenção na forma teimosa a

meu lado. Se acordo de manhã com o ruído de seus preparativos, finjo dormir até ela ir embora.

Uma vez, ao passar por acaso pela porta da cozinha, olho para dentro. Entre assombrações de vapor vejo uma garota sólida sentada a uma mesa preparando a comida. “Sei quem é aquela”, penso, surpreso; mesmo assim, a imagem que persiste em minha memória quando atravesso o pátio é a da pilha de abóboras verdes em cima da mesa na frente dela. Deliberadamente tento mudar o olhar de minha mente das abóboras de volta para as mãos que as fatiam, e das mãos para o rosto. Detecto em mim uma relutância, uma resistência. Meu olhar continua ofuscado, fixo nas abóboras, no brilho da luz em sua casca molhada. Como se tivesse vontade própria, não se move. Então começo a encarar a verdade do que estou tentando fazer: obliterar a garota. Dou-me conta de que, se pegar um lápis para desenhar seu rosto, não sei por onde começar. Será que ela é realmente tão desprovida de feições? Com esforço concentro a mente nela. Vejo uma figura de capuz e casaco sem forma e pesado, de pé, instável, curvada para a frente, pernas abertas, apoiada em bengalas. Que feia, digo a mim mesmo. Minha boca forma a palavra *feia*. Fico surpreso com ela, mas não resisto: ela é feia, feia.

Na quarta noite volto para casa mal-humorado, chutando tudo em meu apartamento, ruidosamente, sem me importar com quem é acordado. A noite foi um fracasso, a corrente de desejo renovado se quebrou. Atiro as botas no chão e subo na cama puxando uma briga, querendo alguém a quem culpar, envergonhado também de minha infantilidade. O que esta mulher a meu lado está fazendo em minha vida eu não consigo entender. A idéia dos estranhos êxtases a que cheguei por meio de seu corpo incompleto me enche de uma repulsa seca, como se eu tivesse passado as noites copulando com uma boneca de couro e palha. O que posso ter visto nela? Tento lembrar como ela era antes que os médicos da dor começassem sua obra. É impossível que meu olhar não tenha passado por ela sentada com os outros prisioneiros bárbaros naquele dia em que foram

trazidos. Em algum lugar do favo de meu cérebro, estou convencido, a lembrança está alojada; mas não consigo evocá-la. Consigo lembrar da mulher com o bebê, até do próprio bebê. Consigo lembrar de cada detalhe: a borda desfiada do xale de lã, a pátina de suor embaixo dos fiapos de cabelo fino do bebê. Consigo lembrar das mãos ossudas do homem que morreu; acredito que consigo até, com algum esforço, recompor seu rosto. Mas, ao lado dele, onde a garota devia estar, há um espaço, um vazio.

Acordo de noite com a garota me sacudindo e o eco de um gemido fraco ainda pendurado no ar. “Você estava gritando no sono”, ela diz. “Eu acordei você.”

“O que eu estava gritando?”

Ela resmunga alguma coisa, vira de costas para mim.

Mais tarde, ainda de noite, ela me lembra de novo: “Você estava gritando”.

Com a cabeça pesada e confusa, com raiva também, tento olhar para mim mesmo, mas vejo apenas um vórtice e, no centro do vórtice, esquecimento.

“É um sonho?”, ela pergunta.

“Não consigo lembrar de sonho nenhum.”

Será que o sonho da criança encapuzada a construir o castelo de neve voltou? Se voltou, sem dúvida o gosto ou o cheiro ou o refulgir do sonho permaneceriam comigo.

“Tenho de perguntar uma coisa para você”, digo. “Lembra quando foi trazida para cá, no pátio do alojamento, a primeira vez? Os guardas fizeram vocês todos sentarem. Onde você sentou? Para que lado estava virada?”

Pela janela posso ver fiapos de nuvens correndo diante do rosto da lua. Do escuro a meu lado, ela fala: “Eles fizeram a gente sentar juntos na sombra. Eu estava do lado do meu pai”.

Evoco a imagem do pai dela. No silêncio, tento recriar o calor, a poeira, o cheiro de todos aqueles corpos cansados. À sombra da muralha do alojamento, sento os prisioneiros, um a um, todos de que sou capaz de

lembrar. Ponho juntos a mulher com o bebê, o xale de lã, o seio nu. O bebê choraminga, ouço seu choro, está cansado demais para mamar. A mãe, suja, sedenta, me olha, perguntando-se se pode apelar para mim. Em seguida, duas formas preguiçosas. Preguiçosas mas presentes: sei que com um esforço, parte de memória, parte de imaginação, posso preenchê-las. Depois vem o pai da garota, as mãos ossudas juntas diante de si. O boné caído sobre os olhos, ele não levanta a cabeça. Agora me volto para o espaço a seu lado.

“De que lado de seu pai você estava sentada?”

“Estava sentada à direita.”

O espaço à direita do homem continua vazio. Dolorosamente concentrado, vejo até os seixos individuais na terra ao lado dele e a textura do muro atrás.

“Me diga o que estava fazendo.”

“Nada. Estava todo mundo muito cansado. Andamos desde antes do amanhecer. Paramos para descansar só uma vez. Estávamos cansados e com sede.”

“Você me viu?”

“Vi, todos nós vimos você.”

Abraço os joelhos e me concentro. O espaço ao lado do homem continua vazio, mas uma vaga sensação da presença da garota, uma aura, começa a emergir. *Agora!* Insisto comigo mesmo: agora vou abrir os olhos, e ela estará lá! Abro os olhos. Na penumbra, diviso o vulto dela a meu lado. Com uma onda de sentimento, estendo a mão para tocar seu cabelo, seu rosto. Não há resposta de vida. É como acariciar uma urna ou uma bola, alguma coisa que é toda superfície.

“Estou tentando lembrar como você era antes de tudo isso acontecer”, digo. “Acho difícil. É uma pena você não poder me dizer.” Não espero uma negativa, e ela não vem.

Um destacamento de novos recrutas chegou para assumir o lugar dos homens que completaram seu período de três anos na fronteira e estão prontos para voltar para casa. O destacamento é liderado por um jovem oficial que vai se juntar ao pessoal daqui.

Convido-o, com dois de seus colegas, para jantar comigo na hospedaria. A noite vai bem: a comida é boa, a bebida farta, meu hóspede tem histórias para contar sobre a viagem, realizada numa estação dura, numa região inteiramente estranha para ele. Perdeu três homens no caminho, diz: um saiu de sua tenda à noite para atender a uma necessidade da natureza e nunca mais voltou; dois outros desertaram quase à vista do oásis, se esgueiraram para se esconder entre os juncos. Desordeiros, ele os chama, dos quais não lamenta ter se livrado. Mesmo assim, eu não acho que a deserção deles foi bobagem? Grande bobagem, respondo; ele tem alguma idéia do motivo por que desertaram? Não, diz: eram bem tratados, todo mundo era bem tratado; mas é claro que os recrutas... Dá de ombros. O campo aqui em torno é inóspito. São homens mortos se não tiverem encontrado abrigo até agora.

Falamos dos bárbaros. Ele está convencido, diz, de que parte do caminho foi acompanhado de longe por bárbaros. Tem certeza de que eram bárbaros?, pergunto. Quem mais poderia ser?, ele responde. Os colegas concordam.

Gosto da energia desse rapaz, de seu interesse nas novas vistas da região da fronteira. Sua vitória em trazer seus homens até aqui nesta estação morta é elogiável. Quando nossos companheiros mencionam o avançado da hora e partem, insisto com ele para que fique. Até depois da meia-noite ficamos sentados, bebendo. Escuto as últimas novidades da capital, que não vejo há muito tempo. Menciono a ele alguns lugares de que me recordo com nostalgia: os jardins do pavilhão, onde músicos tocam para as multidões que passam e os pés pisam folhas de castanheiro caídas com o outono; uma ponte de que me lembro da qual se vê um reflexo da lua na água que ondula em torno dos frontões na forma de uma flor-do-paraíso.

“O rumor que corre no quartel da brigada”, diz ele, “é que vai haver uma ofensiva geral contra os bárbaros na primavera a fim de afastar todos da fronteira para as montanhas.”

Incomoda-me interromper o trem das reminiscências. Não quero terminar a noite com uma discussão. Mesmo assim, respondo: “Tenho certeza de que é apenas rumor: eles não podem pensar em fazer isso de verdade. O povo que chamamos de bárbaros é nômade, eles migram das terras baixas para as terras altas e vice-versa todo ano, é o modo de vida deles. Nunca aceitarão ficar presos nas montanhas”.

Ele olha para mim de maneira estranha. Pela primeira vez nesta noite, sinto baixar uma barreira, a barreira entre o militar e o civil. “Mas claro que”, diz ele, “se vamos falar com franqueza, isso é que é a guerra: impor a alguém uma escolha que de outra forma não seria feita.” Examina-me com a candura arrogante de um jovem formado na Escola de Guerra. Tenho certeza de que está lembrando da história, que agora deve estar circulando, de que me recusei a cooperar com um oficial da Divisão. Acho que sei o que ele vê diante de si: um pequeno administrador civil, há anos nestes cafundós, mergulhado no preguiçoso jeito nativo, ultrapassado em suas idéias, pronto para apostar a segurança do Império numa paz insegura e temporária.

Ele se inclina, com um ar deferente de perplexidade juvenil: estou cada vez mais convencido de que está brincando comigo. “Me diga, *sir*, confidencialmente”, diz, “com que esses bárbaros estão insatisfeitos? O que eles querem de nós?”

Devia ser cauteloso, mas não sou. Devia bocejar, fugir da pergunta, encerrar a noite; mas me vejo mordendo a isca. (Quando vou aprender a ter uma língua esperta?)

“Eles querem pôr fim à expansão dos assentamentos na terra deles. Querem sua terra de volta afinal. Querem ser livres para se deslocar de novo com seus rebanhos de pastagem para pastagem como faziam antes.” Não é tarde demais para encerrar a palestra. Em vez disso, ouço minha voz

subir de tom e eu me abandonar lamentavelmente à embriaguez da raiva. “Não vou dizer nada desses raides recentes efetuados contra eles, sem nenhuma justificativa e seguidos de atos de uma crueldade indecente, uma vez que a segurança do Império estava em jogo, ou foi o que me disseram. Vai levar anos para consertar o dano feito naqueles poucos dias. Mas vamos passar por cima disso, deixe que eu lhe diga em vez disso o que me desanima como administrador, mesmo em tempos de paz, mesmo quando as relações de fronteira são boas. Numa determinada época do ano, sabe, os nômades nos visitam para negociar. Bem: vá até qualquer barraca do mercado nessa época e veja quem é roubado no peso, é enganado, ofendido e intimidado. Veja quem é forçado a deixar suas mulheres para trás, no acampamento, por medo de que sejam insultadas pelos soldados. Veja quem está caído bêbado na sarjeta, e veja quem chuta aquele que está caído. É esse desprezo pelos bárbaros, desprezo demonstrado pelo menor dos moços de estrebaria ou camponês, que eu como magistrado venho combatendo há vinte anos. Como se erradica o desprezo, principalmente quando esse desprezo está fundado em nada mais substancial que a diferença nas maneiras à mesa, em variações na estrutura da pálpebra? Será que devo dizer a você o que eu às vezes queria? Queria que esses bárbaros se rebelassem e nos ensinassem uma lição, para aprendermos a respeitá-los. Achamos que esta terra aqui é nossa, parte do Império — nossos postos avançados, nosso assentamento, nosso mercado. Mas essa gente, esses bárbaros não pensam assim de jeito nenhum. Estamos aqui há mais de cem anos, conquistamos a terra do deserto e construímos obras de irrigação, cultivamos campos, construímos casas sólidas e pusemos um muro em volta de nossa cidade, mas eles ainda nos vêem como visitantes, pessoas em trânsito. Vivendo entre eles existem velhos que ainda lembram dos pais contando como este oásis foi um dia: um lugar bem sombreado ao lado do lago, com muito pasto mesmo no inverno. É assim que eles ainda falam disto, talvez como eles *vejam* isto aqui, como se nem uma pazada de terra tivesse sido revirada, nem um tijolo colocado em cima de outro. Eles

não duvidam que um dia desses vamos carregar nossas carroças e ir embora para seja lá de onde viemos, que nossos prédios se transformarão em morada de ratos e lagartos, que seus animais vão pastar nestes ricos campos que cultivamos. Você ri? Quer saber de uma coisa? Todo ano a água do lago fica um pouco mais salgada. A explicação é simples — não importa qual. Os bárbaros sabem desse fato. Neste exato momento estão dizendo para si mesmos: ‘Paciência, um dia desses as plantações deles vão começar a murchar com o sal, eles não vão conseguir se alimentar, vão ter de ir embora’. É isso que eles estão pensando. Que vão durar mais do que nós.”

“Mas nós não vamos embora”, o jovem diz tranqüilamente.

“Tem certeza?”

“Não vamos embora, portanto eles estão cometendo um erro. Mesmo que passe a ser necessário abastecer o assentamento por comboio, não vamos embora. Porque estes assentamentos da fronteira são a primeira linha de defesa do Império. Quanto mais cedo os bárbaros entenderem isso, melhor.”

Apesar do ar sedutor, há uma rigidez em seu pensamento que deve provir da formação militar. Suspiro. Não consegui nada me expondo assim. A pior suspeita dele sem dúvida se confirmou: que sou desequilibrado, além de velho. E será que realmente acredito no que estou dizendo? Desejo mesmo o triunfo do modo bárbaro: torpor intelectual, sujeira, tolerância à doença e à morte? Se nós desaparecêssemos, será que os bárbaros passariam as tardes escavando nossas ruínas? Preservariam nossas listas do censo e os livros de nossos comerciantes de grãos em vitrines de vidro, ou se dedicariam a decifrar a escrita de nossas cartas de amor? Será que minha indignação com o curso que o Império está tomando não é nada mais que rabugice de um velho que não quer ver perturbada a calma de seus últimos anos na fronteira? Tento desviar a conversa para assuntos mais adequados, cavalos, caçadas, o tempo; mas é tarde, meu jovem amigo quer ir embora, e eu tenho de fazer o balanço da diversão da noite.

As crianças estão brincando na neve de novo. No meio delas, de costas para mim, está a figura encapuzada da menina. Por momentos, enquanto batalho para chegar até ela, fica escondida atrás da cortina de neve que cai. Meus pés afundam tanto que mal consigo levantá-los. Cada passo leva uma eternidade. É a pior nevasca de todos os meus sonhos.

Enquanto luto para chegar até elas, as crianças param de brincar e me olham. Viram os sérios rostos brilhantes para mim, o hálito branco se desprendendo delas em nuvens. Tento sorrir e tocá-las quando passo a caminho da menina, mas minhas feições estão congeladas, o sorriso não vem, parece haver uma capa de gelo cobrindo minha boca. Ergo a mão para removê-la: a mão, descubro, está com luvas grossas, os dedos congelados dentro da luva, quando toco a luva no rosto, não sinto nada. Com movimentos pesados abro caminho entre as crianças.

Agora, começo a ver o que a menina está fazendo. Está construindo um forte de neve, uma cidade murada que reconheço em todos os detalhes: a muralha com as quatro torres de vigia, o portão com a cabine do porteiro ao lado, as ruas e casas, a grande praça com o complexo do alojamento num canto. E ali está o lugar onde me encontro! Mas a praça está vazia, toda a cidade é branca, muda, vazia. Aponto para o meio da praça. “Tem de colocar gente aí!”, quero dizer. Não sai nenhum som de minha boca, na qual a língua está congelada como um peixe. Mesmo assim, ela responde. Põe-se de joelhos e vira o rosto encapuzado para mim. Nesse último instante, temo que ela vá ser uma decepção, que o rosto que me apresentará será obtuso, liso, como um órgão interno não destinado a viver na luz. Mas não, ela é ela mesma, ela mesma como nunca a vi, uma criança sorridente, a luz cintilando em seus dentes e brilhando nos olhos pretos de azeviche. “Então isso é que é ver!”, digo para mim mesmo. Quero falar com ela através da minha desajeitada mordança de gelo. “Como faz todo esse trabalho tão bom com a mão enluvada?”, quero perguntar.

Ela sorri docemente ao meu murmúrio. Depois vira as costas para seu forte na neve.

Saio frio e rígido do sonho. Falta ainda uma hora para a primeira luz, o fogo está apagado, meu couro cabeludo está amortecido de frio. A moça a meu lado dorme enrolada como uma bola. Saio da cama e com minha grande capa enrolada no corpo torno a acender o fogo.

O sonho deitou raízes. Noite após noite volto ao ermo da praça varrida pela neve, caminhando penosamente para a figura no centro, reafirmando a cada momento que a cidade que ela está construindo está vazia de vida.

Pergunto à garota sobre suas irmãs. Ela tem duas irmãs, a mais nova, segundo ela, “muito bonita, mas desmiolada”. “Não gostaria de ver suas irmãs de novo?”, pergunto. A pergunta errada fica grotescamente parada no ar entre nós. Ambos sorrimos. “Claro”, diz ela.

Pergunto também sobre o período depois de sua prisão, quando, sem que eu soubesse, ela morava nesta cidade sob a minha jurisdição. “As pessoas eram boas comigo quando viam que tinham me deixado para trás. Eu dormi na hospedaria algum tempo, enquanto meus pés estavam melhorando. Tinha um homem que cuidava de mim. Ele foi embora agora. Cuidava dos cavalos.” Ela menciona também o homem que lhe deu as botas que estava usando quando a vi pela primeira vez. Pergunto sobre outros homens. “É, teve outros homens. Eu não tinha escolha. Era assim que tinha de ser.”

Depois dessa conversa, as relações com os soldados rasos ficam mais tensas. Ao sair de meu apartamento para ir ao tribunal de manhã, passo por uma das raras revistas de inspeção. Tenho certeza de que entre os homens em posição de atenção com seu equipamento em trouxas aos pés existem alguns que dormiram com a garota. Não é que imagine que estão rindo atrás da mão. Ao contrário, nunca os vi parados mais estoicamente no vento gelado que chicoteia o pátio. Nunca o porte deles foi mais respeitoso. Sei que me diriam, se pudessem, que somos todos homens, que qualquer

homem pode perder a cabeça por uma mulher. Mesmo assim, tento voltar tarde à noite para evitar a fila de homens à porta da cozinha.

Chegam notícias dos dois desertores do tenente. Um caçador com armadilhas topou com eles mortos, congelados num abrigo rústico não longe da estrada, a quase cinqüenta quilômetros daqui. Embora o tenente esteja inclinado a deixá-los lá (“Cerca de cinqüenta quilômetros para ir e cerca de cinqüenta quilômetros para voltar neste tempo: muita coisa para gente que não é mais gente, não acha?”), eu o convenço a mandar um grupo. “Eles têm de ter uma cerimônia”, digo. “Além disso, é bom para o moral dos camaradas deles. Eles não podem achar que, se morrerem no deserto, vão ficar esquecidos. Tudo o que a gente puder fazer para aliviar o horror deles de ter de deixar esta bela terra deve ser feito. Afinal, somos nós que levamos os homens a esses perigos.” De forma que o grupo parte e dois dias depois volta com os corpos retorcidos, duros de gelo, numa carroça. Continuo a achar estranho que homens desertem a milhares de quilômetros de casa e a um dia de marcha de comida e calor, mas não insisto mais no assunto. De pé ao lado do túmulo, no cemitério tomado pelo gelo, enquanto os últimos ritos são celebrados e os camaradas com mais sorte que os mortos assistem de cabeça descoberta, repito para mim mesmo que, ao insistir no correto tratamento dos ossos, estou tentando mostrar a esses jovens que a morte não é aniquilação, que sobrevivemos por adoção na memória daqueles que conhecemos. Porém, será que é realmente apenas em benefício deles que armo a cerimônia? Não estou confortando também a mim mesmo? Ofereço-me para assumir a tarefa de escrever para os pais e informá-los de suas respectivas perdas. “É mais fácil para um homem mais velho”, digo.

“Não gostaria de fazer mais alguma coisa?”, ela pergunta.

O pé dela está no meu colo. Estou absorto, perdido no ritmo de massagear e friccionar o tornozelo inchado. Sua pergunta me pega de

surpresa. É a primeira vez que ela fala tão diretamente. Ignoro a pergunta, sorrio, tento deslizar de volta para o meu transe, não longe do sono e relutante em ser distraído.

O pé se mexe em minha mão, fica vivo, cutuca de leve minha virilha. Abro os olhos para o dourado corpo nu em cima da cama. Ela está deitada com a cabeça aninhada nos braços, olhando para mim do jeito indireto com que agora já me acostumei, exibindo os seios firmes e a barriga lisa, transbordante de jovem saúde animal. Os dedos do seu pé continuam a procurar; mas neste velho frouxo ajoelhado diante dela com seu roupão cor de ameixa não encontram reação.

“Outro dia”, digo, a língua enrolando bobamente em torno das palavras. Pelo que sei, isto é uma mentira, mas pronuncio: “Outro dia, talvez”. Então afasto a perna dela para a cama e me estico a seu lado. “Velhos não têm virtude a proteger, então o que posso dizer?” É uma piada fraca, mal colocada, e ela não entende. Abre meu roupão e começa a me acariciar. Depois de algum tempo, empurro sua mão.

“Você visita outras mulheres”, ela sussurra. “Acha que eu não sei?”

Faço um gesto peremptório para que se cale.

“É assim que trata as outras também?”, ela sussurra, e começa a soluçar.

Embora sinta o coração apertado por ela, não há nada que eu possa fazer. Porém, que humilhação para ela! Não consegue nem sair do apartamento sem cambalear e se atrapalhar para se vestir. É tão prisioneira agora quanto sempre foi. Afago sua mão e mergulho mais fundo na tristeza.

É a última noite que dormimos na mesma cama. Mudo um catre para a sala de estar e durmo lá. A intimidade física entre nós chega ao fim. “Por enquanto”, digo. “Até o fim do inverno. É melhor assim.” Ela aceita essa desculpa sem uma palavra. Quando volto para casa à noite, ela me traz o chá e se ajoelha ao lado da bandeja para me servir. Em seguida, volta para a cozinha. Uma hora depois tateia escada acima atrás da garota com a bandeja do jantar. Comemos juntos. Depois da refeição, retiro-me para meu escritório ou saio, retomando minha ronda social negligenciada:

xadrez em casa de amigos, baralho com os funcionários na hospedaria. Faço também uma ou duas visitas ao segundo andar da hospedaria, mas com sentimentos de culpa que estragam o prazer. Sempre, quando retorno, a garota está dormindo e tenho de andar na ponta dos pés como um marido culpado.

Ela se adapta sem reclamar ao novo padrão. Digo a mim mesmo que se submete por causa da criação bárbara. Mas o que sei sobre a criação bárbara? O que chamo de submissão pode não ser nada mais que indiferença. O que interessa para uma mendiga, uma filha sem pai, se durmo sozinho ou não contanto que ela tenha um teto sobre a cabeça e comida na barriga? Até agora gostei de pensar que ela não podia deixar de me ver como um homem nas garras de uma paixão, por mais pervertida e obscura que fosse essa paixão, que nos silêncios abatidos que compõem boa parte de nosso relacionamento ela não possa ter deixado de sentir meu olhar em cima dela com o peso de um corpo. Prefiro não me deter na possibilidade de que aquilo que uma criação bárbara ensina a uma garota seja não se submeter a todos os caprichos de um homem, inclusive o capricho do esquecimento, mas ver a paixão sexual, não importa se num cavalo, num cabrito, num homem ou numa mulher, como um simples fato da vida com o mais claro dos meios e o mais claro dos fins; de forma que as ações confusas de um velho estrangeiro que a tira da rua e a instala em seu apartamento para poder, ora beijar seus pés, ora intimidá-la, ora untá-la com óleos exóticos, ora ignorá-la, ora dormir em seus braços a noite inteira, ora mal-humoradamente dormir separado, podem parecer nada mais que provas de impotência, indecisão, alienação de seus próprios desejos. Embora eu não tenha deixado de vê-la como um corpo mutilado, machucado, injuriado, ela por agora talvez já tenha se transformado e assumido esse novo corpo deficiente, sentindo-se tão deformada quanto um gato se sente deformado por ter garras em vez de dedos. Eu faria bem em levar a sério essas idéias. Mais comum do que gosto de imaginar, ela pode ter maneiras de descobrir que sou comum também.

3.

Toda manhã o ar está cheio do bater de asas dos pássaros que voam para o sul, circundando acima do lago antes de se instalar nas ramificações salgadas dos pântanos. Nas rajadas de vento a cacofonia de seus pios, grasnidos, arrulhos, cacarejos nos chega como o ruído de uma cidade rival na água: ganso selvagem, ganso cinzento, marreca-arrabio, pato de cabeça vermelha, pato selvagem, marreco cerceta, mergulhão.

A chegada dos primeiros pássaros migratórios confirma os sinais iniciais, o fantasma de um novo calor no vento, a transparência vítrea do gelo do lago. A primavera está a caminho, um dia desses será hora de plantar.

Enquanto isso, é a estação das armadilhas. Antes do amanhecer, grupos de homens partem para o lago para colocar suas redes. No meio da manhã, voltam com presas enormes: pássaros com o pescoço torcido, fileira após fileira, pendurados de paus pelos pés, ou amontoados vivos em gaiolas de madeira, berrando de raiva, uns pisando nos outros, às vezes com um grande e silencioso cisne sinaleiro abaixado no meio deles. Uma cornucópia da natureza: nas próximas semanas todo mundo vai comer bem.

Antes de eu poder sair, há dois documentos a escrever. O primeiro é dirigido ao governador provincial. “Para reparar parte do dano causado pelas incursões da Terceira Divisão”, escrevo, “e restaurar um pouco da boa vontade que existia previamente, estou empreendendo uma breve visita aos bárbaros.” Assino e selo a carta.

O que o segundo documento virá a ser eu ainda não sei. Um testamento? Memórias? Uma confissão? Uma história de trinta anos na fronteira? Esse dia inteiro fico num transe em minha escrivaninha, olhando para o papel branco vazio, esperando as palavras chegarem. Um segundo dia passa do mesmo jeito. No terceiro dia, eu me rendo, ponho os papéis de volta na gaveta e faço os preparativos para partir. Parece apropriado que um homem que não sabe o que fazer com a mulher em sua cama não saiba o que escrever.

Para me acompanhar, escolhi três homens. Dois são jovens recrutas a cujos serviços comissionados tenho direito. O terceiro é um homem mais velho nascido nesta terra, caçador e comerciante de cavalos, a quem pagarei de meu próprio bolso. Convoco-os na tarde da véspera da partida. “Sei que não é uma boa época do ano para viajar”, digo-lhes. “É uma época traiçoeira, finzinho do inverno, a primavera ainda não chegou. Mas, se eu esperar mais, não vamos encontrar os nômades antes de eles começarem a migração.” Eles não fazem perguntas.

À garota digo simplesmente: “Vou levar você de volta para o seu povo, ou o mais perto que eu conseguir chegar, visto que eles agora estão espalhados”. Ela não dá sinal de alegria. Ponho a seu lado a pele pesada que comprei para ela viajar, com um gorro, de pele de coelho, bordado no estilo nativo, botas novas, luvas.

Agora que me comprometi com uma conduta, durmo mais facilmente e até detecto dentro de mim algo semelhante a felicidade.

Partimos no dia 3 de março, acompanhados através do portão e pela estrada até a beira do lago por uma plebéia escolta de crianças e cachorros. Depois de passarmos o muro do dique de irrigação e sairmos da estrada do rio, pegando a trilha da direita, que não é usada por ninguém a não ser por caçadores e passarinhos, nossa escolta começa a rarear, até que só restam dois moleques teimosos trotando atrás de nós, cada um decidido a resistir mais que o outro.

O sol subiu, mas não fornece calor algum. O vento que vem do lago bate em nós, trazendo-nos lágrimas aos olhos. Em fila indiana, quatro homens e uma mulher, quatro animais de carga, os cavalos insistindo em ficar contra o vento e tendo de ser virados na rédea, serpenteamos para longe da cidade murada, dos campos nus e, por fim, dos meninos ofegantes.

Meu plano é seguir esta trilha até termos contornado o lago para o sul, depois partir para nordeste através do deserto em direção aos vales das cadeias onde os nômades do norte passam o inverno. É uma rota raramente trilhada, uma vez que os nômades, quando migram com seus rebanhos, seguem o velho leito morto do rio numa vasta curva para leste e sul. Porém, ela reduz a uma ou duas a jornada de seis semanas. Nunca viajei por ela.

Então, nos primeiros três dias, nos arrastamos para o sul, depois para leste. À nossa direita estende-se uma planura de terraços de barro erodidos pelo vento que se fundem em seus extremos em bancos de nuvens de poeira vermelha e depois no preguiçoso céu amarelo. À nossa esquerda está o pântano plano, cinturões de juncos e o lago, em que a placa de gelo central não derreteu. O vento que sopra sobre o gelo congela até nossa respiração, de forma que, mais que cavalgar, muitas vezes andamos por longos trechos, abrigados do vento atrás de nossos cavalos. A garota enrola bem uma echarpe no rosto e, agachada na sela, acompanha cegamente o líder.

Dois dos cavalos de carga estão carregados de lenha, mas esta tem de ser guardada para o deserto. Uma vez encontramos, meio enterrado na areia soprada pelo vento, um tamarisco de copa espalhada que cortamos em pedaços para queimar; de resto, temos de nos contentar com maços de junco seco. A garota e eu dormimos lado a lado na mesma barraca, embrulhados em nossas peles contra o frio.

Nesses primeiros dias de viagem comemos bem. Trouxemos carne salgada, farinha, feijão, frutas secas, e há pássaros silvestres para caçar. Mas

temos de ser parcimoniosos com a água. A água do pântano aqui nas ramificações rasas do sul é salgada demais para beber. Um dos homens tem de entrar na água vinte ou trinta passos, até as panturrilhas, para encher os odres ou, melhor, para quebrar blocos de gelo. Porém, mesmo a água do gelo derretido é tão amarga e salgada que só pode ser bebida com chá vermelho forte. A cada ano o lago fica mais salobro, à medida que o rio corrói suas margens e nele verte sal e alume. Como o lago não tem escoamento, o conteúdo mineral continua subindo, em especial no sul, onde trechos de água são ocasionalmente isolados por bancos de areia. Depois da cheia de verão, os pescadores encontram carpas flutuando de barriga para cima nas partes rasas. Dizem que já não se vêem percas. O que será do assentamento se o lago se transformar num mar morto?

Depois de um dia de chá salgado, todos, exceto a garota, começam a sofrer de diarreia. Sou o que fica pior. Sinto profundamente a humilhação das paradas freqüentes, me despindo e me vestindo com dedos congelados, protegido do vento pelo cavalo enquanto os outros esperam. Tento beber o mínimo possível, a ponto mesmo de minha mente produzir imagens atormentadoras enquanto cavalgo: um cantil cheio junto ao poço com a água espirrando do balde; neve limpa. Minhas caçadas e falcoaria ocasionais, minhas volúveis conquistas femininas, exercícios de virilidade, esconderam de mim o quanto meu corpo está mole. Depois de longas marchas meus ossos doem, à noite estou tão cansado que não tenho apetite. Prossigo até não conseguir mais pôr um pé na frente do outro; então, despenco na sela, me enrolo na capa e aceno para um dos homens ir à frente assumir a tarefa de identificar a vaga trilha. O vento nunca cessa. Ele zune pelo gelo, soprando de lugar nenhum para lugar nenhum, velando o céu com uma nuvem de poeira vermelha. Não há como se esconder da poeira: ela penetra na roupa, recobre nossa pele, se infiltra na bagagem. Comemos com a língua revestida, cuspidos muitas vezes, os dentes crepitando. Poeira, mais que ar, passa a ser o meio em que vivemos. Nadamos na poeira como peixes na água.

A garota não reclama. Come bem, não adoece, dorme profundamente a noite toda, enrolada como uma bola num tempo tão frio que eu seria capaz de abraçar um cachorro em busca de conforto. Ela cavalga o dia inteiro sem um murmúrio. Uma vez, ao levantar os olhos, vejo que cavalga dormindo, o rosto sereno como o de um bebê.

No terceiro dia, a borda do pântano começa a virar para o norte, e sabemos que circundamos o lago. Assentamos acampamento cedo e passamos as últimas horas de luz coletando todo pedacinho de lenha que encontramos, enquanto os cavalos pastam pela última vez a magra relva do pântano. Depois, ao amanhecer do quarto dia, começamos a atravessar o antigo leito do lago, que se estende por mais sessenta e cinco quilômetros além do pântano.

O terreno é mais desolado que qualquer coisa que já vimos. Nada cresce no chão salgado do lago, que em certos pontos se curva e sobe em escarpados hexágonos de trinta centímetros de largura. Há perigos também: ao atravessar um trecho excepcionalmente plano, o cavalo da frente de repente afunda pela crosta e mergulha até o peito numa horrenda lama verde, o homem que o conduz fica parado um instante, perplexo, em pleno ar, antes de mergulhar ele também. Batalhamos para puxá-los para fora, a crosta de sal rachando sob os cascos do cavalo agitado, o buraco aumentando, um fedor repugnante por toda parte. Não deixamos o lago para trás, percebemos agora: ele se estende debaixo de nós até aqui, às vezes escondido metros abaixo, às vezes sob uma mera película de sal quebradiço. Quanto tempo faz que o sol brilhou pela última vez sobre essas águas mortas? Acendemos um fogo em terreno mais firme para aquecer o homem que treme e secar suas roupas. Ele sacode a cabeça. “Sempre ouvi dizer ‘cuidado com os trechos verdes’, mas nunca vi isso acontecer antes”, diz. É o nosso guia, o único homem entre nós que já viajou a leste do lago. Depois disso, forçamos ainda mais os cavalos, com pressa de sair do lago morto, temendo nos perder num fluido mais frio que gelo, mineral, subterrâneo, sem ar. Baixamos a cabeça e seguimos na

direção do vento, os casacos inflados às costas, buscando o caminho por cima das afiadas lascas de sal, evitando o chão liso. Através do rio de poeira que corre majestosamente pelo céu, o sol brilha como uma laranja, mas não esquentava nada. Quando cai a escuridão, pregamos os grampos da barraca em rachaduras do sal duro como rocha; queimamos nossa lenha numa quantidade extravagante e, como marinheiros, rezamos por terra.

No quinto dia, deixamos para trás o leito do lago e atravessamos um cinturão de liso sal cristalino que logo dá lugar a areia e pedra. Todo mundo está animado, até os cavalos, que durante a travessia do sal não receberam nada além de punhados de semente de linhaça e um balde de água salobra. Seu estado se deteriora visivelmente.

Quanto aos homens, eles não resmungam. A água doce está acabando, mas restam carne salgada, feijão seco e bastante farinha e chá, a base da estrada. A cada parada fazemos chá e fritamos uns bolinhos de banha, bocados deliciosos para os famintos. Os homens fazem a comida: intimidados pela garota, incertos da posição dela, incertos sobretudo do que estamos fazendo ao levá-la para os bárbaros, mal se dirigem a ela, evitam olhar para ela e certamente não lhe pedem ajuda com a comida. Eu não a forço a nada, espero que essa timidez vá desaparecer na estrada. Escolhi esses homens porque são resistentes, honestos, dispostos. Seguem-me com a boa vontade que podem ter nestas condições, embora a bela armadura laqueada que os dois jovens soldados usavam quando saímos pelo portão estejam agora amarradas em trouxas nos cavalos de carga e as bainhas de suas armas cheias de areia.

Os bancos de areia começam a modular para dunas. Nosso progresso diminui ao subirmos e descermos as encostas das dunas. É o pior terreno possível para os cavalos, que se arrastam poucos centímetros a cada passo, os cascos afundando na areia. Olho para nosso guia, mas tudo o que ele pode fazer é dar de ombros: “Isso vai assim por quilômetros, temos de atravessar, não tem outro jeito”. Parado no alto de uma duna, protejo os olhos, olho adiante, não vejo nada além da areia em turbilhão.

Nessa noite, um dos cavalos de carga recusa a comida. De manhã, mesmo espancado com força, não se levanta. Redistribuímos a carga e jogamos fora parte da lenha. Quando os outros partem, fico para trás. Sou capaz de jurar que o animal sabe o que vai acontecer. Ao ver a faca, seus olhos rolam. Com o sangue jorrando do pescoço, ele se liberta da areia e trota um passo ou dois duna abaixo antes de cair. Em casos extremos, ouvi dizer, os bárbaros sangram as veias de seus cavalos. Será que viveremos para lamentar esse sangue desperdiçado em tamanha profusão na areia?

No sétimo dia, com as dunas finalmente ultrapassadas, enxergamos contra o maçante cinza-amarronzado da paisagem vazia uma faixa de cinza mais escuro. De mais perto vemos que se estende para leste e oeste por quilômetros. Vemos até formas negras e retorcidas de árvores. Estamos com sorte, diz nosso guia: deve haver água ali.

Isso com que topamos é o leito de uma antiga lagoa terminal. Juncos, brancos como fantasma e quebradiços ao toque, marcam o que eram as margens. As árvores são álamos, também mortas há muito. Morreram quando a água do subsolo recuou demais para ser alcançada por suas raízes, muitos e muitos anos atrás.

Descarregamos os animais e começamos a cavar. A menos de um metro encontramos barro azul pesado. Abaixo dele há areia de novo; depois outro estrato de barro, claramente úmido. À profundidade de dois metros, com o coração batendo forte e os ouvidos tinindo, tenho de passar a minha vez com a pá. Os três homens continuam cavando, subindo a terra solta do poço no pano de uma barraca amarrado pelos cantos.

A três metros a água começa a se juntar em torno de nossos pés. É doce, não há nem um traço de sal, sorrimos deliciados uns para os outros; mas ela acumula muito devagar e as paredes do poço têm de ser continuamente cavadas à medida que eles afundam. Só no final da tarde podemos despejar o resto de nossa água salobra do lago e encher de novo os odres. Quando está quase escuro, baixamos o barril dentro do poço e deixamos os cavalos beberem.

Enquanto isso, agora que há abundância de madeira de álamo, os homens cavaram no barro dois pequenos fornos, um de fundos para o outro, e fizeram uma fogueira em cima para cozer o barro. Quando o fogo abaixa, podem jogar os carvões dentro dos fornos e se preparar para assar pão. A garota fica assistindo a tudo isso em pé, apoiada em suas bengalas, às quais amarrei discos de madeira para ajudar na areia. Na camaradagem aberta e livre desse dia bom, com a promessa de um dia de descanso, a conversa rola. Brincando com ela, os homens fazem sua primeira abertura de amizade: “Venha sentar com a gente e experimentar como é assado de homem!”. Ela sorri para eles, erguendo o queixo num gesto que talvez só eu saiba que é um esforço para enxergar. Cautelosamente se acomoda ao lado deles para se banhar no fulgor dos fornos.

Quanto a mim, sento-me mais afastado, protegido do vento na entrada de minha barraca com um dos lampiões de óleo bruxuleando ao lado, faço o registro do dia no diário, mas escuto também. A brincadeira continua na fala da fronteira, e a ela não faltam palavras. Fico surpreso com sua fluência, rapidez e segurança. Pego-me sentindo até uma onda de orgulho: ela não é apenas a vagabunda do velho, é uma jovem esperta, atraente! Talvez, se desde o começo eu tivesse sabido usar esse dialeto brincalhão e risonho com ela, pudéssemos ter sido mais cálidos um com o outro. Mas como um tolo, em lugar de diverti-la, eu a oprimi com tristeza. Realmente, o mundo devia pertencer aos cantores e dançarinos! Fútil amargura, inútil melancolia, lamentos vãos! Sopro o lampião, sento com o queixo no punho, olhando o fogo, ouvindo o estômago roncar.

Durmo um sono de pura exaustão. Mal atinjo o estado de alerta quando ela levanta a ponta da grande pele de urso e se aninha em mim. “Uma criança sente frio à noite”—é o que penso em minha confusão, acomodando-a na dobra de meu braço e adormecendo. Talvez durante algum tempo eu tenha dormido profundamente de novo. Depois,

completamente acordado, sinto a mão dela procurando debaixo de minha roupa, sua língua lambendo minha orelha. Uma onda de alegria sensual me percorre, bocejo, espreguiço, sorrio no escuro. Sua mão encontra o que estava procurando. “E daí?”, penso. “E se morrermos no meio do nada? Que pelo menos não morramos oprimidos e miseráveis!” Por baixo da bata ela está nua. Com um suspiro estou em cima dela; ela está quente, inchada, pronta para mim; num minuto cinco meses de hesitação sem sentido são eliminados, e estou flutuando de volta num fácil abandono sensual.

Quando desperto, é com a cabeça tão vazia que me sinto tomado de terror. Só com um esforço decidido consigo me reinserir no tempo e no espaço: numa cama, numa barraca, numa noite, num mundo, num corpo apontando leste e oeste. Embora eu esteja estendido em cima dela com o peso de um boi morto, a garota está dormindo, os braços se cruzando frouxos em minhas costas. Solto-me dela, rearranjo as cobertas e tento me compor. Nem por um instante imagino que posso levantar acampamento de manhã, marchar de volta para o oásis e na ensolarada vila de magistrado passar a viver meus dias com uma noiva jovem, dormindo placidamente a seu lado, fazendo-lhe filhos, olhando as estações se sucederem. Não me encolho diante da idéia de que, se ela não tivesse ficado à noite com os rapazes em volta da fogueira, muito provavelmente não teria sentido nenhuma necessidade de mim. Talvez a verdade seja que era um deles que ela abraçava quando eu a tinha entre os braços. Escuto escrupulosamente as reverberações dessa idéia dentro de mim, mas não consigo detectar um desânimo do coração a me dizer que estou ofendido. Ela dorme; minha mão corre de um lado para outro em sua barriga lisa, acaricio suas coxas. Está feito, estou contente. Ao mesmo tempo, estou pronto a acreditar que não teria acontecido se eu não estivesse a poucos dias de me separar dela. Nem, se devo ser sincero, que o prazer que tenho com ela, o prazer cujos vestígios sinto ainda na palma da mão, seja profundo. Meu coração não se agita mais que antes, nem meu sangue pulsa mais ao toque dela. Estou

com ela não por qualquer arrebatamento que ela possa prometer ou a que possa aceder, mas por outras razões que permanecem para mim tão obscuras como sempre. Só que não me escapou que, na cama, no escuro, as marcas que a tortura deixou nela, os pés tortos, os olhos meio cegos, são facilmente esquecidas. Será então o caso de que é a mulher toda que eu quero, que meu prazer com ela fica estragado até essas marcas nela serem apagadas e ela voltar a ser ela mesma; ou será o caso (não sou burro, posso dizer essas coisas) de que foram essas marcas que me atraíram nela mas que, para minha decepção, descubro, não vão fundo o bastante? Demais ou de menos: é ela que eu quero ou os traços de uma história que seu corpo exhibe? Durante um bom tempo, fico olhando para o que parece um escuro de breu, embora eu saiba que o alto da tenda está à distância de um braço apenas. Nenhuma idéia que tenha, nenhuma articulação, por mais antonímica, da origem de meu desejo parece me incomodar. “Devo estar cansado”, penso. “Ou talvez tudo o que possa ser articulado esteja colocado falsamente.” Meus lábios se movem, compondo e recompondo em silêncio as palavras. “Ou talvez seja o caso de que só aquilo que não está articulado tenha de ser vivenciado.” Olho fixamente para essa última proposição sem detectar nenhum movimento de resposta dentro de mim, seja de concordância seja de discordância. As palavras ficam mais e mais opacas diante de mim; logo perderam todo sentido. Suspiro no fim de um longo dia, no meio de uma longa noite. Viro-me para a garota, abraço seu corpo, puxo-a com força para mim. Ela ronrona no sono, onde logo me junto a ela.

Descansamos no oitavo dia, porque os cavalos se acham agora num estado realmente lastimável. Mastigam esfaimados a fibra sem seiva das hastes de junco mortas. Enchem a barriga de água e soltam gases maciçamente. Demos-lhes o último resto de semente de linhaça e até um

pouco de nosso pão. A menos que encontremos relva dentro de um dia ou dois, eles vão morrer.

Deixamos nosso poço para trás e o montículo de terra que cavamos, para seguir para o norte. Todos caminhamos, exceto a garota. Deixamos para trás tudo o que podíamos para aliviar a carga dos cavalos; mas, como não podemos sobreviver sem fogo, eles têm de carregar ainda vultosas cargas de madeira.

“Quando veremos as montanhas?”, pergunto ao guia.

“Um dia. Dois dias. Difícil dizer. Nunca viajei por estes lados antes.” Ele caçou na margem leste do lago e na periferia do deserto sem ter razão para atravessá-lo. Eu espero, dando-lhe todas as chances de falar o que pensa, mas ele parece impávido, não acredita que estejamos em perigo. “Talvez dentro de dois dias a gente veja as montanhas, depois mais um dia de marcha para chegar nelas.” Aperta os olhos, observando a bruma marrom que vela o horizonte. Não pergunta o que vamos fazer quando chegarmos às montanhas.

Chegamos ao final desse ermo plano e pedregoso, e subimos uma série de escarpas rochosas até um platô baixo, onde começamos a encontrar touceiras de relva de inverno ressecada. Os animais as arrancam selvagemmente. É um grande alívio vê-los comer.

Acordo sobressaltado no meio da noite, com uma horrível sensação de que alguma coisa está errada. A garota senta a meu lado. “O que foi?”, pergunta.

“Escute. O vento parou.”

Descalça, enrolada numa pele, ela engatinha atrás de mim para fora da barraca. Está nevando suavemente. A terra branca de todo lado debaixo de uma enevoada lua cheia. Ajudo-a a levantar e fico abraçado a ela, olhando o vazio de onde descem os flocos de neve, num silêncio que é palpável depois de uma semana de vento soprando incessantemente em nossos

ouvidos. Os homens da segunda barraca se juntam a nós. Sorrimos tolamente uns para os outros. “Neve de primavera”, digo, “a última neve do ano.” Eles concordam balançando a cabeça. Um cavalo que se sacode perto nos assusta.

No calor cercado de neve dentro da barraca, faço amor com ela outra vez. Ela é passiva, acomoda-se a mim. Quando começamos, tenho certeza de que é o momento certo; abraço-a no mais intenso prazer e orgulho da vida; mas a meio caminho pareço perder contato com ela, e o ato se esgota, esvaziado. Minhas intuições são claramente falíveis. Mesmo assim, meu coração mantém seu fulgor afetivo pela garota, que tão prontamente adormece na curva de meu braço. Haverá outra vez, e, se não, não creio que eu me importe.

Uma voz está chamando na abertura da entrada da barraca: “*Sir*, o senhor tem de acordar!”.

Percebo, entontecido, que dormi demais. É a quietude, penso: é como se tivéssemos nos acalmado com a quietude.

Saio da barraca para a luz do dia. “Olhe, *sir!*”, diz o homem que me acordou, apontando para noroeste. “Mau tempo a caminho!”

Rolando para cima de nós pela planície nevada, vem uma gigantesca onda negra. Ainda está quilômetros distante, mas visivelmente devora a terra em sua aproximação. A crista se perde em nuvens escuras. “Uma tempestade!”, grito. Nunca vi nada tão assustador. Os homens correm a desmontar as barracas. “Tragam os cavalos, amarrem aqui no centro!” As primeiras rajadas já estão chegando a nós, a neve começa a formar redemoinhos e voar.

A garota está a meu lado com suas bengalas. “Consegue ver?”, pergunto. Ela olha a seu modo torto e responde que sim com a cabeça. Os homens se põem a trabalhar, desmanchando a segunda barraca. “A neve não foi um bom presságio, no final!” Ela não responde. Embora eu saiba que devia

ajudar, não consigo tirar os olhos da grande parede negra que vem rugindo para nós com a velocidade de um cavalo a galope. O vento aumenta, fazendo-nos oscilar nos pés; o uivo familiar em nossos ouvidos outra vez.

Eu me ponho em movimento. “Depressa, depressa!”, grito, batendo palmas. Um dos homens está ajoelhado dobrando a lona das barracas, enrolando os cobertores, guardando as roupas de cama; os outros dois estão trazendo os cavalos. “Sente!”, grito para a garota, e passo a ajudar no acondicionamento. A parede da tempestade já não está preta, mas virou um caos de areia, neve e poeira em turbilhão. Então, de repente, o vento soa como um grito, o gorro é arrancado de minha cabeça, e a tempestade nos atinge. Sou jogado de costas no chão: não pelo vento, mas por um cavalo que se solta e anda em círculos, as orelhas baixas, os olhos rolando. “Peguem!”, grito. Minhas palavras são nada mais que um sussurro, eu próprio não me escuto. O cavalo desaparece de vista, como um fantasma. No mesmo instante, a barraca rodopia para o alto. Encolho-me junto aos cobertores amarrados, abraçado neles, gemendo com fúria para mim mesmo. Depois, de quatro, arrastando os cobertores comigo, engatinho de volta para junto da garota. É como engatinhar contra água corrente. Meus olhos, nariz, boca, já estão cheios de areia, é difícil respirar.

A garota está com os braços estendidos como asas em volta do pescoço de dois cavalos. Parece estar falando com eles: embora seus olhos estejam arregalados, estão imóveis.

“Nossa barraca sumiu!”, grito no ouvido dela, sacudindo um braço para o céu. Ela se volta: debaixo do gorro está com uma echarpe preta enrolada no rosto; até os olhos estão cobertos. “A barraca sumiu!”, grito de novo. Ela concorda inclinando a cabeça.

Durante cinco horas ficamos encolhidos atrás da lenha empilhada e dos cavalos enquanto o vento nos fustiga com neve, gelo, chuva, areia, cascalho. Estamos doloridos de frio até os ossos. Os flancos dos cavalos, virados para o vento, estão cobertos de gelo. Nós nos apertamos, homem e animal, trocando nosso calor, tentando suportar.

Então, ao meio-dia, o vento cessa tão de repente como se um portão tivesse sido fechado em algum lugar. Nossos ouvidos zunem com o silêncio incomum. Temos de mover nossos membros amortecidos, nos limpar, carregar os animais, qualquer coisa para fazer o sangue correr nas veias, mas tudo o que queremos é deitar um pouco mais em nosso ninho. Uma sinistra letargia! Minha voz raspa na garganta: “Venham, vocês, vamos carregar”.

Montes na areia mostram onde está enterrada nossa bagagem. Procuramos na direção do vento, mas não encontramos nem sinal da barraca perdida. Ajudamos os cavalos que rangem a levantar e os carregamos. O frio da tempestade é nada perto do frio que vem depois dela, descendo como uma mortalha de gelo sobre nós. Nosso alento se transforma em geada, trememos nas botas. Depois de três passos incertos em ziguezague, o cavalo da frente cai sobre os quartos traseiros. Jogamos de lado a lenha que ele carrega, com um pedaço de pau o erguemos, batemos com o açoite. Eu me amaldiçôo, não pela primeira vez, por partir numa viagem dura, com um guia inseguro, numa estação traiçoeira.

Décimo dia: ar mais quente, céu mais claro, vento mais brando. Estamos nos arrastando pela terra plana quando nosso guia grita e aponta. “As montanhas!”, penso, e meu coração dá um pulo. Mas não são as montanhas que ele vê. As manchas que aponta à distância são homens, homens a cavalo: quem senão os bárbaros! Volto-me para a garota, cuja montaria trôpega eu puxo. “Estamos quase lá”, digo. “Vem gente por aí, logo vamos saber quem são.” A opressão dos dias passados se alivia em meus ombros. Vou em frente, apresso o passo, mudo nossa marcha na direção das três minúsculas figuras à distância.

Seguimos na direção deles durante meia hora antes de perceber que não estamos nos aproximando. Quando nos movemos, eles também se movem. “Estão nos ignorando”, penso, e considero a idéia de acender uma

fogueira. Mas, quando grito alto, as três manchinhas parecem parar também; quando retomamos a marcha, eles começam a se mover. “São reflexos de nós, é um efeito da luz?”, pergunto-me. Não conseguimos diminuir a distância. Há quanto tempo estão nos perseguindo? Ou será que acham que nós é que os estamos perseguindo?

“Parem, não adianta ir atrás deles”, digo aos homens. “Vamos ver se recebem um de nós sozinho.” Então monto no cavalo da garota e avanço sozinho na direção dos estranhos. Por um breve instante, eles parecem ficar observando e esperando. Depois começam a se afastar, tremulando no limiar da bruma de poeira. Embora eu atice meu cavalo, ele está fraco demais para pegar mais que um trote instável. Desisto da perseguição, desmonto, e espero que meus companheiros me alcancem.

Para preservar a força dos cavalos, estamos fazendo marchas cada vez mais curtas. Viajamos não mais que dez quilômetros esta tarde sobre terreno firme e plano, os três cavaleiros à nossa frente pairando sempre a distância visível, antes de assentarmos acampamento. Os cavalos têm uma hora para pastar aquela raquílica relva de capoeira que conseguem encontrar; depois os amarramos junto à barraca e montamos guarda. A noite cai, as estrelas aparecem num céu enevoado. Ficamos sentados em volta da fogueira do acampamento nos aquecendo, saboreando a dor dos membros cansados, relutantes em nos juntar na única barraca. Ao olhar para o norte, posso jurar que vislumbro o bruxulear de outra fogueira; mas, quando tento apontá-la para os outros, a noite está impenetravelmente negra.

Os três homens se oferecem para dormir ao ar livre, alternando-se na guarda. Fico tocado. “Dentro de alguns dias”, digo, “quando estiver mais quente.” Dormimos inquietos, quatro corpos amontoados numa barraca destinada a dois, a garota pudicamente na ponta.

Estou de pé antes do amanhecer, olhando para o norte. Quando os rosas e roxos do nascer do sol começam a ficar dourados, as manchinhas se

materializam de novo na face vazia da planície, não três, mas oito, nove, dez, talvez doze.

Com um pedaço de pau e uma camisa branca de linho faço uma bandeira e cavalgo na direção dos estranhos. O vento amainou, o ar está limpo, eu conto ao me aproximar: doze minúsculas figuras numa encosta e bem longe, atrás delas, a vaga e fantasmagórica insinuação do azul das montanhas. Então, enquanto olho, as figuras começam a se mexer. Agrupam-se numa fila e como formigas sobem a encosta. Na crista se detêm. Um redemoinho de poeira as esconde, depois reaparecem: doze homens montados contra o horizonte. Prossigo, a bandeira branca batendo acima de meu ombro. Embora mantenha os olhos na crista, não percebo o momento em que eles desaparecem.

“Temos de simplesmente ignorar essa gente”, digo ao grupo. Recarregamos, e retomamos nossa marcha para as montanhas. Embora a carga fique cada dia mais leve, machuca o coração ter de chicotear os animais emaciados para que prossigam.

A garota está sangrando, chegou o seu período mensal. Não consegue ocultar isso, não tem privacidade, não há o menor arbusto atrás do qual se esconder. Está aborrecida, e os homens estão aborrecidos. É a velha história: o fluxo da mulher é má sorte, é ruim para a colheita, ruim para a caçada, ruim para os cavalos. Os homens ficam mal-humorados: eles a querem longe dos cavalos, o que não é possível, não querem que toque na comida. Envergonhada, ela fica sozinha o dia inteiro e não se junta a nós para a refeição da noite. Depois de comer, levo uma tigela de feijão e bolinhos para a barraca onde ela está sentada.

“Não devia cuidar de mim”, diz ela. “Eu não devia nem estar nesta barraca. Mas não tem outro lugar para ir.” Ela não questiona sua exclusão.

“Não tem importância”, digo. Toco seu rosto com a mão, sento-me um pouco e a observo enquanto come.

É inútil insistir com os homens para dormirem na barraca com ela. Eles dormem fora, mantêm a fogueira acesa, alternam-se na guarda. De manhã,

por causa deles, realizo uma breve cerimônia de purificação com a garota (porque me tornei impuro por dormir em sua cama): com uma varinha traço uma linha na areia, levo-a para o outro lado, lavo as mãos dela e as minhas, depois a levo de volta sobre a linha para o acampamento. “Vai ter de fazer a mesma coisa amanhã cedo”, ela murmura. Em doze dias na estrada ficamos mais próximos do que em meses morando no mesmo apartamento.

Chegamos ao pé das montanhas. Os estranhos cavaleiros marcham bem à nossa frente pelo leito serpeante de um rio seco. Desistimos de tentar alcançá-los. Compreendemos agora que, enquanto estão nos seguindo, estão também nos orientando.

À medida que o terreno fica mais rochoso, progredimos mais e mais devagar. Quando paramos para descansar, ou perdemos de vista os estranhos nas curvas do rio, é sem medo de que eles desapareçam.

Depois, ao subir um barranco, tentando agradar os cavalos, com esforço, puxando e arrastando, nos vemos de repente acima deles. De trás das rochas, saindo de uma vala escondida, eles surgem, homens montados em pôneis peludos, doze ou mais, vestidos com casacos e gorros de pele de carneiro, rostos marrons, curtidos pela intempérie, olhos amendoados, os bárbaros em carne e osso no solo nativo. Estou tão perto que posso sentir o cheiro deles de onde estou: suor de cavalo, fumaça, couro semicurtido. Um deles aponta para meu peito um antigo mosquete quase do tamanho de um homem, com um apoio duplo preso perto da boca do cano. Meu coração pára. “Não”, sussurro: com elaborada cautela largo as rédeas do cavalo que estou levando e exibo as mãos vazias. Igualmente devagar, viro de costas, pego as rédeas e, escorregando, deslizando no cascalho, levo o cavalo os trinta passos encosta abaixo até o sopé onde meus companheiros esperam.

Os bárbaros ficam silhuetados contra o céu acima de nós. Há o bater de meu coração, o ofegar dos cavalos, o gemido do vento e nenhum outro

som. Atravessamos os limites do Império. Não é um momento para arriscar nada.

Ajudo a garota a descer do cavalo. “Ouça com cuidado”, digo. “Vou levar você até o alto da encosta, e vai poder falar com eles. Traga suas bengalas, o solo é fofo, não tem outro jeito de subir. Depois de falar, pode resolver o que quer fazer. Se quiser ir com eles, se vão levar você de volta para sua família, vá com eles. Se resolver voltar conosco, pode voltar conosco. Está entendendo? Não estou forçando você a nada.”

Ela faz que sim com a cabeça. Está muito nervosa.

Com o braço em torno dela, ajudo-a a subir a encosta de cascalho. Os bárbaros não se mexem. Conto três mosquetes de cano longo; fora isso, usam os arcos curtos que já conheço. Ao chegarmos ao alto, eles recuam ligeiramente.

“Consegue enxergar os homens?”, pergunto, ofegante.

Ela vira a cabeça daquele estranho jeito sem motivação. “Não muito”, diz.

“‘Cega’: como é a palavra para ‘cega’?”

Ela me diz. Dirijo-me aos bárbaros. “Cega”, digo, tocando minhas pálpebras. Eles não respondem. A arma apoiada entre as orelhas do pônei ainda está apontada para mim. Os olhos do seu dono cintilam alegremente. O silêncio demora.

“Fale com eles”, digo a ela. “Conte a eles por que estamos aqui. Conte a sua história. Conte a verdade.”

Ela olha de lado para mim e me dá um pequeno sorriso. “Quer que eu conte a verdade mesmo?”

“Conte a verdade. O que mais tem para contar?”

O sorriso não deixa seus lábios. Ela sacode a cabeça, mantém o silêncio.

“Conte o que quiser. Só que, agora que eu trouxe você de volta, até onde pude, quero pedir muito claramente que volte para a cidade comigo. Por sua livre escolha.” Agarro seu braço. “Está me entendendo? É isso que eu quero.”

“Por quê?” As palavras caem de sua boca com mortal suavidade. Ela sabe que isso me confunde, que me confundiu desde o começo. O homem com a arma avança devagar até estar quase encostado em nós. Ela sacode a cabeça. “Não. Não quero voltar para aquele lugar.”

Arrasto-me encosta abaixo. “Acendam um fogo, façam chá, vamos parar aqui”, digo aos homens. Lá de cima, a suave cascata da fala da garota chega a mim quebrada pelas rajadas do vento. Ela se apóia em suas duas bengalas, os cavaleiros desmontam e se reúnem em torno dela. Não consigo discernir nenhuma palavra. “Que desperdício”, penso, “ela podia ter passado aquelas longas noites vazias me ensinando sua língua! Tarde demais agora.”

No alforje da sela, pego as duas travessas de prata que trouxe comigo através do deserto. Tiro a peça de seda de seu envoltório. “Quero que fique com isto”, digo. Oriento sua mão para sentir a maciez da seda, os relevos das travessas, peixes e folhas entrelaçados. Trouxe também sua pequena trouxa. O que contém eu não sei. Deixo no chão. “Eles vão levar você?”

Ela responde que sim com a cabeça. “No meio do verão, ele disse. Disse que quer um cavalo também. Para mim.”

“Diga a ele que temos uma longa e dura estrada pela frente. Nossos cavalos se encontram em mau estado, como ele pode ver por seus olhos. Pergunte se não podemos comprar cavalos deles em vez disso. Diga que pagamos com prata.”

Ela traduz para o velho enquanto espero. Os companheiros dele desmontaram, mas ele ainda está em cima de seu cavalo, a enorme arma antiga na correia, às costas. Estribos, sela, freio, rédeas: nada de metal, mas osso e madeira endurecida a fogo costurados com tripa, trançados com tiras de couro. Corpos vestidos de lã e peles de animal e nutridos desde a infância com carne e leite, estranhos ao suave toque do algodão, às virtudes dos plácidos grãos e frutas: é gente empurrada pela expansão do Império

para fora das planícies, para as montanhas. Nunca antes encontrei gente do norte em sua própria terra em pé de igualdade: os bárbaros que conheço são aqueles que visitam o oásis para comerciar, e os poucos que acampam ao longo do rio, e os miseráveis prisioneiros de Joll. Que ocasião especial e que pena também estar aqui hoje! Um dia, meus sucessores farão coleções dos artefatos dessa gente, pontas de flechas, punhos de faca entalhados, pratos de madeira, para exibir ao lado de ninhos de pássaros e enigmas caligráficos. E aqui estou, estabelecendo relações entre os homens do futuro e os homens do passado, devolvendo, com desculpas, um corpo que nós sugamos até que secasse — um intermediário, um chacal do Império em pele de carneiro!

“Ele diz não.”

Pego uma das barrinhas de prata de minha sacola e mostro a ele. “Diga que isto é por um cavalo.”

Ele se inclina, pega a barra brilhante e cuidadosamente a morde; depois a faz sumir em seu casaco.

“Ele diz não. A prata é pelo cavalo que ele não vai levar. Ele não vai levar meu cavalo, vai levar a prata no lugar.”

Quase perco a paciência; mas que bem faria pechinchar? Ela está indo embora, quase já foi. É a última vez para olhar para ela claramente face a face, para perscrutar os movimentos de meu coração, para tentar entender quem ela realmente é: daqui para a frente, eu sei, vou começar a reformá-la com meu repertório de lembranças de acordo com meus desejos questionáveis. Toco o rosto dela, pego sua mão. Nesta árida encosta no meio da manhã não consigo encontrar em mim nenhum traço daquele erotismo estupidificado que costumava me atrair noite após noite para o corpo dela, ou mesmo da afeição camarada da estrada. Existe apenas um vazio, e desolação por haver só esse vazio. Vejo claramente o que vejo: uma garota sólida com uma boca larga e cabelo cortado em franja na testa, olhando o céu acima de meu ombro; uma estranha; uma visitante de lugares estranhos agora a caminho de casa depois de uma visita menos que

feliz. “Adeus”, digo. “Adeus”, ela diz. Não há mais vida na sua voz do que na minha. Começo a descer a encosta; quando chego embaixo, eles pegaram as bengalas dela e a ajudam a subir num pônei.

Até onde se pode ter certeza, a primavera chegou. O ar está perfumado, as pontas verdes dos brotos novos de grama estão começando a aparecer aqui e ali, bandos de perdizes do deserto voam à nossa frente. Se tivéssemos saído do oásis agora em vez de tê-lo feito há duas semanas, teríamos viajado mais depressa e não teríamos arriscado nossas vidas. Por outro lado, teríamos tido a sorte de encontrar os bárbaros? Hoje mesmo, tenho certeza, eles estão dobrando suas barracas, carregando as carroças, conduzindo seus rebanhos a chicote para as migrações de primavera. Eu não estava errado em assumir o risco, embora saiba que os homens me culpam. (“Trazer a gente aqui no inverno!”, imagino-os dizendo. “Não devíamos nunca ter concordado!” E o que devem pensar agora, que se dão conta de que não foram parte de uma embaixada junto aos bárbaros como eu havia dito, mas simplesmente escolta para uma mulher, uma prisioneira bárbara que sobrara, uma pessoa que não conta, a vagabunda do magistrado?)

Tentamos refazer nossa velha rota o mais exatamente possível, confiando nas estrelas que tivemos o cuidado de observar. O vento está atrás de nós, o tempo está mais quente, a carga dos cavalos mais leve, sabemos onde estamos, não há razão por que não devamos viajar depressa. Mas na primeira noite de parada acontece um contratempo. Sou chamado à fogueira, onde um dos jovens soldados está sentado sem ânimo, o rosto entre as mãos. Está sem as botas, com as meias abaixadas.

“Olhe o pé dele, *sir*”, diz nosso guia.

O pé direito está inchado e inflamado. “O que aconteceu?”, pergunto ao rapaz. Ele levanta o pé e me mostra o calcanhar com uma crosta de sangue e pus. Além do cheiro das meias sujas detecto um odor pútrido.

“Quanto tempo faz que seu pé está assim?”, grito. Ele esconde o rosto. “Por que não disse nada? Eu não falei para todos que tinham de manter os pés limpos, que tinham de trocar de meias a cada dois dias e lavar as meias, que tinham de passar pomada nas bolhas e enfaixar? Dei ordens para isso! Como vai viajar com o pé nesse estado?”

O rapaz não responde. “Ele não queria atrasar a gente”, seu amigo sussurra.

“Ele não queria atrasar a gente, mas agora vai ter de ser arrastado de volta o caminho todo!”, grito. “Fervam água, façam ele limpar e enfaixar esse pé!”

Eu tenho razão. Na manhã seguinte, quando tentam ajudá-lo a calçar a bota, ele não consegue esconder a agonia. Com o pé enfaixado enrolado num saco e amarrado, ele pode ir mancando pelo terreno mais fácil; mas a maior parte do caminho tem de ir a cavalo.

Ficaremos contentes quando esta viagem terminar. Estamos cansados da companhia um do outro.

No quarto dia, chegamos ao leito da lagoa morta e seguimos para sudeste vários quilômetros antes de alcançar o nosso poço com seu aglomerado de troncos de álamo. Aí descansamos por um dia, juntando forças para o trecho mais duro. Fritamos um suprimento de bolinhos de banha e cozinhamos a última panela de feijão para amassar.

Eu fico isolado. Os homens conversam em voz baixa e fazem silêncio quando estou por perto. Toda a excitação anterior desapareceu da expedição, não só porque o clímax dela foi tão decepcionante — uma conversa no deserto seguida da mesma estrada de volta —, mas porque a presença da garota havia espicaçado os homens à exibição sexual, a uma rivalidade fraterna que agora declinou para uma morosa irritabilidade dirigida, com certa vacilação, contra mim por levá-los numa incursão temerosa, contra os cavalos por sua recalcitrância, contra seu companheiro com o pé ferido por retardá-los, contra a grande bagagem que têm de carregar, até contra eles mesmos. Eu dou o exemplo estendendo o

colchonete ao lado do fogo, sob as estrelas, preferindo o frio do ar livre ao abafamento da barraca com três homens descontentes. Na noite seguinte, ninguém se oferece para armar a barraca, e todos dormimos ao ar livre.

No sétimo dia, estamos seguindo nosso caminho pelos ermos salgados. Perdemos outro cavalo. Os homens, cansados do feijão e dos bolos de farinha monótonos, pedem para abatê-lo para comer. Dou minha permissão, mas não me junto a eles. “Vou em frente com os cavalos”, digo. Eles que aproveitem seu banquete. Não devo impedi-los de imaginar que é minha garganta que cortam, minhas entranhas que removem, meus ossos que partem. Talvez fiquem mais amigáveis depois.

Penso com saudade na rotina familiar de meus deveres, no verão que se aproxima, nas longas sextas sonhadoras, nas conversas com os amigos ao entardecer debaixo das nogueiras, com rapazes trazendo chá e limonada e as garotas casadouras em duplas e trios passeando na nossa frente na praça com suas melhores roupas. Faz dias apenas que me separei daquela outra, e já vejo seu rosto endurecendo em minha memória, tornando-se opaco, impermeável, como se secretasse uma concha ao redor de si mesmo. Arrastando-me pelo sal, me pego num momento de perplexidade por ter sido capaz de amar alguém de um reino tão remoto. Tudo o que quero agora é viver minha vida calmamente num mundo familiar, morrer em minha própria cama e ser acompanhado até o túmulo por velhos amigos.

A mais de quinze quilômetros de distância já conseguimos divisar as torres de vigia se erguendo contra o céu; enquanto estamos ainda na trilha sul do lago, o ocre dos muros começa a se destacar do cinzento do deserto ao fundo. Olho para os homens atrás de mim. O passo deles também se acelerou, mal conseguem esconder a excitação. Não tomamos banho nem trocamos de roupa há três semanas, nossa pele está seca e marcada de preto pelo vento e pelo sol, estamos exaustos, mas caminhamos como homens, até o rapaz que manca agora com o pé enfaixado tem o peito estufado.

Podia ter sido pior: podia ter sido melhor, talvez, mas podia ter sido pior. Até os cavalos, a barriga inchada com a grama do pântano, parecem ter voltado à vida.

Nos campos, os primeiros brotos começam a aparecer. Os tons agudos de um clarim chegam a nossos ouvidos; os cavaleiros do grupo de boas-vindas saem pelos portões, o sol rebrilhando nos elmos. Parecemos espantalhos: teria sido melhor se eu tivesse mandado os homens vestirem suas armaduras para estes últimos quilômetros. Observo os cavaleiros trotarem em nossa direção, espero que a qualquer momento rompam num galope, disparem as armas para o ar e gritem. Mas sua conduta continua metódica, não é absolutamente um grupo de boas-vindas, começo a me dar conta, não há crianças correndo atrás deles: eles se dividem em dois e nos cercam, não existe entre eles um rosto que eu reconheça, seus olhos são de pedra, eles não respondem às minhas perguntas, mas nos conduzem como prisioneiros pelos portões abertos. Só quando entramos na praça, vemos as barracas e ouvimos o burburinho é que entendemos: o exército está aqui, a prometida campanha contra os bárbaros está em andamento.

4.

Um homem está sentado a minha mesa no escritório atrás do tribunal. Nunca o vi antes, mas a insígnia em sua túnica roxo-azulada me diz que ele pertence à Terceira Divisão da Guarda Civil. Uma pilha de pastas pardas amarrada com fita rosa está ao lado de seu braço; uma delas aberta na sua frente. Reconheço as pastas: contêm registros de impostos e arrecadações dos últimos cinquenta anos. Ele está realmente examinando-as? O que está procurando? Eu falo: “Posso ajudar em alguma coisa?”.

Ele me ignora, e os dois soldados rígidos que me guardam podiam ser feitos de madeira. Estou longe de reclamar. Depois de minhas semanas no deserto não é dureza me ver sem nada para fazer. Além disso, sinto um remoto matiz de exultação com a perspectiva de a falsa amizade entre mim e a Divisão estar chegando ao fim.

“Posso falar com o coronel Joll?”, pergunto. Um tiro no escuro: quem pode dizer se Joll voltou?

Ele não responde, continua fingindo ler os documentos. É um homem bem-apessoado, com dentes brancos regulares e lindos olhos azuis. Mas vaidoso, penso. Vejo-o sentado na cama ao lado de uma garota, flexionando os músculos para ela, alimentando-se de sua admiração. O tipo de homem que leva seu corpo como uma máquina, imagino, ignorando que tem seus próprios ritmos. Quando ele olhar para mim, como olhará dentro de um momento, olhará por detrás daquele belo rosto imóvel e

através daqueles olhos claros como um ator olha por detrás de uma máscara.

Ele levanta os olhos da página. É exatamente como pensei. “Onde esteve?”, pergunta.

“Estive fora, numa longa viagem. Pena que não estivesse aqui quando chegaram, para oferecer minha hospitalidade. Mas agora estou de volta, e tudo o que é meu é seu.”

A insígnia diz que ele é um subtenente. Subtenente da Terceira Divisão: o que isso quer dizer? Dá para adivinhar, cinco anos dando chutes e batendo em pessoas; desprezo pela polícia regular e pelos devidos processos da lei; antipatia por uma fala educada como a minha. Mas talvez eu esteja sendo injusto com ele — estou distante da capital há um bom tempo.

“O senhor esteve em consórcio traiçoeiro com o inimigo”, diz ele.

Então está dito. “Consórcio traiçoeiro”: expressão saída de um livro.

“Estamos em paz aqui”, digo, “não temos nenhum inimigo.” Faz-se silêncio. “A menos que eu esteja errado”, digo. “A menos que nós sejamos o inimigo.”

Não tenho certeza se ele me entende. “Os nativos estão em guerra conosco”, diz. Duvido que ele alguma vez na vida pousou os olhos num bárbaro. “Por que vem mantendo consórcio com eles? Quem lhe deu permissão para deixar seu posto?”

Esquivo-me da provocação. “É uma questão privada”, digo. “Terá de aceitar minha palavra. Não pretendo discutir isso. A não ser para dizer que a magistratura de um distrito não é um posto que possa ser abandonado como o de um sentinela.”

Há uma vitalidade em meu andar quando sou levado para o confinamento entre meus dois guardas. “Espero que me permitam tomar banho”, digo, mas eles me ignoram. Não importa.

Tenho consciência da fonte do meu entusiasmo: minha aliança com os guardiães do Império está encerrada, pus-me em oposição, o elo se quebrou, sou um homem livre. Quem não iria sorrir? Mas que perigosa

alegria! Não devia ser tão fácil conquistar a salvação. E existe algum princípio por trás de minha oposição? Será que não fui simplesmente provocado a uma reação ao ver um dos novos bárbaros usurpando minha mesa e folheando meus papéis? Quanto a essa liberdade que estou pensando em jogar fora, que valor tem ela para mim? Terei realmente gozado a liberdade sem limites deste último ano, em que mais do que nunca minha vida foi minha para eu inventar à medida que prosseguia? Por exemplo: minha liberdade para fazer da garota o que eu sentisse vontade, esposa ou concubina, filha ou escrava, ou tudo ao mesmo tempo, ou nada, a meu bel-prazer, porque eu não tinha nenhuma obrigação com ela a não ser o que me ocorreu sentir de momento a momento: na opressão de tal liberdade quem não daria boas-vindas à libertação do confinamento? Em minha oposição não há nada de heróico—que eu nem por um instante esqueça disso.

É a mesma sala no alojamento que eles usaram para seus interrogatórios no ano passado. Fico parado enquanto os colchões e cobertas dos soldados que estavam dormindo aqui são arrastados para fora e empilhados na porta. Meus três homens, ainda imundos e esfarrapados, saem da cozinha para olhar. “O que é isso que estão comendo?”, grito. “Me dêem um pouco antes que me tranquem!” Um deles vem correndo com sua tigela de mingau de painço quente. “Tome”, diz. O guarda faz sinal para eu entrar. “Um momento”, digo. “Deixe ele pegar meu colchão, depois não incomodo mais vocês.” Eles esperam enquanto fico num retalho de sol comendo o mingau com uma colher como um homem faminto. O rapaz de pé machucado está ao lado com uma tigela de chá, sorrindo. “Obrigado”, digo. “Não se preocupe, eles não vão fazer nada, vocês só estavam cumprindo ordens.” Com meu colchão e minha velha pele de urso debaixo do braço, entro na cela. As marcas de fuligem ainda estão na parede no lugar onde ficava o braseiro. A porta se fecha, e cai a escuridão.

Durmo o dia inteiro e a noite inteira, quase imperturbado pelo escavar das picaretas atrás da parede à minha cabeceira ou pelo rolar distante de

carrinhos de mão e pelos gritos de trabalhadores. Em meus sonhos, estou de novo no deserto, me arrastando pelo espaço sem fim na direção de um objetivo obscuro. Suspiro e umedeço os lábios. “O que é esse barulho?”, pergunto quando o guarda traz minha comida. Estão demolindo as casas construídas junto à muralha sul do alojamento, ele me diz: vão ampliar o alojamento e construir celas adequadas. “Ah, sei”, digo: “é hora da flor negra da civilização desabrochar.” Ele não entende.

Não há janela, apenas um buraco alto na parede. Mas depois de um ou dois dias meus olhos se ajustaram à escuridão. Tenho de me proteger contra a luz quando, de manhã e à tardinha, a porta é aberta e me dão comida. A melhor hora é de manhã bem cedo, quando acordo e fico escutando os primeiros cantos de pássaros lá fora, observando a praça do buraco de fumaça no instante em que a escuridão dá lugar à primeira luz cinzenta.

Fornecem-me as mesmas rações dos soldados comuns. A cada dois dias o portão do alojamento é trancado por uma hora, e me deixam sair para tomar banho e fazer exercício. Há sempre rostos apertados contra as grades do portão, olhando de boca aberta o espetáculo da queda daquele que um dia foi poderoso. Muitos eu reconheço; mas ninguém me cumprimenta.

À noite, quando está tudo quieto, as baratas saem para explorar. Escuto, ou talvez imagine, o clique córneo de suas asas, o raspar de suas patas pelo chão cimentado. Elas são atraídas pelo cheiro do balde no canto, pelas migalhas de comida no chão; sem dúvida também por esta montanha de carne que solta seus múltiplos odores de vida e decadência. Uma noite, sou despertado pelo toque leve como pluma de uma delas andando pelo meu pescoço. Depois disso, muitas vezes desperto com um repelão durante a noite, me debatendo, me esfregando, sentindo o toque fantasmagórico de suas antenas em meus lábios, em meus olhos. É assim que começam as obsessões: eu entendo o alerta.

Fico o dia inteiro olhando as paredes vazias, incapaz de acreditar que nenhum olhar será intenso o bastante para materializar a marca de toda a

dor e degradação que eles trancaram; ou fecho os olhos tentando sintonizar o ouvido com o nível infinitamente leve com que os gritos de todos os que sofreram aqui ainda batem de uma parede a outra. Rezo pelo dia em que estas paredes serão postas abaixo e os ecos inquietos possam por fim voar; embora seja difícil ignorar o som de tijolo sendo colocado sobre tijolo tão perto.

Espero com ansiedade os momentos de exercício, quando posso sentir o vento no rosto e a terra na sola dos pés, ver outros rostos e ouvir fala humana. Depois de dois dias de solidão, meus lábios parecem frouxos e inúteis, minha própria fala me parece estranha. Verdadeiramente o homem não foi feito para viver sozinho! Construo meu dia pouco razoavelmente em torno das horas em que me dão comida. Devoro meu prato como um cão. Uma vida bestial está me transformando num animal.

No entanto, é só nos dias vazios, em que sou deixado inteiramente sozinho, que posso me voltar seriamente às evocações dos fantasmas de homens e mulheres presos entre estas paredes que depois de uma passada por aqui já não sentiam vontade de comer e não podiam andar sem auxílio.

Em algum lugar, sempre, uma criança está sendo espancada. Penso em alguém que apesar da idade era ainda uma criança; que foi trazida para cá e machucada diante dos olhos de seu pai; que o viu ser humilhado diante dela e viu que ele sabia o que ela via.

Ou talvez nesse momento ela não pudesse ver e tivesse de saber por outros meios: o tom que sua voz assumia quando ele implorava que parassem, por exemplo.

Encontro sempre em mim este momento de me esquivar dos detalhes do que aconteceu aqui.

Depois disso, ela não tinha mais pai. Seu pai aniquilara a si mesmo, era um homem morto. Deve ter sido nesse ponto, quando ela se fechou para ele, que ele se atirou em cima dos interrogadores, se há alguma verdade na história deles, e os atacou como um animal selvagem até ser abatido a pauladas.

Fecho os olhos por horas sem fim, sentado no meio do chão na débil luz do dia, e tento evocar a imagem daquele homem tão deslembado. Tudo o que vejo é uma figura chamada *pai* que poderia ser a figura de qualquer pai que sabe que um filho está sendo espancado e ele não é capaz de protegê-lo. Com alguém que ama ele não pode cumprir seu dever. Por isso ele sabe que nunca é perdoado. Esse conhecimento dos pais, esse conhecimento de condenação, é mais do que ele pode suportar. Não é de admirar que tenha querido morrer.

Dei à garota minha proteção, me ofereci à minha maneira equívoca para ser seu pai. Mas cheguei tarde demais, depois de ela ter deixado de acreditar em pais. Eu queria fazer o certo, queria fazer uma reparação: não vou negar esse impulso decente, ainda que misturado com motivações mais questionáveis: deve haver sempre um lugar para penitência e reparação. Mesmo assim, eu não devia nunca ter permitido que os portões fossem abertos para pessoas que afirmam existirem considerações mais elevadas que as da decência. Eles expuseram o pai a ela nu e o fizeram falar, de tanta dor; eles a machucaram, e ele não pôde detê-los (num dia que passei ocupado com livros de registro em meu escritório). Depois disso, ela já não era inteiramente humana, irmã de todos nós. Certas simpatias morreram, certos movimentos do coração passaram a não ser mais possíveis para ela. Eu também, se viver o suficiente nesta cela com seus fantasmas, não só do pai e da filha mas do homem que nem à luz do lampião tirava os discos negros dos olhos e do subordinado cujo trabalho era manter alimentado o braseiro, serei tocado pelo contágio e transformado numa criatura que não acredita em nada.

Então continuo a espreitar e circular em torno da figura irreduzível da garota, lançando sobre ela uma rede de significado após outra. Ela se apóia em suas duas bengalas olhando ofuscada para cima. O que vê? As asas protetoras de um albatroz guardião ou a forma negra de um corvo covarde que tem medo de atacar enquanto sua presa ainda respira?

Embora os guardas tenham ordens de não discutir nada comigo, não é difícil costurar numa história coerente os retalhos de conversa que escuto em minhas idas ao pátio. Todas as últimas conversas são sobre um incêndio ao longo do rio. Há cinco dias era apenas uma mancha mais escura contra a bruma do noroeste. Desde então tem devorado seu caminho devagar ao longo do curso do rio, às vezes diminuindo, mas revivendo sempre, agora claramente visível da cidade como um manto marrom em cima do delta onde o rio entra no lago.

Posso adivinhar o que aconteceu. Alguém resolveu que as margens do rio fornecem muita cobertura para os bárbaros, que o rio formaria uma linha mais defensável se suas margens fossem limpas. Então devem ter posto fogo no mato. Com o vento soprando do norte, o fogo se espalhou por todo o vale raso. Já vi incêndios no mato antes. O fogo corre pelos juncos, os álamos se queimam como tochas. Animais que são rápidos — antílope, lebre, gato — escapam; bandos de pássaros voam aterrorizados; todo o resto é consumido. Mas existem tantos trechos secos ao longo do rio que o fogo raramente se espalha. Então, é claro que neste caso um grupo deve estar acompanhando o fogo rio abaixo para garantir seu progresso. Eles não se importam de que, uma vez limpo o chão, o vento comece a roer o solo e o deserto avance. Assim a força expedicionária contra os bárbaros prepara sua campanha, assolando a terra, devastando nosso patrimônio.

As estantes foram esvaziadas, espanadas e polidas. A superfície da mesa brilha com um lustro profundo, nua a não ser por um pires de bolinhas de vidro de cores diferentes. A sala está imaculadamente limpa. Um vaso de hibiscos numa mesa no canto, enchendo o ar de perfume. Há um tapete novo no chão. Meu escritório nunca pareceu tão atraente.

Fico ao lado do guarda com a mesma roupa com que viajei, a roupa de baixo lavada uma ou duas vezes, mas o casaco ainda cheirando a lenha de fogueira, e espero. Olho a luz a brincar nos botões da amendoeira fora da janela e estou contente.

Depois de um bom tempo, ele entra, joga uma pilha de papéis em cima da mesa e senta-se. Olha para mim sem falar. Está tentando, embora um tanto teatralmente, me impressionar um pouco. A reorganização cuidadosa de meu escritório, de cheio e empoeirado para esta ordem vazia, o passo lento que ele usa para atravessar a sala, a insolência medida com que me examina, têm a intenção de dizer alguma coisa: não só que é ele que está agora no poder (como posso contestar isso?), mas que ele sabe como se comportar num escritório, sabe até como introduzir uma nota de elegância funcional. Por que ele acha que vale a pena se dar o trabalho de exhibir-se assim para mim? Porque apesar de minhas roupas malcheirosas e de minha barba crescida ainda sou de uma *família antiga*, por mais desprezivelmente decadente que esteja aqui no fim do mundo? Será que ele teme que eu vá desdenhá-lo a menos que se arme com uma decoração aprendida, sem dúvida, na cuidadosa observação das salas de seus superiores na Divisão? Ele não vai acreditar em mim se eu disser que isso não importa. Tenho de tomar cuidado para não sorrir.

Ele limpa a garganta. “Vou ler para o senhor os depoimentos que recolhemos, magistrado”, diz, “para que tenha idéia da gravidade das acusações contra o senhor.” Ele gesticula, e o guarda sai da sala.

“Primeiro: ‘Sua conduta no posto deixou muito a desejar. Suas decisões eram caracterizadas por arbitrariedade, requerentes às vezes tinham de esperar meses por uma audiência, e ele não mantinha nenhum sistema regular de contabilidade de dinheiro.’” Ele baixa o papel. “Posso mencionar que uma inspeção em suas contas confirmou que tem havido irregularidades. ‘Apesar de ser o principal funcionário administrativo do distrito, ele estabeleceu uma ligação com uma mulher de rua que ocupou a maior parte de suas energias, em detrimento de seus deveres oficiais. A

ligação teve efeito desmoralizador sobre o prestígio da administração imperial, porque a mulher em questão foi freqüentada pelos soldados comuns e figurava em numerosas histórias obscenas.’ Não repetirei as histórias.

“Permita que eu leia outro. ‘No dia 10 de março, duas semanas antes da chegada da força expedicionária, ele deu ordens para que eu e outros dois homens (aqui nomeados) nos preparássemos imediatamente para uma longa viagem. Na época, não mencionou para onde íamos. Ficamos surpresos ao descobrir que a garota bárbara viajaria conosco, mas não fizemos perguntas. Ficamos surpresos também com a pressa dos preparativos. Não víamos por que não podíamos esperar o degelo da primavera. Só depois de nossa volta é que entendemos que o propósito havia sido alertar os bárbaros sobre a próxima campanha... Fizemos contato com os bárbaros por volta do dia 18 de março. Ele teve longos encontros com eles, dos quais fomos excluídos. Uma troca de presentes também ocorreu. Nesse momento, discutimos entre nós o que faríamos se ele ordenasse que fôssemos até os bárbaros. Decidimos que iríamos recusar e voltar para casa... A garota voltou para seu povo. Ele estava fascinado por ela, mas ela não se importava com ele.’

“Então.” Ele baixa os papéis cuidadosamente e alisa os cantos. Mantenho silêncio. “Li apenas trechos. Para o senhor saber como vão as coisas. Parece muito ruim termos de chegar e limpar a administração local. Não é nem nossa função.”

“Vou me defender num tribunal de justiça.”

“Vai?”

Não me surpreende o que estão fazendo. Sei muito bem o peso que insinuações e nuances podem ser levadas a assumir e como uma pergunta pode ser feita de modo a determinar sua resposta. Eles vão usar a lei contra mim até onde servir a eles, depois vão recorrer a outros métodos. É esse o jeito da Divisão. Para pessoas que não operam de acordo com estatutos, o processo legal é apenas um instrumento entre muitos.

Falo. “Ninguém teria coragem de dizer essas coisas na minha cara. Quem é o responsável pelo primeiro depoimento?”

Ele faz um gesto com a mão e se recosta. “Não importa. O senhor terá a chance de responder.”

Então nos observamos na calma da manhã, até chegar a hora de ele bater palmas para o guarda me remover.

Penso muito nele na solidão de minha cela, tentando entender sua animosidade, tentando me ver como ele me vê. Penso no cuidado com que tratou meu escritório. Ele não jogou simplesmente meus papéis num canto e pôs as botas em cima de minha mesa, mas se deu o trabalho de me mostrar sua idéia de bom gosto. Por quê? Um homem com cintura de menino e braços de lutador de rua apertado na farda roxo-azulada que a Divisão criou para si. Vaidoso, com fome de elogios, tenho certeza. Um devorador de mulheres, insatisfeito, insatisfatório. Que ouviu dizer que só se consegue chegar ao topo escalando uma pirâmide de mortos. Que sonha que um dia desses vai pôr o pé em meu pescoço e apertar. E eu? Acho difícil sentir ódio por ele em troca. A estrada para o topo deve ser difícil para jovens sem dinheiro, sem proteção, com mínima escolaridade, homens que poderiam tão facilmente cair numa vida de crimes como no serviço do Império (mas que melhor ramo de serviço poderiam escolher do que a Divisão!).

Mesmo assim, não estou me rendendo facilmente às humilhações da prisão. Às vezes, sentado no colchão a olhar três manchinhas na parede, me sinto deslizar pela milésima vez para as perguntas: *Por que estão enfileiradas? Quem as colocou ali? Será que querem dizer alguma coisa?*, ou descubro, ao caminhar pela sala, que estou contando *um-dois-três-quatro-cinco-seis-um-dois-três...*, ou esfrego sem pensar a mão no rosto, compreendendo como eles conseguiram tornar minúsculo o meu mundo, como diariamente me torno mais parecido com um animal ou uma simples máquina, uma roca de criança, por exemplo, com oito figurinhas se apresentando no aro: pai, amante, cavaleiro, ladrão... Depois reajo com

movimentos de vertiginoso terror em que corro pela cela sacudindo os braços, puxando a barba, batendo os pés, fazendo qualquer coisa para me surpreender, para me lembrar de um mundo fora daqui que é variado e rico.

Há outras humilhações também. Meus pedidos de roupa limpa foram ignorados. Não tenho nada para vestir, além do que trouxe comigo. A cada dia de exercício, sob o olhar do guarda, lavo uma peça, uma camisa ou uma ceroula, com cinzas e água fria, e levo de volta para secar na cela (a camisa que deixei secando no pátio desapareceu dois dias depois). Em minhas narinas há sempre o cheiro mofado de roupas que não vêem o sol.

E pior. Sob a monótona dieta de sopa, mingau e chá, passou a ser uma agonia movimentar as entranhas. Hesito dias, me sentindo duro e estufado, até conseguir fazer o esforço de me agachar em cima do balde e suportar as pontadas da dor, o dilacerar de tecidos que acompanha essas evacuações.

Ninguém me bate, ninguém me faz passar fome, ninguém cospe em mim. Como posso me sentir vítima de perseguição se meus sofrimentos são tão modestos? No entanto, são ainda mais degradantes por serem pequenos. Lembro-me de sorrir quando as portas se fecharam atrás de mim e a chave girou na fechadura a primeira vez. Não parecia um grande sacrifício mudar da solidão da existência cotidiana para a solidão da cela, já que eu podia levar comigo um mundo de idéias e lembranças. Mas agora começo a compreender como é rudimentar a liberdade. Que liberdade me restou? A liberdade de comer ou passar fome; de manter silêncio, de falar comigo mesmo, de bater na porta ou gritar. Se fui objeto de uma injustiça, uma injustiça menor, quando me trancaram aqui, agora não passo de uma pilha de sangue, ossos e carne que é infeliz.

A refeição da noite é trazida pelo neto da cozinheira. Tenho certeza de que ele fica intrigado ao ver o velho magistrado trancado sozinho num quarto escuro, mas não faz perguntas. Entra muito ereto e orgulhoso, com a bandeja, enquanto o guarda segura a porta aberta. “Obrigado”, digo, “que bom que você veio, estava ficando com fome...” Pouso a mão no ombro

dele, preenchendo o espaço entre nós com palavras humanas, enquanto ele espera sério que eu experimente e aprove. “E como vai sua avó?”

“Vai bem, *sir*.”

“E o cachorro? O cachorro já voltou?” (Do outro lado do pátio vem o chamado da avó.)

“Não, *sir*.”

“É primavera, como sabe, estação de acasalamento: cachorros saem para cruzar, ficam longe dias, depois voltam e não contam para a gente onde estiveram. Não se preocupe, ele volta.”

“Sim, *sir*.”

Experimento a sopa, como ele quer que eu faça, e estalo os lábios. “Diga para a sua avó que agradeço o jantar, está delicioso.”

“Sim, *sir*.” Outra vez o chamado: ele pega a caneca e o prato da manhã e se prepara para ir embora.

“E me diga uma coisa: os soldados já voltaram?”, pergunto depressa.

“Não, *sir*.”

Seguro a porta aberta e fico um momento no batente, ouvindo o último piar dos passarinhos nas árvores debaixo do grande céu violeta enquanto o menino atravessa o pátio com sua bandeja. Não tenho nada para dar a ele, nem um botão; não tenho tempo nem de lhe ensinar como estalar as juntas dos dedos ou como pegar o nariz com a mão fechada.

Estou esquecendo da garota. Ao escorregar no sono, me vem com fria clareza que um dia inteiro se passou sem que eu pensasse nela. Pior, não consigo me lembrar com certeza como ela é. De seus olhos vazios parecia haver sempre uma névoa se espalhando, um vazio que a tomava inteira. Fico olhando o escuro à espera de que se forme uma imagem; mas a única lembrança em que posso absolutamente me apoiar é em minhas mãos untadas de óleo deslizando por seus joelhos, panturrilhas, tornozelos. Tento recordar nossas poucas intimidades, mas as confundo com lembranças de todas as outras carnes quentes em que me cravei no curso de uma vida. Estou esquecendo dela, e esquecendo, sei bem,

deliberadamente. Desde o momento em que parei diante dela no portão do alojamento e a elegi, nunca entendi a raiz de minha necessidade dela; e agora estou firmemente determinado a enterrá-la no esquecimento. Mãos frias, coração frio: me lembro do provérbio, toco as palmas no rosto, suspiro no escuro.

No sonho, há alguém ajoelhado ao abrigo do muro. A praça está bem vazia; o vento sopra a poeira em nuvens; ela se encolhe atrás da gola do casaco, puxa o gorro para cobrir o rosto.

Paro diante dela. “Onde dói?”, pergunto. Sinto as palavras tomarem forma em minha boca, depois escuto saírem finas, incorpóreas, como palavras ditas por outra pessoa.

Ela estende as pernas, desajeitada, e toca os tornozelos. É tão pequena que quase desaparece no casaco de homem que está usando. Ajoelho-me, desamarro as largas meias de lã, desenrolo as bandagens. Os pés jazem diante de mim na poeira, descarnados, monstruosos, dois peixes desgarrados, duas imensas batatas.

Levanto um, ponho no colo e começo a friccionar. Lágrimas se formam dentro das pálpebras dela e correm pelo rosto. “Está doendo!”, ela geme com uma voz minúscula. “Psiu”, digo, “vou esquentar você.” Levanto o outro pé e abraço os dois juntos. O vento despeja poeira em cima de nós; tenho areia entre os dentes. Desperto com a gengiva doendo e sangue na boca. A noite está calma, a lua escura. Fico um tempo deitado no escuro, depois deslizo de novo para o sonho.

Entro pelo portão do alojamento e vejo um pátio sem fim como o deserto. Não há esperança de chegar ao outro lado, mas continuo em frente, carregando a garota, única chave que tenho para o labirinto, a cabeça dela aninhada em meu ombro, os pés mortos pendurados do outro lado.

Há outros sonhos em que a figura que chamo de *a garota* muda de forma, de sexo, de tamanho. Num sonho, duas formas despertam terror em mim: maciças e vazias, elas crescem e crescem até preencher todo o espaço

onde estou dormindo. Desperto sufocado, gritando, a garganta congestionada.

A textura dos dias, por outro lado, é tão pastosa quanto mingau. Nunca antes tive o cotidiano tão esfregado em meu nariz. O fluxo de acontecimentos do mundo exterior, a dimensão moral de minha dificuldade, se é disso que se trata, de uma dificuldade, até mesmo a perspectiva de me defender no tribunal, perderam todo interesse sob a pressão do apetite, das funções físicas e do tédio de viver uma hora após a outra. Peguei um resfriado; todo o meu ser está preocupado em fungar e espirrar, na miséria de ser simplesmente um corpo que se sente doente e quer estar bem.

Uma tarde, os tênues raspar e tinir da colher de pedreiro dos construtores do outro lado da parede cessam de repente. Deitado no colchão, empino as orelhas: há um zumbido distante no ar, uma tênue qualidade elétrica na tarde calma que não se define em sons distintos mas me deixa tenso e inquieto. Uma tempestade? Mesmo pressionando o ouvido contra a porta, não consigo escutar nada. O pátio do alojamento está vazio.

Depois, os pedreiros retomam seu tinido.

No fim da tarde, a porta se abre, e meu amiguinho entra com o jantar. Dá para ver que ele está estourando de vontade de me contar alguma coisa; mas o guarda entrou com ele e está com a mão em seu ombro. Então apenas seus olhos falam comigo: brilham de excitação; posso jurar que estão dizendo que os soldados voltaram. Nesse caso, por que não clarins e vivas, por que não cavalos trotando pela grande praça, por que não barulho de preparativos para uma festa? Por que o guarda segura o menino com tanta força e o empurra para fora antes que eu possa dar um beijo em sua cabeça raspada? A resposta óbvia é que os soldados voltaram mas não em triunfo. Se é assim, devo me cuidar.

Mais tarde, à noite, há uma explosão de barulho no pátio e um rumor de vozes. Portas são abertas e batidas, pés marcham de um lado para outro. Algo do que é dito consigo ouvir claramente: falam não de estratégias ou de exércitos de bárbaros, mas de pés doloridos e de exaustão, uma discussão sobre homens doentes que precisam de camas. Dentro de uma hora está tudo quieto outra vez. O pátio vazio. Portanto não há prisioneiros. Isso ao menos é causa de alegria.

Estamos no meio da manhã, e não tomei café-da-manhã. Caminho pelo quarto, o estômago roncando como uma vaca faminta. À idéia do mingau salgado e do chá preto minha boca enche de água, não consigo evitar.

Também não há sinal de que vão me deixar sair, embora seja dia de exercício. Os pedreiros estão trabalhando de novo; do pátio vêm sons de atividade cotidiana; escuto até a cozinheira chamando o neto. Bato na porta, mas ninguém presta atenção.

Então, no meio da tarde, uma chave gira na fechadura, e a porta se abre. “O que quer?”, pergunta meu guardião. “Por que estava batendo na porta?” Como ele deve me detestar! Passar todos os dias da vida vigiando uma porta fechada e atendendo às necessidades animais de outro homem! Ele também teve sua liberdade roubada e pensa em mim como sendo o ladrão.

“Não vai me deixar sair hoje? Ainda não comi nada.”

“Foi por isso que me chamou? Vou buscar comida. Aprenda a ter paciência. Afinal de contas, está muito gordo.”

“Espere. Tenho de esvaziar meu balde. Está cheirando mal aqui. Quero lavar o chão. Quero lavar minha roupa também. Não posso aparecer na frente do coronel com a roupa cheirando assim. Vai depor contra os meus carcereiros. Preciso de água quente, sabão e um pano. Me deixe esvaziar depressa o balde e pegar água quente na cozinha.”

Meu palpite sobre o coronel deve estar certo, porque ele não me contradiz. Abre mais a porta e fica de lado. “Depressa!”, diz.

Só a lavadora de pratos está na cozinha. Ela dá um pulo quando nós dois entramos, na verdade parece até prestes a fugir. Que histórias as pessoas andam contando sobre mim?

“Dê um pouco de água quente para ele”, o guarda ordena. Ela baixa a cabeça e se vira para o fogão, onde há sempre um grande caldeirão de água fumegante.

Por cima do ombro, digo ao guarda: “Um balde... vou buscar um balde para a água”. Em poucos passos atravesso a cozinha até o canto escuro onde, ao lado de sacos de farinha, sal, farelo de painço, ervilhas secas e feijão, guardam os rodos e vassouras. De um prego à altura da cabeça, pende a chave do porão, onde ficam pendurados os pernis de carneiro. Num instante está em meu bolso. Quando volto, estou com um balde de madeira na mão. Levanto-o, e a garota o enche de água quente com uma concha. “Como vai?”, pergunto. A mão dela treme tanto que tenho de pegar a concha. “Pode me dar um pedaço de sabão e um pano velho, por favor?”

De volta à cela, tiro a roupa e me lavo na deliciosa água morna. Lavo minha ceroula de reserva, que está com cheiro de cebola podre, torço, penduro no prego atrás da porta, e esvazio o balde no chão cimentado. Depois me deito para esperar a noite.

A chave gira macia na fechadura. Quantas pessoas além de mim sabem que a chave do porão destranca a porta de minha sala-prisão assim como o armário grande no salão principal do alojamento, que a chave para os quartos em cima da cozinha é duplicata da chave da porta do arsenal, que a chave da porta da escada da torre noroeste abre também a escada da torre nordeste, o armário pequeno do salão e o alçapão da bomba de água no pátio? Não é em vão que alguém passa trinta anos mergulhado nos pormenores da vida de um assentamento minúsculo.

As estrelas cintilam num limpo céu negro. Através das grades do portão do pátio vem o brilho de uma fogueira na praça adiante. Ao lado do portão consigo, forçando a vista, divisar um vulto escuro, um homem sentado encostado no muro ou encolhido no sono. Ele me vê na porta de minha cela? Durante alguns minutos, fico alerta. Ele não se mexe. Depois começo a seguir junto ao muro, meus pés descalços fazendo ruídos sussurrantes nos trechos de cascalho.

Viro a esquina e passo pela porta da cozinha. A porta seguinte leva a meu antigo apartamento no andar de cima. Está trancada. A terceira e última porta está aberta. É a porta de um quatinho usado como enfermaria, às vezes simplesmente para aquartelar homens. Agachado, tateando com a mão à minha frente, rastejo na direção do tênue quadrado azul da janela gradeada, temeroso de pisar nos corpos cuja respiração escuto à minha volta.

Alguém se destaca do grupo: o homem adormecido a meus pés respira depressa, dando um pequeno gemido a cada expiração. Está sonhando? Paro um momento, enquanto a centímetros de mim, como uma máquina, ele continua a ofegar e gemer no escuro. E sigo em frente.

Paro na janela e olho para a praça da cidade, meio esperando fogueiras de acampamento, fileiras de cavalos amarrados e armas empilhadas, filas de barracas. Mas não há quase nada para ver: as brasas de uma única fogueira e talvez o fulgor de duas barracas brancas lá longe, sob as árvores. Então a força expedicionária não voltou! Ou será possível que estas poucas almas aqui é tudo o que sobrou dela? Meu coração pára de bater quando penso isso. Mas não é possível! Estes homens não estiveram em guerra: na pior das hipóteses andaram perambulando rio acima, perseguindo os pastores desarmados, estuprando suas mulheres, pilhando suas casas, espalhando seus rebanhos; vai ver que nem encontraram ninguém— certamente não os clãs bárbaros reunidos, contra cuja fúria a Terceira Divisão está empenhada em nos proteger.

Dedos leves como as asas de uma borboleta tocam meu tornozelo. Ponho-me de joelhos. “Estou com sede”, confidencia uma voz. É o homem que estava ofegando. Então ele não estava dormindo.

“Quieto, meu filho”, sussurro. Olhando bem, consigo divisar o branco de seus olhos voltado para cima. Toco-lhe a testa: ele está febril. Sua mão sobe e agarra a minha. “Estou com tanta sede!”, diz ele.

“Vou trazer água”, sussurro em seu ouvido, “mas você tem de me prometer que fica quieto. Tem homens doentes aqui, eles precisam dormir.”

A sombra ao lado do portão não se mexeu. Talvez não haja nada lá, apenas um saco velho ou uma pilha de lenha. Vou na ponta dos pés pelo cascalho até o cocho onde os soldados se lavam. A água não está limpa, mas não posso me dar ao luxo de abrir a torneira. Uma panela amassada está pendurada ao lado do cocho. Encho-a de água e volto na ponta dos pés.

O rapaz tenta sentar, mas está fraco demais. Amparo-o enquanto bebe.

“O que aconteceu?”, sussurro. Um dos outros se mexe no sono. “Está machucado ou está doente?”

“Estou com tanto calor!”, ele geme. Quer jogar de lado o cobertor, mas eu o contendo. “Tem de suar para a febre passar”, sussurro. Ele balança a cabeça devagar de um lado para outro. Seguro seu pulso até ele afundar de volta no sono.

Há três barras montadas numa moldura de madeira: todas as janelas de baixo do bloco do alojamento estão gradeadas. Firmo o pé na grade, agarro a barra do meio e empurro. Suo e empurro, sinto uma pontada de dor nas costas, mas a barra não se mexe. Então, de repente a moldura racha, e tenho de me segurar para não cair para trás. O rapaz começa a gemer de novo, outro pigarreja. Quase grito de surpresa com a dor que sinto ao apoiar o peso na perna direita.

A janela está aberta. Forço as barras para um lado, coloco a cabeça e os ombros na abertura, me esgueiro para fora e por fim caio na terra, atrás da

fileira de arbustos podados que corre ao longo da muralha norte do alojamento. Só consigo pensar na dor, tudo o que quero é ser deixado no chão na melhor posição que encontro, de lado com os joelhos dobrados na direção do queixo. Durante uma hora pelo menos, enquanto podia estar empreendendo minha fuga, fico ali deitado, ouvindo pela janela aberta os suspiros dos que dormem, a voz do rapaz resmungando consigo mesmo. As últimas brasas da fogueira na praça se apagam. Homem e animal estão dormindo. É a hora que precede o amanhecer, a hora mais fria. Sinto a friagem da terra penetrar em meus ossos. Se eu ficar aqui deitado mais tempo, vou congelar e ser levado de carrinho de volta para minha cela de manhã. Como uma lesma ferida, começo a me arrastar ao longo do muro, rumo à boca escura da primeira rua que sai da praça.

O portão da pequena área atrás da hospedaria está aberto, podre nas dobradiças. A área em si cheira a podridão. Cascas, ossos, restos, cinzas, são jogados ali da cozinha para serem misturados ao solo com o forcado: mas a terra ficou cansada, o forcado que enterra os refugos desta semana desenterra os refugos da semana passada. Durante o dia, o ar está agitado de moscas; ao entardecer, o besouro preto e a barata despertam.

Debaixo da escada de madeira que leva à sacada e aos quartos de empregados, há um canto onde se armazena lenha e onde os gatos se escondem quando chove. Engatinho para lá e me enrolo num saco velho. Tem cheiro de urina, certamente está cheio de pulgas, sinto tanto frio que meus dentes batem; mas neste momento só me ocupo em mitigar a dor de minhas costas.

* * *

Sou despertado pelo ruído de passos na escada. É dia: confuso, de cabeça pesada, me encolho em meu covil. Alguém abre a porta da cozinha. De todos os cantos saem galinhas correndo. Eu ser descoberto é só questão de tempo.

Com a ousadia de que sou capaz, mas gemendo mesmo sem querer, subo a escada. Que aspecto devo ter para o mundo com minha camisa e calça sujas, pés descalços, barba descuidada? O de um doméstico, espero, de um cavaleiro que volta para casa depois de uma noite na farra.

O corredor está vazio, a porta do quarto da garota, aberta. O quarto está limpo e arrumado como sempre: a pele felpuda no chão ao lado da cama, as cortinas quadriculadas de vermelho abertas na janela, a arca empurrada contra a outra parede com um cabide de roupas em cima. Afundo o rosto na fragrância das roupas dela e penso no menininho que trazia minha comida, como eu sentia, ao pousar a mão no seu ombro, o poder curativo do toque percorrendo meu corpo endurecido pela solidão antinatural.

A cama está arrumada. Quando deslizo a mão entre os lençóis, imagino poder sentir um ténue refulgir do calor dela. Nada me agradaria mais do que me enrolar na sua cama, deitar a cabeça em seu travesseiro, esquecer minhas dores e mazelas, ignorar a caçada a mim que agora deve estar sendo iniciada e, igual à menininha da história, cair no esquecimento. Com que voluptuosidade sinto a atração do macio, do quente, do perfumado esta manhã! Com um suspiro ajoelho e me enfio debaixo da cama. De cara para baixo, tão apertado entre o chão e o estrado que quando mexo os ombros a cama levanta, tento me compor para um dia inteiro escondido.

Cochilo e desperto, escorregando de um sonho informe para outro. No meio da manhã, esquentei demais para dormir. Enquanto agüento, fico suando em meu apertado retiro empoeirado. Então, embora eu protele, vem o momento em que tenho de me aliviar. Gemendo, arrasto-me para fora e me agacho sobre o penico. Mais uma vez a dor, a torcedura. Limpo-me com um lenço branco roubado, que se enche de sangue. O quarto cheira mal: até eu, que vivo há semanas com um balde de dejetos no canto, fico incomodado. Abro a porta e vou mancando pelo corredor. A sacada dá para fileiras de telhados, e, além deles, por cima da muralha sul, o deserto se estende na distância azulada. Não há ninguém à vista a não ser

uma mulher do outro lado da alameda, varrendo seu degrau. Uma criança engatinha atrás dela, empurrando alguma coisa na poeira, não consigo ver o quê. Sua linda bundinha aponta para cima. Quando a mulher vira as costas, dou um passo fora da sombra e despejo o conteúdo do penico no monte de lixo lá embaixo. Ela não percebe nada.

Um torpor já está começando a baixar sobre a cidade. O trabalho da manhã terminou: antecipando o calor do meio-dia, as pessoas estão se retirando para seus quintais sombreados ou para o frescor de salas internas. O marulhar da água nos sulcos da rua se aquieta e pára. Tudo o que escuto é o tinido do martelo do ferreiro, o arrulho dos pombos e, longe, em algum lugar, o choro de um bebê.

Suspirando, deito na cama no doce relembrar do aroma de flores. Que convidativo juntar-me ao resto da cidade em sua sesta! Estes dias, estes quentes dias de primavera já virando verão — como acho fácil deslizar para sua sensação langorosa! Como posso aceitar que o desastre tenha dominado minha vida quando o mundo continua a percorrer tão tranqüilamente os seus ciclos? Não preciso fazer nenhum esforço para acreditar que, quando as sombras se alongarem e o primeiro sopro de vento agitar as folhas, vou despertar, bocejar e me vestir para descer a escada e atravessar a praça até meu escritório, acenando para amigos e vizinhos no caminho, que vou passar lá uma hora ou duas, que vou arrumar minha mesa, trancar, que tudo vai continuar sendo como sempre foi. Tenho de realmente sacudir a cabeça e piscar os olhos para me dar conta de que estou aqui deitado como homem caçado, que no exercício do dever soldados virão até aqui, me arrastarão para fora e me isolarão de novo da luz do dia e de outros seres humanos. “*Por quê?*”, gemo para o travesseiro. “*Por que eu?*” Nunca houve no mundo ninguém tão confuso e inocente como eu. Um verdadeiro bebê! Porém, se puderem, eles vão me trancar para mofar, sujeitar meu corpo a intermitentes atenções vis, depois um dia, sem avisar, vão me pegar e me submeter a um dos julgamentos que realizam sob os poderes de emergência, com o rígido coronelzinho

presidindo, seu carrasco lendo as acusações e dois funcionários menores como assessores para emprestar aos procedimentos um ar de legalidade num tribunal de resto vazio; e então, particularmente se sofreram reveses, particularmente se os bárbaros os humilharam, vão me julgar culpado de traição — devo duvidar disso? Do tribunal para o carrasco vão me arrastar esperneando e chorando, atônito como no dia em que nasci, agarrado até o fim à convicção de que nenhum mal pode acontecer ao inocente. “Está vivendo um sonho!”, digo a mim mesmo: pronuncio as palavras em voz alta, olho para elas, tento captar seu significado. “Você tem de acordar!” Deliberadamente, trago à mente imagens de inocentes que conheci: o menino deitado nu à luz do lampião com as mãos apertando as virilhas, os prisioneiros bárbaros agachados na poeira, protegendo os olhos, esperando pelo que viesse depois. Por que deveria ser inconcebível que o monstro que pisou em cima deles pise em cima de mim também? Realmente acredito que não tenho medo da morte. O que me faz recuar, acredito, é a vergonha de morrer tão estúpido e aturdido quanto estou agora.

Há um alvoroço de vozes, de homens e de mulheres, no pátio lá embaixo. Ao me arrastar para meu esconderijo, escuto passos nas escadas. Eles avançam até o extremo da sacada, depois voltam devagar, parando a cada porta. As paredes que separam os cubículos deste andar superior, onde dormem os empregados e onde os soldados da guarnição podem comprar a privacidade de uma noite, são meras tábuas empapeladas: pode-se ouvir claramente meu caçador abrindo cada porta. Aperto-me contra a parede. Espero que ele não sinta meu cheiro.

Os passos viram a esquina e seguem pelo corredor. Minha porta se abre, fica aberta por uns segundos, fecha-se de novo. Então passei num teste.

Há passadas mais rápidas, mais leves: alguém vem pelo corredor e entra no quarto. Minha cabeça está virada para o lado errado, não posso nem ver seus pés, mas sei que é a garota. É o momento em que devo me expor, implorar a ela que me esconda até cair a noite e eu poder achar um jeito de sair da cidade e ir para o lago. Mas como posso fazer isso? Quando a

cama parar de balançar e eu aparecer, ela já terá fugido gritando por socorro. E quem pode dizer que ela ofereceria refúgio a um dos muitos homens que passaram algum tempo neste quarto, um de tantos homens transitórios com os quais ganha a vida, um homem em desgraça, um fugitivo? Será que ela ao menos me reconheceria como estou? Seus pés giram pelo quarto, param aqui, param ali. Não consigo identificar nenhum padrão nos movimentos dela. Fico imóvel, respirando baixinho, pingando suor. De repente, ela vai embora: os degraus rangem, faz-se silêncio.

Uma calma cai sobre mim, um momento de lucidez em que vejo como isto é ridículo, todo este fugir e esconder-se, que coisa tola estar deitado embaixo de uma cama numa tarde quente esperando a chance de sair para os bancos de juncos, lá viver sem dúvida de ovos de pássaros e peixe que pegarei com minhas mãos, dormir num buraco na terra, à espera de que esta fase da história passe adiante e a fronteira volte à sua antiga sonolência. A verdade é que não sou eu mesmo, estive tomado pelo terror, percebo, desde o momento na cela em que vi os dedos do guarda apertarem o ombro do menininho para lembrá-lo de não falar comigo e entendi que, o que quer que tenha acontecido naquele dia, eu levaria a culpa. Entrei naquela cela um homem são, certo da justeza de minha causa, por mais incompetente que eu continue a ser para descrever que causa era essa; mas depois de dois meses entre as baratas sem nada para ver além de quatro paredes e uma enigmática marca de fuligem, nada para cheirar além do fedor de meu próprio corpo, ninguém com quem conversar além de um fantasma num sonho, cujos lábios parecem selados, me sinto muito menos seguro. O desejo de tocar outro corpo humano e ser tocado por ele às vezes me vem com tamanha força que gemo; como eu esperava aquele breve e único contato que era tudo o que podia ter com o menino, de manhã e à noite! Deitar nos braços de uma mulher numa cama de verdade, ter boa comida para comer, andar ao sol — como isso me parece tão mais importante que o direito de decidir sem conselho da polícia quem deve ser meu amigo e quem meu inimigo! Como posso estar

certo, quando não há uma alma na cidade que aprove minha escapada com a garota bárbara ou que se sinta indisposta comigo porque jovens daqui foram mortos por meus protegidos bárbaros? E qual o sentido de sofrer nas mãos dos homens de azul se não é férrea a minha certeza? Independentemente de eu ter dito a verdade a meus interrogadores, de ter contado todas as palavras que pronunciei em minha visita aos bárbaros, independentemente mesmo de eles terem ficado tentados a acreditar em mim, eles continuariam com seus negócios horrendos, porque é questão de fé para eles que só se conta a verdade última em caso extremo. Estou fugindo da dor e da morte. Não tenho plano de fuga. Escondido nos juncos, morreria de fome numa semana, ou seria expulso de meu esconderijo. Estou simplesmente procurando sossego, para dizer a verdade, ao fugir para a única cama macia e os únicos braços amigos que me restaram.

Passos de novo. Reconheço o andar rápido da garota, desta vez não sozinha, mas com um homem. Eles entram no quarto. Pela voz, ele não pode ser mais que um menino. “Não devia deixar que eles tratassem você assim! Você não é escrava!”, diz ele com veemência.

“Você não entende”, ela responde. “De qualquer jeito, não quero falar disso agora.” Há silêncio, depois sons mais íntimos.

Fico vermelho. É intolerável que eu aqui esteja para isto. Porém, como o corno da farsa, prendo a respiração, afundo mais e mais na desgraça.

Um dos dois senta na cama. Botas caem com ruído no chão, roupas se roçam, dois corpos se estendem um centímetro acima de mim. O estrado range, pressionando minhas costas. Tapo os ouvidos, envergonhado de ouvir as palavras que eles dizem um para o outro, mas não posso me impedir de ouvir os movimentos e gemidos da garota nas garras do prazer de que me lembro tão bem, da garota por quem sentia afeto.

O estrado me aperta mais, me achato o mais que posso, a cama começa a ranger. Suando, acalorado, incomodado por me sentir excitado apesar de

tudo, eu gemo: o longo gemido grave se dobra em minha garganta e se mistura, sem ser notado, aos sons da respiração ofegante deles.

Então tudo termina. Eles suspiram e relaxam, os movimentos e a excitação cessam, eles ficam deitados descansando, lado a lado, escorregando para o sono, enquanto infeliz, rígido, plenamente acordado, espero minha chance de escapar. É aquela hora em que até as galinhas cochilam, a hora em que só existe um imperador, o sol. O calor deste quarto minúsculo debaixo do telhado plano se tornou sufocante. Não comi nem bebi nada o dia inteiro.

Empurro os pés contra a parede, deslizo para fora até poder me sentar, oscilando. A dor em minhas costas, uma dor de velho, se anuncia de novo. “Sinto muito”, sussurro. Eles estão realmente adormecidos, como crianças, um menino e uma menina, nus, de mãos dadas, pontilhados de suor, os rostos relaxados, abandonados. A onda de vergonha me varre com força redobrada. A beleza dela não desperta nenhum desejo em mim: em vez disso, parece mais obsceno do que nunca que este velho corpo frouxo e malcheiroso (como eles podem não ter notado o cheiro?) possa um dia tê-la tido nos braços. O que vim fazendo esse tempo todo, me impondo a uma menina que é como uma flor de pétalas macias — não só a ela, mas à outra também? Devia ter ficado entre os grosseiros e decadentes de que faço parte: mulheres gordas e mal-humoradas de axilas azedas, prostitutas com grandes bocetas frouxas. Saio na ponta dos pés, me arrasto escada abaixo no brilho cegante do sol.

A parte superior da porta da cozinha está aberta. Uma velha, curvada e sem dentes, come em pé, num caldeirão de ferro. Nossos olhos se encontram; ela se detém, a colher parada no ar, a boca aberta. Ela me reconhece. Levanto a mão e sorrio — fico surpreso com a facilidade com que vem o sorriso. A colher se move, os lábios se fecham em torno dela, os olhos se desviam. Sigo em frente.

O portão norte está trancado e gradeado. Subo a escada da torre de vigia no canto do muro e olho faminto para a paisagem amada: o cinturão verde

que se estende além do rio, agora com trechos escurecidos; o verde mais claro do pântano onde os juncos novos estão brotando; a superfície brilhante do lago.

Mas há alguma coisa errada. Quanto tempo fiquei trancado para o mundo, dois meses ou dez anos? O trigo novo abaixo do muro devia agora estar com vigorosos cinqüenta centímetros de altura. Não está: a não ser pelo extremo oeste da área irrigada, as plantas jovens estão doentamente amareladas e mutiladas. Há grandes trechos nus mais perto do lago e uma linha de feixes junto do muro do dique de irrigação.

Diante dos meus olhos os campos abandonados, a praça lavada de sol, as ruas vazias, mudam para uma nova e sinistra configuração. A cidade está sendo abandonada — o que mais posso supor? —, e os barulhos que ouvi duas noites atrás deviam ser os barulhos não de chegada, mas de partida! Meu coração balança (de horror? de gratidão?) perante essa idéia. Mas devo estar enganado: quando olho com mais cuidado para a praça, vejo dois meninos tranqüilamente jogando bolinhas de gude debaixo das amoreiras; e, pelo que vi na hospedaria, a vida continua como sempre.

Na torre sudoeste, o sentinela está sentado em seu banco alto, o olhar vazio no deserto. Estou a um passo dele quando nota minha presença e se sobressalta.

“Desça”, diz, com uma voz sem expressão, “não pode subir aqui.” Nunca o vi antes. Desde que saí de minha cela, me dou conta, não vi nenhum dos soldados que compunham a velha guarnição. Por que só há estranhos por aqui?

“Não me conhece?”, pergunto.

“Desça.”

“Vou descer, mas primeiro tenho uma pergunta importante para fazer a você. Sabe, não tem ninguém para quem perguntar além de você... parece que os outros estão todos dormindo ou longe daqui. O que quero perguntar é o seguinte: quem é você? Onde está todo mundo que eu conhecia? O que aconteceu lá nos campos? Parece que houve uma inundação. Mas por

que haveria uma inundação?” Os olhos dele se apertam enquanto continuo a falar. “Desculpe fazer essas perguntas idiotas, mas tive uma febre, fiquei confinado ao leito” —a frase estranha vem sem avisar—, “e hoje é o primeiro dia que pude levantar. É por isso que...”

“Tem de tomar cuidado com o sol do meio-dia, vovô”, diz ele. Suas orelhas se projetam debaixo de um gorro grande demais para ele. “Era melhor o senhor estar descansando a esta hora do dia.”

“É... Se importa de eu tomar um pouco de água?” Ele me passa o cantil e bebo a água morna, tentando não trair como é selvagem minha sede. “Mas me conte, o que aconteceu?”

“Os bárbaros. Eles derrubaram uma parte do dique lá adiante e inundaram os campos. Ninguém viu. Vieram de noite. Na manhã seguinte, era como um segundo lago.” Ele enche o cachimbo, agora me oferece. Cortesmente recuso (“Só vai me fazer começar a tossir, e isso é ruim para mim”). “É, os fazendeiros estão muito descontentes. Dizem que a colheita está arruinada e que é tarde demais para plantar de novo.”

“Isso é mau. Significa um inverno duro ano que vem. Vamos ter de apertar muito os cintos.”

“É, eu não queria estar no lugar de vocês. Eles podem fazer de novo, não podem, os bárbaros? Podem inundar esses campos a hora que quiserem.”

Discutimos os bárbaros e como são traiçoeiros. Eles nunca enfrentam e lutam, diz ele; o jeito deles é se esconder e apunhalar pelas costas. “Por que não deixam a gente em paz? Eles têm os territórios deles, não têm?” Mudo o rumo da conversa para antigamente, quando tudo era tranqüilo na fronteira. Ele me chama de “vovô”, que é a maneira camponesa de demonstrar respeito, e me escuta como alguém escuta velhos malucos, qualquer coisa é melhor, acho, do que ficar olhando o vazio o dia inteiro.

“Me conte uma coisa”, digo, “duas noites atrás ouvi cavaleiros e pensei que a grande expedição tinha voltado.”

“Não”, ele ri, “eram só uns homens que mandaram de volta. Mandaram numa das carroças grandes. Deve ter sido isso que o senhor ouviu. Eles ficaram doentes por causa da água — a água é ruim por lá, ouvi dizer —, então mandaram eles de volta.”

“Sei! Não conseguia entender o que era. Mas quando vocês esperam que a força principal volte?”

“Logo, devem voltar logo. Não dá para viver da terra por lá, não é? Nunca vi uma terra tão morta.”

Desço a escada. Nossa conversa me fez me sentir quase venerável. Estranho que ninguém tenha avisado o rapaz para ficar alerta a um velho gordo de roupa rasgada! Ou será que está talvez encarapitado lá em cima desde a noite passada sem ninguém com quem conversar? Quem haveria de pensar que eu podia mentir tão bem! Estamos no meio da tarde. Minha sombra desliza a meu lado como uma poça de tinta. Parece que sou a única pessoa que se mexe dentro destas quatro paredes. Estou tão animado que sinto vontade de cantar. Até minhas costas doloridas deixaram de importar.

Abro o portãozinho lateral e saio. Meu amigo na torre de vigia me observa do alto. Aceno, e ele retribui o aceno. “Vai precisar de um chapéu!”, grita. Bato de leve na cabeça nua, dou de ombros, sorrio. O sol castiga.

O trigo de primavera está de fato arruinado. Lama ocre e quente se infiltra entre os dedos de meus pés. Em alguns lugares, ainda há poças. Muitas plantas jovens foram lavadas do chão. Todas exibem uma descoloração amarelada nas folhas. A área mais próxima do lago é a que mais foi atingida. Nada ficou em pé, na verdade os fazendeiros já começaram a empilhar as plantas mortas para queimar. Nos campos distantes, uma elevação de poucos centímetros fez toda a diferença. Então talvez um quarto da plantação possa se salvar.

A obra de terra em si, o muro baixo de barro que percorre mais de três quilômetros e mantém a água do lago contida quando ela sobe a seu limite

de verão, foi reparada, mas quase todo o intrincado sistema de canais e comportas que distribuía a água pelos campos foi destruído. O dique e a roda-d'água à margem do lago não foram atingidos, embora não haja sinal do cavalo que costuma girar a roda. Vê-se que há semanas de trabalho duro à espera dos fazendeiros. E a qualquer momento o trabalho deles pode ser transformado em nada por uns poucos homens armados com pás! Como podemos vencer uma guerra dessas? Que utilidade tem o manual de operações militares, as varreduras e os raids punitivos ao coração da terra do inimigo, quando podemos ser postos a sangrar até a morte em casa?

Pego a estrada velha, que faz uma curva atrás da muralha oeste antes de sumir numa trilha que não leva a lugar nenhum, a não ser às ruínas cheias de areia. Será que ainda deixam as crianças brincarem aqui, me pergunto, ou os pais as mantêm em casa com histórias de bárbaros espreitando os baixios? Olho para o alto da muralha; mas meu amigo na torre parece ter ido dormir.

Toda a escavação que fizemos no ano passado foi desmanchada pela areia soprada. Só colunas de sustentação se projetam aqui e ali na desolação onde, é forçoso acreditar, um dia viveram pessoas. Limpo um vão para mim e sento para descansar. Duvido que alguém venha me procurar aqui. Podia me encostar nesta coluna antiga com seus entalhes apagados de golfinhos e ondas e ficar coberto de bolhas do sol, seco pelo vento, e, por fim, congelado pela geada, e não ser encontrado até que em alguma era distante de paz as crianças do oásis voltem a seu playground e encontrem o esqueleto, descoberto pelo vento, de um arcaico morador do deserto vestido em trapos inidentificáveis.

Acordo enregelado. O sol pousa imenso e vermelho no horizonte do oeste. O vento está aumentando: areia soprada já se acumula a meu lado. Tenho consciência acima de tudo da sede. O plano com que brinquei, de passar a noite entre fantasmas, tremendo de frio, esperando que muralhas familiares e copas de árvores se materializassem no escuro, é insuportável. Nada me resta fora das muralhas, senão passar fome. Correndo de buraco a

buraco, como um camundongo, perco até a aparência de inocência. Por que deveria fazer o trabalho de meus inimigos para eles? Se querem derramar meu sangue, que ao menos levem a culpa por isso. O medo sombrio do dia passado perdeu sua força. Talvez esta escapada não tenha sido inútil se eu conseguir recuperar, ainda que tenuemente, um espírito de indignação.

Chacoalho o portão do pátio do alojamento. “Não sabem quem está aqui? Já tive minhas férias, agora me deixem entrar de novo!”

Alguém vem correndo: na luz fraca olhamos um para o outro através das grades: é o homem destacado para meu carcereiro. “Quieto!”, ele sussurra entre os dentes, e puxa a tranca. Atrás dele vozes murmuram, pessoas se juntam.

Ele agarra meu braço e me leva a trote através do pátio. “Quem é?”, alguém pergunta. A resposta está na ponta de minha língua, quase tiro a chave e balanço, mas me ocorre que esse ato pode ser imprudente. Então espero à minha velha porta enquanto meu carcereiro a destranca, me empurra para dentro e a fecha atrás de nós dois. A voz dele me chega no escuro tensa de raiva: “Escute: se o senhor contar para qualquer um que saiu, eu transformo a sua vida num inferno! Entendeu? Vou fazer o senhor pagar por isso! Não diga nada! Se alguém perguntar sobre esta noite, diga que eu levei o senhor dar um passeio, fazer exercício, mais nada. Entendeu?”

Retiro os dedos dele de meu braço e me afasto. “Vê como seria fácil para mim fugir e procurar abrigo com os bárbaros?”, murmuro. “Por que acha que voltei? Você é um soldado raso, obedece ordens. Mesmo assim: pense.” Ele agarra meu pulso e mais uma vez solto sua mão. “Pense por que voltei e o que ia significar eu não voltar. Não se pode esperar consideração dos homens de azul, tenho certeza de que você sabe disso. Pense no que podia acontecer se eu saísse de novo.” Agora eu é que agarro a mão dele. “Não se

preocupe, não vou falar: invente a história que quiser que eu concordo. Sei como é sentir medo.” Faz-se um longo silêncio desconfiado. “Sabe o que eu quero mais que tudo?”, digo. “Quero alguma coisa para comer e alguma coisa para beber. Estou morrendo de fome, não comi nada o dia inteiro.”

Então fica tudo como antes. Este encarceramento absurdo continua. Deitado de costas, olho o bloco de luz acima de mim ficar mais forte, depois mais fraco, dia após dia. Escuto os sons remotos da colher de pedreiro, do martelo do carpinteiro, atravessando a parede. Como, bebo e, igual a todo mundo, espero.

Primeiro, há o som de mosquetes lá longe, diminuto como o de espingardas de ar comprimido. Depois, de mais perto, das próprias plataformas, salvas de tiros de resposta. Há um estampido de passos pelo pátio do alojamento. “Os bárbaros!”, alguém grita; mas acho que está errado. Por cima de tudo, o clamor do grande sino começa a soar.

Ajoelhado, com o ouvido na fresta da porta, tento discernir o que está acontecendo.

O barulho na praça sobe de um rumor para um rugido constante em que não se distingue nenhuma voz individual. A cidade inteira deve estar saindo para dar boas-vindas, milhares de almas em êxtase. Salvas de tiros de mosquete continuam a estalar. Então, a natureza do ruído muda, sobe de tom e de excitação. Tênuo, por cima de tudo, vem o som de metal dos clarins.

A tentação é grande demais. O que tenho a perder? Destranco a porta. No brilho tão cegante que tenho de apertar os olhos e protegê-los com a mão, atravesso o pátio, saio pelo portão e me junto à retaguarda da multidão. As salvas e o rugido dos aplausos continuam. Uma velha a meu lado se apóia em meu braço para se equilibrar e fica na ponta dos pés. “Está vendo?”, pergunta. “Estou, dá para ver homens a cavalo”, respondo; mas ela não está ouvindo.

Consigo ver uma longa fila de cavaleiros que, entre bandeiras tremulantes, passam pelo portão e se encaminham para o centro da praça, onde desmontam. Há uma nuvem de poeira sobre toda a praça, mas vejo que eles estão sorrindo e rindo: um cavalga com as mãos erguidas em triunfo, outro sacode uma guirlanda de flores. Avançam devagar, porque a multidão os pressiona, tentando tocá-los, jogando flores, batendo palmas de alegria acima da cabeça, girando e girando em êxtases privados. Crianças passam correndo por mim, se enfiando entre as pernas dos adultos para ficar mais perto de seus heróis. Fuzilarias e mais fuzilarias vêm das plataformas, que estão tomadas de gente que grita.

Uma parte da cavalgada não desmonta. Liderada por um jovem cabo de rosto severo que leva a bandeira verde e dourada do batalhão, passa no meio da aglomeração de corpos até o extremo da praça e começa a circundar o perímetro, a multidão seguindo devagar atrás dela. A palavra corre como fogo de um para outro: “*Bárbaros!*”.

O cavalo do jovem que carrega o estandarte é puxado por um homem que vai brandindo um bastão pesado para abrir caminho. Atrás dele vem outro cavalariano puxando uma corda; e na ponta da corda, amarrados um ao outro pelo pescoço, vem uma fila de homens, bárbaros, inteiramente nus, segurando o rosto com as mãos de um jeito estranho, como se estivessem todos com dor de dentes. Por um instante fico perplexo com a postura, com a disposição com que seguem na ponta dos pés o líder, até que percebo um brilho metálico e entendo tudo. Um aro simples de arame corre por dentro da carne das mãos de cada homem, passando por buracos em suas faces. “Eles ficam mansos feito carneiros”, lembro de ter me contado um soldado que uma vez vira o truque, “não pensam em nada a não ser em ficar bem quietinhos.” Meu coração dói. Entendo agora que não devia ter saído de minha cela.

Tenho de virar de costas depressa para evitar que os dois que, com sua escolta montada, fecham a procissão me vejam: o jovem capitão de cabeça descoberta cujo primeiro triunfo é este que se comemora e, a seu lado,

mais magro e mais queimado depois de meses de campanha, o coronel de polícia Joll.

O circuito se completa, todos têm uma chance de ver os doze miseráveis prisioneiros, de provar a seus filhos que os bárbaros são reais. Agora a multidão, eu relutante atrás dela, se desloca para o grande portão, onde uma meia-lua de soldados impede a passagem, até que, comprimida por trás e pela frente, ela não pode mais se mexer.

“O que está acontecendo?”, pergunto a meu vizinho.

“Não sei”, diz ele, “mas me ajude a levantar ele.” Eu o ajudo a levantar aos ombros o menino que carrega no colo. “Dá para ver?”, ele pergunta à criança.

“Dá.”

“O que eles estão fazendo?”

“Estão fazendo aqueles bárbaros ajoelharem. O que vão fazer com eles?”

“Não sei. Vamos esperar para ver.”

Lentamente, titanicamente, com toda a minha força, me viro e começo a forçar a passagem com meu corpo inteiro. “Com licença... com licença...”, digo, “o calor... estou passando mal.” Pela primeira vez vejo cabeças se virarem, dedos apontarem.

Tenho de voltar para a cela. Como gesto, não terá nenhum efeito, não será nem notado. Ainda assim, por mim mesmo, como um gesto para mim mesmo apenas, tenho de voltar para o escuro frescor, trancar a porta, girar a chave, tapar os ouvidos para o ruído da sede de sangue patriótica, fechar a boca e nunca mais falar de novo. Quem sabe, talvez eu esteja cometendo uma injustiça com meus concidadãos, talvez neste exato instante o sapateiro esteja em casa batendo sua fôrma, cantarolando consigo mesmo para encobrir os gritos, talvez haja donas de casa debulhando ervilhas em suas cozinhas, contando histórias para ocupar os filhos inquietos, talvez haja fazendeiros ainda consertando calmamente seus diques. Se camaradas como esses existem, que pena que eu não os tenha conhecido! Para mim, neste momento, ao me afastar da multidão, o que se tornou importante

acima de tudo é que eu não seja contaminado pela atrocidade que está para ser cometida, nem me envenene com ódio impotente contra seus perpetradores. Não posso salvar os prisioneiros, portanto tenho de salvar a mim mesmo. Que no mínimo seja dito, se algum dia isso for dito, se algum dia houver alguém, em algum futuro remoto, interessado em saber como vivíamos, que neste mais longínquo dos postos do Império da luz existiu um homem que em seu coração não era um bárbaro.

Passo pelo portão do alojamento para o pátio de minha prisão. No cocho do meio do pátio, pego um balde vazio e encho. Segurando diante de mim o balde, que derrama água dos lados, me aproximo de novo da retaguarda da multidão. “Com licença”, digo, e empurro. As pessoas me xingam, abrem caminho, o balde se inclina, e a água transborda, sigo em frente até que num minuto estou de repente na primeira fila da multidão atrás das costas dos soldados que, segurando bastões entre eles, mantêm uma arena aberta para o espetáculo exemplar.

Quatro prisioneiros estão ajoelhados no chão. Os outros oito, ainda amarrados uns nos outros, estão acocorados à sombra do muro, observando, as mãos na face.

Os prisioneiros estão ajoelhados lado a lado sobre um grande e pesado tronco. Uma corda corre do aro de arame atravessado na boca do primeiro homem para debaixo do tronco, sobe para o aro do segundo homem, desce outra vez para debaixo do tronco, sobe para o terceiro aro, desce para debaixo do tronco, atravessa o quarto aro. Enquanto observo, um soldado estica devagar a corda e os prisioneiros se curvam mais, até que por fim estão ajoelhados com o rosto tocando o tronco. Um deles contrai os ombros de dor e geme. Os outros estão em silêncio, o pensamento inteiramente concentrado em acompanhar o movimento da corda, para não dar ao arame a chance de dilacerar sua carne.

Dirigindo os soldados com pequenos gestos de mão está o coronel Joll. Embora eu seja apenas um numa multidão de milhares, embora os olhos

dele estejam protegidos como sempre, encaro-o com tanta força, com um rosto tão luminoso de indagações, que percebo de imediato que ele me vê.

Atrás de mim, ouço distintamente a palavra *magistrado*. Estou imaginando ou meus vizinhos estão se afastando de mim?

O coronel dá um passo para a frente. Curva-se sobre cada prisioneiro, de um em um esfrega em suas costas nuas um punhado de terra e escreve uma palavra com um pedaço de carvão. Leio as palavras de cabeça para baixo: *INIMIGO... INIMIGO... INIMIGO... INIMIGO*. Dá um passo para trás e cruza os braços. À distância de não mais de vinte passos ele e eu nos fitamos.

Então começa o espancamento. Os soldados usam os maciços bastões de bambu verde, baixando-nos com pesados sons estalados, levantando vergões vermelhos nas costas e nádegas dos prisioneiros. Com lento cuidado, os prisioneiros estendem as pernas até estarem deitados de bruços, todos exceto aquele que estava gemendo e agora arqueja a cada golpe.

O carvão preto e a terra ocre começam a escorrer com o suor e o sangue. A brincadeira, pelo que vejo, é bater neles até que suas costas estejam limpas.

Olho o rosto de uma menina que está na fileira da frente da multidão, agarrada à roupa da mãe. Seus olhos estão arregalados, o polegar na boca: em silêncio, aterrorizada, curiosa, ela sorve a visão destes grandes homens nus sendo espancados. Em todos os rostos à minha volta, até nos que estão sorrindo, vejo a mesma expressão: não ódio, nem sede de sangue, mas uma curiosidade tão intensa que seus corpos se rendem a ela e apenas os olhos vivem, órgãos de um novo e voraz apetite.

Os soldados que espancam se cansam. Um deles pára com as mãos nos quadris, ofegante, sorrindo, gesticulando para a multidão. Vem uma palavra do coronel: os quatro interrompem a atividade e avançam, oferecendo os bastões aos espectadores.

Uma garota que ri e esconde o rosto é empurrada pelas amigas. “Vá lá, não tenha medo!”, estimulam. Um soldado coloca o bambu em sua mão e

a leva ao lugar. Ela fica confusa, envergonhada, a outra mão ainda no rosto. Gritos, piadas, conselhos obscenos são gritados para ela. Ela ergue o bambu, desce-o violentamente nas nádegas do prisioneiro, derruba o bastão e corre para lugar seguro sob um rugido de aplausos.

Há um tumulto pelos bambus, os soldados mal conseguem manter a ordem, perco de vista os prisioneiros no chão quando as pessoas se precipitam para disputar sua vez ou simplesmente assistir ao espancamento mais de perto. Fico esquecido com o balde entre os pés.

Então a surra termina, os soldados se exibem de novo, a multidão se afasta, a arena está reconstituída, embora menor que antes.

Acima da cabeça, exibindo-o para a multidão, o coronel Joll segura um martelo, um martelo comum de menos de dois quilos, usado para fixar ganchos de barracas. Mais uma vez seu olhar encontra o meu. O murmúrio se cala.

“*Não!*” Ouço a primeira palavra de minha garganta, emperrada, não suficientemente alta. E de novo: “*Não!*”. Dessa vez a palavra soa como um sino em meu peito. O soldado que fecha minha passagem se afasta para um lado. Estou na arena com as mãos erguidas para acalmar a multidão: “*Não! Não! Não!*”.

Quando me viro para o coronel Joll, ele está a menos de cinco passos de mim, braços cruzados. Aponto um dedo para ele. “*Você!*”, grito. Que tudo seja dito. Que seja ele aquele sobre quem recai a ira. “*Está depravando esta gente!*”

Ele não move um músculo, não responde.

“*Você!*” Meu braço aponta para ele como uma arma. Minha voz enche a praça. Há silêncio absoluto; ou talvez eu esteja inebriado demais para escutar.

Algo cai em cima de mim, por trás. Desmorono na poeira, ofego, sinto a pontada da velha dor nas costas. Um bastão baixa sobre mim. Estendo o braço para me proteger, recebo um golpe fulminante na mão.

Passa a ser importante levantar, por mais que a dor dificulte. Fico de pé e vejo quem é que está me batendo. É o homem atarracado com os galões de sargento que ajudou no espancamento. Agachado, com as narinas dilatadas, está com o bastão erguido para o próximo golpe. “Espere!”, ofego, levantando a mão mole. “Acho que você a quebrou!” Ele bate, e recebo o golpe no antebraço. Escondo o braço, baixo a cabeça e tento me arrastar para me atracar com ele. Baixam golpes em minha cabeça e nos ombros. Não importa: tudo o que quero são alguns momentos para terminar o que estava dizendo, agora que comecei. Agarro sua túnica e o puxo para mim. Embora ele se debata, não consegue usar o bastão; por cima do ombro dele grito de novo.

“Não com isso!”, grito. O martelo continua aninhado nos braços cruzados do coronel. “Não se usa um martelo num animal, não num animal!” Num terrível acesso de raiva, ataco o sargento e o atiro longe. Sinto em mim uma força divina. Num minuto passará: que eu a use bem enquanto durar! “Olhem!”, grito. Aponto os quatro prisioneiros que jazem docilmente na terra, os lábios colados ao tronco, as mãos no rosto como patas de macacos, sem consciência do martelo, ignorando o que acontece atrás deles, aliviados de que a marca ofensiva tenha sido removida de suas costas, à espera de que a punição termine. Levanto a mão quebrada para o céu. “Olhem!”, grito. “Nós somos o grande milagre da criação! Mas de certos golpes este corpo miraculoso não consegue se recuperar! Como...!” Faltam-me as palavras. “Olhem para estes homens!”, recomeço. “*Homens!*” Quem consegue se esticar na multidão olha para os prisioneiros, olha até para as moscas que começam a pousar em seus vergões sangrentos.

Escuto o golpe vindo e me viro para recebê-lo. Colhe-me em cheio o rosto. “Estou cego!”, penso, cambaleando para um negrume que cai instantaneamente. Engulo sangue; alguma coisa desabrocha em meu rosto, começa como um calor rosado, transforma-se em fogaosa agonia. Escondo o rosto nas mãos e caminho num círculo, tentando não gritar, tentando não cair.

O que queria dizer em seguida não sou capaz de lembrar. Um milagre da criação—persigo a idéia, mas ela me escapa como uma espiral de fumaça. Ocorre-me que esmagamos insetos com os pés, besouros, vermes, baratas, formigas, milagres da criação eles também, às suas diversas maneiras.

Tiro os dedos dos olhos, e um mundo cinzento ressurgue nadando em lágrimas. Estou tão profundamente grato que deixo de sentir dor. Quando sou arrastado, um homem em cada cotovelo, pelo meio da multidão murmurante para minha cela, me dou conta de que estou até sorrindo.

Esse sorriso, essa onda de alegria, deixa para trás um resíduo perturbador. Sei que eles cometem um erro ao me tratar tão sumariamente. Pois não sou nenhum orador. O que teria dito se tivessem me deixado continuar? Que é pior espancar os pés de um homem até virar papa do que matá-lo em combate? Que é uma vergonha para todo mundo uma garota obter permissão para bater num homem? Que espetáculos de crueldade corrompem o coração dos inocentes? As palavras que me impediram de pronunciar podiam ter sido mesmo muito insignificantes, dificilmente palavras para levantar o populacho. O que é, afinal, que represento, além de um arcaico código de comportamento cavalheiresco com os inimigos capturados, e contra o que estou, senão contra a nova ciência da degradação, que mata indivíduos de joelhos, confusos e desgraçados na opinião deles mesmos? Será que eu teria tido a ousadia de enfrentar a multidão para exigir justiça a esses ridículos prisioneiros bárbaros com os traseiros expostos? *Justiça*: uma vez pronunciada essa palavra, onde terminará tudo? Mais fácil gritar *Não!* Mais fácil ser espancado e transformado em mártir. Mais fácil deitar minha cabeça no cepo do que defender a causa da justiça para com os bárbaros: pois aonde pode levar esse argumento senão a baixar nossas armas e abrir os portões da cidade para gente cuja terra arrebatamos? O velho magistrado, defensor do domínio da lei, à sua própria maneira inimigo do Estado, atacado e

aprisionado, inexpugnavelmente virtuoso, não está desprovido de suas próprias pontadas de dúvida.

Meu nariz está quebrado, eu sei, e talvez também o zigoma, onde a pele se abriu com o golpe do bastão. Meu olho esquerdo não abre por causa do inchaço.

À medida que o torpor vai passando, a dor começa a vir em espasmos com intervalos de um ou dois minutos, tão intensa que não consigo mais ficar deitado quieto. No pico do espasmo, salto pelo quarto segurando o rosto, ganindo como um cão; nos abençoados vales entre os picos respiro fundo, tentando me controlar, tentando não fazer um protesto muito desonroso. Parece que escuto ondas e silêncios no barulho da multidão na praça, mas não tenho como ter certeza de que o rugido não esteja simplesmente em meus tímpanos.

Trazem-me a refeição da noite como sempre, mas não consigo comer. Não consigo ficar quieto, tenho de andar de um lado para outro ou oscilar sobre as ancas para me impedir de gritar, de arrancar a roupa, de arranhar a carne, de fazer o que quer que seja que as pessoas fazem quando o limite da sua resistência é atingido. Choro e sinto as lágrimas arderem na carne aberta. Cantarolo sem parar a velha canção sobre o cavaleiro e o zimbro, me apegando às palavras lembradas mesmo depois de elas terem deixado de fazer qualquer sentido. Um, dois, três, quatro... conto. Será uma vitória notável, digo a mim mesmo, se eu conseguir sobreviver a esta noite.

Nas primeiras horas da manhã, quando estou tão tonto de exaustão que oscilo nos pés, por fim cedo e choro de coração como uma criança: sento num canto, encosto na parede e choro, as lágrimas rolando de meus olhos ininterruptamente. Choro e choro enquanto o latejamento vem e vai em seus próprios ciclos. Nessa posição, o sono explode em cima de mim como um raio. Fico surpreso de voltar a mim na tênue luz cinzenta do dia, embolado num canto, sem a menor sensação de que o tempo tenha passado. Embora o latejamento ainda esteja presente, descubro que

consigo suportar se ficar quieto. De fato, ele perdeu a estranheza. Logo, talvez, será tão parte de mim quanto respirar.

Então fico deitado quieto, encostado na parede, com a mão dolorida dobrada embaixo do braço em busca de conforto, e caio num segundo sono, numa confusão de imagens entre as quais procuro uma em particular, afastando para os lados as outras, que voam a meu redor como folhas. É a da garota. Ela está ajoelhada de costas para mim diante do castelo de neve ou de areia que construiu. Usa uma capa azul-escura. Quando me aproximo, vejo que está cavando nas entranhas do castelo.

Ela me nota e se volta. Estou enganado, não foi um castelo que ela construiu, mas um forno de barro. Fumaça sobe em espirais do buraco de ventilação atrás. Ela estende as mãos, me oferecendo algo, um volume sem forma que observo sem vontade numa névoa. Embora eu balance a cabeça, minha visão não clareia.

Ela está usando um capuz redondo, bordado a ouro. O cabelo preso numa trança pesada está pousado em seu ombro: há um fio de ouro entremeado à trança. “Por que está com sua melhor roupa?”, quero perguntar. “Nunca vi você tão bonita.” Ela sorri para mim: que lindos dentes tem, que límpidos olhos negros! Vejo também agora que o que ela está me estendendo é um pão, ainda quente, com uma casca áspera quebrada. Uma onda de gratidão toma conta de mim. “Onde uma criança como você aprendeu a assar tão bem no deserto?”, quero dizer. Abro os braços para abraçá-la e volto a mim com lágrimas ardendo na ferida do rosto. Embora me arraste de novo à toca do sono imediatamente, não consigo reentrar no sonho nem saborear o pão que me encheu de água a boca.

O coronel Joll está sentado atrás da mesa em meu escritório. Não há livros nem pastas; a sala está rigorosamente vazia, a não ser por um vaso de flores recém-cortadas.

O belo subtenente cujo nome não sei deposita o baú de cedro na mesa e dá um passo para trás.

O coronel baixa os olhos para consultar seus papéis e fala. “Entre os objetos encontrados em seu apartamento estava este baú de madeira. Gostaria que o senhor atentasse para isto. O conteúdo é incomum. Ele contém aproximadamente trezentas tiras de madeira de álamo branco, cada uma com vinte centímetros por cinco centímetros, muitas delas amarradas com pedaços de barbante. A madeira está seca e quebradiça. Alguns barbantes são novos, alguns tão velhos que se desmancharam.

“Quando os barbantes são desamarrados, as tiras se abrem, revelando duas superfícies lisas internas. Nessas superfícies há inscrições num alfabeto desconhecido.

“Creio que concorda com essa descrição.”

Fico olhando para as lentes escuras. Ele continua.

“Uma conclusão razoável é que essas tiras de madeira contêm mensagens trocadas entre o senhor e terceiros, não sabemos quando. Resta-lhe explicar o que essas mensagens dizem e quem são os terceiros.”

Pega uma tira do baú e a arremessa através da superfície polida da mesa, em minha direção.

Olho para as linhas de caracteres escritos por um estranho morto há muito. Não sei nem mesmo se se lê da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita. Nas longas noites que passei matutando sobre minha coleção, isolei mais de quatrocentos caracteres diferentes na escrita, talvez até quatrocentos e cinqüenta. Não faço a menor idéia do que significam. Será que cada um significa uma única coisa, um círculo para o sol, um triângulo para uma mulher, uma onda para um lago; ou será que um círculo quer dizer simplesmente “círculo”, um triângulo, “triângulo”, uma onda, “onda”? Será que cada signo representa uma posição diferente da língua, dos lábios, da garganta, dos pulmões, ao se combinarem para pronunciar alguma língua bárbara polimorfa, inimaginável e extinta? Ou serão os meus quatrocentos caracteres nada mais que embelezamentos

caligráficos para um repertório subjacente de vinte ou trinta, cujas formas primitivas sou estúpido demais para perceber?

“Ele manda saudações para sua filha”, digo. Escuto com surpresa a grossa voz nasalada que agora é a minha. Meu dedo percorre a linha de caracteres da direita para a esquerda. “Que ele diz não ver há um bom tempo. Espera que ela esteja feliz e saudável. Espera que a estação de reprodução dos carneiros tenha sido boa. Tem um presente para ela, diz, que guardará até vê-la de novo. Diz que a ama. Não é fácil ler essa assinatura. Poderia ser simplesmente ‘Seu pai’ ou poderia ser alguma outra coisa, um nome.”

Ponho a mão dentro do baú e pego outra tira. O subtenente, sentado atrás de Joll com um caderninho aberto no joelho, olha duro para mim, o lápis parado acima do papel.

“Esta aqui diz assim”, digo: “Sinto ter de enviar uma má notícia. Os soldados vieram e levaram seu irmão embora. Tenho ido ao forte todos os dias pedir a volta dele. Fico sentado na terra, com a cabeça descoberta. Ontem, pela primeira vez, mandaram um homem falar comigo. Ele diz que seu irmão não está mais lá. Diz que foi mandado embora. “Para onde?”, pergunto, mas ele não responde. Não conte para sua mãe, mas reze comigo pela segurança dele’.

“E agora vamos ver o que diz esta outra.” O lápis ainda está parado, ele não escreveu nada, não se mexeu. “Fomos buscar seu irmão ontem. Eles nos levaram para uma sala onde ele estava deitado numa mesa com um lençol costurado em volta dele.” Devagar, Joll se recosta na cadeira. O subtenente fecha o caderno e começa a se levantar; mas com um gesto Joll o detém. “Queriam que eu levasse o corpo daquele jeito, mas insisti em olhar primeiro. “E se for o corpo errado que estão me entregando?”, eu disse. “Vocês têm tantos corpos aqui, corpos de rapazes valentes.” Então abri o lençol e vi que era ele mesmo. Vi que cada uma das pálpebras tinha um ponto. “Por que fizeram isso?”, perguntei. “É nosso costume”, ele disse. Abri mais o lençol e vi machucados em todo o seu corpo, vi que os pés

estavam inchados e quebrados. “O que aconteceu com ele?”, perguntei. “Não sei”, disse o homem, “não está no papel; se quer perguntar alguma coisa, tem de falar com o sargento, mas ele é muito ocupado.” Tivemos de enterrar seu irmão aqui, do lado de fora do forte, porque ele estava começando a feder. Por favor, conte para sua mãe e tente consolá-la.’

“Agora vamos ver o que diz a seguinte. Olhe, tem só um caractere. É a marca bárbara para ‘guerra’, mas tem outros sentidos também. Pode querer dizer ‘vingança’ e, se virarmos de ponta-cabeça, assim, pode ser lido como ‘justiça’. Não há como saber qual o sentido desejado. Isso faz parte da astúcia dos bárbaros.

“É a mesma coisa com o resto destas tiras.” Enfiou a mão boa no baú e mexeu. “Elas formam uma alegoria. Podem ser lidas em muitas ordens. Além disso, cada tira individual pode ser lida de diversas maneiras. Juntas, podem ser lidas como um diário doméstico, ou podem ser lidas como um plano de guerra, ou podem ser viradas de lado e lidas como uma história dos últimos anos do Império — o velho Império, quero dizer. Não há acordo entre os estudiosos sobre como interpretar estas relíquias dos antigos bárbaros. Conjuntos alegóricos como este aqui podem ser encontrados enterrados por todo o deserto. Encontrei este a menos de cinco quilômetros daqui, nas ruínas de um edifício público. Túmulos são outros bons lugares onde se pode procurar, embora nem sempre seja fácil dizer onde ficam os locais de sepultamento bárbaros. É recomendável que se cave simplesmente ao acaso: talvez no próprio ponto onde se está possam ser encontrados fragmentos, lascas, resquícios dos mortos. Também o ar: o ar está repleto de suspiros e gritos. Esses nunca se perdem: se se ouvir com cuidado, com um ouvido compassivo, podem-se ouvir os gritos ecoando para sempre dentro da segunda esfera. À noite é melhor: às vezes, quando se tem dificuldade para dormir, é porque nossos ouvidos foram atingidos pelos gritos dos mortos que, assim como seus escritos, estão abertos a muitas interpretações.

“Obrigado. Terminei de traduzir.”

Não deixei de manter um olho em Joll durante tudo isso. Ele não se mexeu de novo, a não ser para pousar a mão na manga do subordinado no momento em que me referi ao Império e ele se levantou, pronto para me bater.

Se ele chegar perto de mim, vou espancá-lo com toda a força de meu corpo. Não vou desaparecer da face da Terra sem deixar minha marca neles.

O coronel fala. “O senhor não faz idéia de como é cansativo o seu comportamento. É o único funcionário com quem tivemos de trabalhar na fronteira que não cooperou totalmente conosco. Francamente, tenho de lhe dizer que não estou interessado nesses bastões.” Faz um gesto com a mão na direção das tiras espalhadas sobre a mesa. “São muito parecidos com bastões de jogo. Sei que outras tribos da fronteira jogam com bastões.

“Peço que considere com seriedade: que futuro o senhor tem aqui? Não se pode permitir que continue em seu posto. O senhor se desgraçou absolutamente. Mesmo que no fim não seja processado...”

“Estou só esperando que o senhor me processe!”, grito. “Quando vai fazer isso? Quando vai me levar a julgamento? Quando vai dar a chance de eu me defender?” Estou furioso. Nada daquela dificuldade de expressão que senti diante do povo me aflige. Se tivesse de enfrentar esses homens agora, em público, num julgamento justo, encontraria as palavras para envergonhá-los. É uma questão de saúde e força: sinto as palavras acaloradas incharem dentro de meu peito. Mas eles nunca levarão a julgamento um homem enquanto ele estiver forte e saudável o suficiente para confundi-los. Vão me trancar no escuro até que eu seja um idiota gaguejante, um fantasma de mim mesmo; depois, vão me atirar diante de uma corte fechada e em cinco minutos se encarregarão das legalidades que acham tão cansativas.

“Enquanto durar o estado de emergência, como o senhor sabe”, diz o coronel, “a administração de justiça escapa das mãos dos civis e vai para as mãos da Divisão.” Suspira. “Magistrado, o senhor parece acreditar que não

temos coragem de levá-lo a julgamento porque tememos que seja uma figura muito popular nesta cidade. Não creio que o senhor tenha consciência do quanto perdeu ao negligenciar seus deveres, evitando seus amigos, na companhia de gente baixa. Não há ninguém com quem eu tenha conversado que não haja em algum momento se sentido insultado por seu comportamento.”

“Minha vida privada não é da conta deles!”

“Mesmo assim, devo revelar que nossa decisão de remover o senhor de sua função foi bem recebida em quase toda parte. Pessoalmente, não tenho nada contra o senhor. Quando cheguei, faz alguns dias, eu tinha resolvido que tudo o que queria do senhor era uma resposta clara para uma pergunta simples, depois da qual o senhor poderia voltar para suas concubinas como homem livre.”

Ocorre-me de repente que o insulto pode não ser gratuito, que talvez, por diferentes razões, esses dois homens gostassem de que eu perdesse a calma. Ardendo de indignação, com todos os músculos tensos, mantenho silêncio.

“Porém, o senhor parece ter uma ambição nova”, ele continua. “Parece querer fazer nome como o Homem Justo, o homem que está preparado para sacrificar sua liberdade por seus princípios.

“Mas permita que lhe pergunte: acredita que é assim que seus concidadãos vêem o senhor depois do ridículo espetáculo que armou na praça outro dia? Acredite, para as pessoas nesta cidade o senhor não é o Homem Justo, é simplesmente um palhaço, um maluco. Está sujo, fedendo, eles sentem seu cheiro a um quilômetro. Parece um mendigo velho, um vira-lata. Eles não querem o senhor de volta ao seu posto. O senhor não tem futuro aqui.

“Quer ficar na história como um mártir, talvez. Mas quem vai pôr o senhor nos livros de história? Estes problemas de fronteira não têm nenhum significado. Dentro de pouco tempo passarão, e a fronteira voltará

a dormir por mais vinte anos. As pessoas não estão interessadas na história dos cafundós.”

“Não havia problemas de fronteira até o senhor chegar”, digo.

“Isso é bobagem”, diz ele. “O senhor simplesmente ignora os fatos. Está vivendo num mundo do passado. Acha que estamos lidando com pequenos grupos de nômades pacíficos. Na verdade, estamos lidando com um inimigo bem organizado. Se o senhor tivesse viajado com a força expedicionária, teria visto isso por seus olhos.”

“Esses pobres prisioneiros que o senhor trouxe... são *eles* o inimigo que eu tenho de temer? É isso que está dizendo? *O senhor* é o inimigo, coronel!” Já não consigo me controlar. Dou um murro na mesa. “*O senhor* é o inimigo, *o senhor* fez a guerra, e *o senhor* deu a eles todos os mártires de que precisavam... a começar não de agora, mas de um ano atrás, quando cometeu suas primeiras sórdidas barbaridades aqui! A história haverá de me dar razão!”

“Bobagem. Não haverá essa história, a questão é trivial demais.” Parece impassível, mas tenho certeza de que o abalei.

“O senhor é um torturador obsceno! Merece ser enforcado!”

“Assim fala o juiz, o Homem Justo”, ele murmura.

Olhamos fixamente um nos olhos do outro.

“Agora”, diz ele, arrumando os papéis na sua frente, “eu gostaria de uma declaração sobre tudo o que se passou entre o senhor e os bárbaros em sua recente e não autorizada visita a eles.”

“Eu recuso.”

“Muito bem. Nossa entrevista está terminada.” Volta-se para o subordinado. “Ele é sua responsabilidade.” Levanta-se, sai. Olho para o subtenente.

A ferida em meu rosto, nunca lavada ou tratada, está inchada e inflamada. Formou-se nela uma crosta igual a uma lagarta gorda. Meu

olho esquerdo é uma fenda apenas, o nariz uma bolota informe e latejante. Tenho de respirar pela boca.

Fico deitado sobre o cheiro de vômito velho, obcecado pela idéia de água. Não bebo nada há dois dias.

Não há nada enobrecedor em meu sofrimento. Pouco do que chamo de sofrimento é de fato dor. O que me fazem passar é sujeição às mais rudimentares necessidades do corpo: beber, aliviar-me, encontrar a postura em que doa menos. Quando o subtenente Mandel e seu homem me trouxeram de volta para cá, acenderam o lampião e fecharam a porta, imaginei quanta dor mais um velho tranqüilo e gordo conseguiria suportar em nome de suas excêntricas noções de como o Império devia se conduzir. Mas meus torturadores não estavam interessados em graus de dor. Estavam interessados apenas em me demonstrar o que significava viver num corpo, como um corpo, um corpo que pode contemplar certas noções de justiça apenas na medida em que está inteiro e bem, que logo esquece disso quando sua cabeça é agarrada, um funil é enfiado em sua garganta e litros de água salgada são vertidos dentro dele até ele tossir, vomitar, se debater e se esvaziar. Eles não tentam arrancar de mim uma história sobre o que eu disse dos bárbaros e sobre o que os bárbaros disseram de mim. Então não tenho chance de lhes atirar na cara as palavras altissonantes que tinha prontas para eles. Eles vêm a minha cela para me mostrar o sentido de humanidade, e no espaço de uma hora me mostraram muita coisa.

Nem é questão de ver quem agüenta mais tempo. Eu costumava pensar: “Eles estão sentados em outra sala, falando a meu respeito. Estão dizendo um para o outro: ‘Quanto tempo mais até ele rastejar? Dentro de uma hora voltamos para ver’”.

Mas não é assim. Eles não têm nenhum sistema elaborado de dor e privação a que me sujeitar. Durante dois dias fico sem comida nem água. No terceiro dia me dão comida. “Desculpe”, diz o homem que traz meu

prato, “nós esquecemos.” Não é malícia que os faz esquecer. Meus torturadores têm suas próprias vidas para viver. Não sou o centro de seu universo. O subalterno de Mandel provavelmente passa os dias contando sacos na intendência ou patrulhando o trabalho na terra, resmungando consigo mesmo por causa do calor. O próprio Mandel, tenho certeza, gasta mais tempo polindo suas correias e fivelas do que gasta comigo. Quando fica com vontade, vem e me dá uma lição de humanidade. Até quando vou agüentar a imprevisibilidade de seus ataques? E o que vai acontecer se eu sucumbir, chorar, rastejar, enquanto os ataques continuam?

Eles me chamam para o pátio. Fico diante deles escondendo minha nudez, protegendo a mão machucada, um velho urso cansado amansado a pancada. “Corra”, diz Mandel. Corro pelo pátio debaixo do sol inclemente. Quando diminuo a marcha, ele me bate nas nádegas com sua bengala e trote mais depressa. Os soldados deixam sua sesta e assistem da sombra, as lavadoras de pratos se penduram na porta da cozinha, crianças olham pela grade do portão. “Não posso!”, ofego. “Meu coração!” Paro, baixo a cabeça, aperto meu peito. Todo mundo espera pacientemente enquanto me recupero. Então a bengala me cutuca, e eu me arrasto, avançando não mais depressa do que um homem anda.

Ou então faço brincadeiras para eles. Eles esticam uma corda à altura do joelho, e pulo por cima dela para um lado e para outro. Chamam o neto da cozinheira e dão uma ponta para ele segurar. “Segure firme”, dizem, “não queremos que ele tropece.” O menino agarra a ponta da corda com ambas as mãos, concentrado na tarefa importante, me esperando pular. Eu me recuso. A ponta da bengala se enfia entre minhas nádegas e cutuca. “Pule”, Mandel murmura. Eu corro, dou um pulinho, tropeço na corda e fico ali. Estou com cheiro de merda. Não permitem que me lave. As moscas me seguem por toda parte, circundando a apetitosa ferida em minha face, pousam nela se paro quieto um instante. O movimento de

abandar a mão diante do rosto para afastá-las já se tornou tão automático quanto o abandar do rabo de uma vaca. “Diga que ele vai ter de melhorar da próxima vez”, Mandel diz para o menino. O menino sorri e desvia os olhos. Sento-me na terra para esperar a próxima brincadeira. “Sabe pular corda?”, diz ele ao menino. “Dê a corda para o homem e peça para ele mostrar como pula.” Eu pulo.

Custou-me agonias de vergonha sair de meu covil a primeira vez e ficar nu na frente desses vagabundos, sacudir meu corpo para divertimento deles. Agora estou além da vergonha. Minha cabeça está voltada inteiramente para a ameaça do momento, quando meus joelhos viram água, meu coração agarra em mim como um caranguejo, e tenho de ficar quieto; e a cada vez descubro com surpresa que depois de um pequeno descanso, depois da aplicação de um pouco de dor, eles conseguem me fazer andar, saltar, pular, engatinhar ou correr um pouco mais. Chegará o ponto em que me deitarei e direi: “Me matem... prefiro morrer a continuar”? Às vezes, acho que estou chegando a esse ponto, mas estou sempre errado.

Não há grandeza consoladora em nada disso. Quando acordo gemendo na noite, é porque estou revivendo em sonhos as mais mesquinhas degradações. Não há jeito de morrer que me seja permitido, parece, a não ser como um cachorro num canto.

Então, um dia eles abrem a porta, e saio para me ver diante não de dois homens, mas de um pelotão em posição de sentido. “Aqui”, diz Mandel, e me entrega uma bata feminina de algodão. “Vista.”

“Para quê?”

“Muito bem, se quer ir nu, vá nu.”

Enfio a bata pela cabeça. Chega até a metade de minhas coxas. Vejo de relance as duas criadas mais jovens voltando para a cozinha, se desmanchando em risadas.

Seguram meus pulsos nas minhas costas e os amarram. “Chegou a hora, magistrado”, Mandel sussurra em meu ouvido. “Faça o possível para se comportar como homem.” Tenho certeza de que sinto cheiro de bebida em seu hálito.

Levam-me para o pátio. Debaixo das amoreiras, onde a terra está roxa com o suco das frutas caídas, um grupo de pessoas espera. Crianças escalam os galhos. Quando me aproximo, ficam todos em silêncio.

Um soldado joga a ponta de uma corda nova, branca, de sisal; uma das crianças na árvore a pega, passa-a por cima de um galho, deixa cair de volta.

Sei que é só uma brincadeira, um novo jeito de passar a tarde para homens cansados de velhos tormentos. Mesmo assim, minhas entranhas viram água. “Onde está o coronel?”, sussurro. Ninguém presta nenhuma atenção.

“Quer dizer alguma coisa?”, diz Mandel. “Diga o que quiser. Estamos lhe dando essa oportunidade.”

Olho para seus límpidos olhos azuis, tão límpidos como se ele tivesse lentes de cristal enfiadas nas órbitas. Ele me retribui o olhar. Não faço idéia do que vê. Pensando nele, eu disse as palavras *tortura... torturador* para mim mesmo, mas são palavras estranhas e, quanto mais as repito, mais estranhas ficam, até que jazem como pedras em minha língua. Talvez esse homem e o homem que traz com ele para ajudar no trabalho e seu coronel sejam torturadores, talvez seja essa a designação deles em três cartões no escritório de pagamento em algum lugar da capital, embora seja mais provável que os cartões os chamem de oficiais de segurança. Mas, quando olho para ele, vejo apenas os límpidos olhos azuis, a bela aparência algo rígida, os dentes ligeiramente compridos demais onde as gengivas se contraíram. Ele lida com minha alma: todos os dias afasta a carne e expõe minha alma à luz; provavelmente viu muitas almas no curso de sua vida de trabalho; mas cuidar de almas parece não ter deixado marcas nele do mesmo modo como cuidar de corações não deixa marcas no cirurgião.

“Estou tentando penosamente entender seus sentimentos por mim”, digo. Não consigo evitar de resmungar, minha voz está insegura, estou com medo e pingando suor. “Muito mais que a oportunidade de me dirigir a estas pessoas, às quais não tenho nada a dizer, gostaria de umas palavras suas. Para que eu possa entender por que se dedica a este trabalho. E possa ouvir o que o senhor sente por mim, a quem machucou bastante e agora parece disposto a matar.”

Perplexo, olho para esse elaborado pronunciamento que vai saindo de mim. Serei louco o suficiente para tencionar uma provocação?

“Está vendo esta mão?”, diz ele. Põe a mão a um centímetro de meu rosto. “Quando eu era mais novo” — flexiona os dedos —, “era capaz de abrir um buraco numa abóbora com este dedo” — estica o indicador. Põe o dedo na minha testa e aperta. Dou um passo para trás.

Eles têm até um capuz pronto para mim, um saco de sal que enfiam em minha cabeça e amarram em meu pescoço com um cordão. Através da trama, observo quando levantam a escada e a encostam no galho. Sou guiado até ela, meu pé é colocado no degrau mais baixo, o laço, debaixo da minha orelha. “Agora suba”, diz Mandel.

Viro a cabeça e vejo dois vultos vagos segurando a ponta da corda. “Não posso subir com as mãos amarradas”, digo. Meu coração está martelando. “Suba”, diz ele, me equilibrando pelo braço. A corda aperta. “Mantenha apertada”, ordena.

Subo, ele sobe atrás de mim, me guiando. Conto dez degraus. Folhas roçam em mim. Detenho-me. Ele agarra meu braço com mais força. “Acha que estamos brincando?”, diz. Fala entre os dentes cerrados com uma fúria que não entendo. “Acha que não estou falando sério?”

Meus olhos ardem de suor dentro do saco. “Não”, digo, “não acho que estejam brincando.” Enquanto a corda continuar esticada, sei que estão brincando. Se a corda afrouxar e eu escorregar, morrerei.

“Então o que quer me dizer?”

“Quero dizer que não aconteceu nada entre mim e os bárbaros que dissesse respeito a assuntos militares. Era uma questão particular. Eu fui devolver a garota para sua família. Nada além disso.”

“É só o que quer me dizer?”

“Quero dizer que ninguém merece morrer.” Com minha túnica e o saco absurdos, com a náusea da covardia na boca, digo: “Quero viver. Como todo homem quer viver. Viver, viver, viver. De qualquer jeito”.

“Basta.” Ele solta meu braço. Oscilo em meu décimo degrau, a corda garante meu equilíbrio. “Está vendo?”, ele diz. Recua pela escada, me deixando sozinho.

Não suor, mas lágrimas.

Há um farfalhar de folhas perto de mim. Uma voz de criança: “Está enxergando, tio?”.

“Não.”

“Ei, macacos, desçam!”, alguém grita de baixo. Através da corda retesada posso sentir as vibrações dos movimentos deles nos galhos.

Então fico parado um bom tempo, me equilibrando cuidadosamente no degrau, sentindo o conforto da madeira na curva da sola do pé, tentando não balançar, mantendo a tensão da corda o mais constante possível.

Quanto tempo uma multidão de curiosos se contentará em observar um homem em pé numa escada? Eu poderia ficar ali até a carne se despregar de meus ossos, debaixo de tempestade, granizo, dilúvio, para viver.

Mas agora a corda se retesa, posso até ouvir seu som raspado contra a casca da árvore, se retesa até eu ter de me esticar para impedir que ela me estrangule.

Isto não é um concurso de paciência, então: se a multidão não se satisfaz, as regras são mudadas. Mas de que adianta culpar a multidão? Um bode expiatório foi nomeado, um festival aberto, as leis suspensas: quem não iria se reunir para ver a atração? A que é que eu me oponho nesses espetáculos de rebaixamento, sofrimento e morte que nosso novo regime encena senão à sua falta de decoro? Pelo que será lembrada a minha

administração senão pela mudança do matadouro da praça do mercado para os arredores da cidade, há vinte anos, no interesse da decência? Tento falar alguma coisa, uma palavra de medo cego, um grito, mas a corda está agora tão apertada que estou estrangulado, sem fala. O sangue martela em meus ouvidos. Sinto os dedos dos pés perderem apoio. Estou balançando suavemente no ar, me chocando contra a escada, me debatendo com os pés. O latejar em meus ouvidos fica mais lento e mais forte até ser tudo o que posso escutar.

Estou na frente do velho, olhos apertados contra o vento, esperando que ele fale. A arma antiga continua apoiada entre as orelhas do cavalo, mas não está apontada para mim. Tenho consciência da vastidão do céu em toda a nossa volta e do deserto.

Observo os lábios dele. A qualquer momento agora ele vai falar: tenho de ouvir cuidadosamente para captar todas as sílabas, a fim de que depois, ao repeti-las para mim mesmo, meditando sobre elas, possa descobrir a resposta a uma pergunta que, de momento, voou como um pássaro de minha memória.

Consigo ver cada fio da crina do cavalo, cada ruga do rosto do velho, cada pedra e sulco da encosta.

A garota, com o cabelo preto trançado a lhe cair sobre os ombros à maneira dos bárbaros, está montada em seu cavalo atrás dele. Cabeça baixa, ela também espera que ele fale.

Suspiro. “Que pena”, penso. “Agora é tarde demais.”

Estou balançando solto. A brisa levanta minha bata e brinca com meu corpo nu. Estou relaxado, flutuando. Com roupa de mulher.

O que devem ser meus pés toca o chão, embora eles estejam amortecidos para qualquer sensação. Estico-me cuidadosamente, inteiro, leve como uma folha. O que quer que tenha segurado minha cabeça com tanta força perde a intensidade. De dentro de mim, vem um rangido pesado. Respiro. Está tudo bem.

Então o capuz é retirado, o sol cega meus olhos, estou apoiado sobre os pés, tudo nadando diante de mim, apago.

A palavra *voar* sussurra a si própria em algum lugar no limiar de minha consciência. Sim, é verdade, eu estive voando.

Estou olhando para os olhos azuis de Mandel. Seus lábios se movem, mas não escuto nenhuma palavra. Balanço a cabeça e, depois que começo, descubro que não posso parar.

“Eu estava dizendo”, diz ele, “*agora vamos lhe mostrar outro jeito de voar.*”

“Ele não está escutando o senhor”, diz alguém. “Ele está escutando”, diz Mandel. Escorrega o laço de meu pescoço e amarra na corda que me prende os pulsos. “Puxem para ele levantar.”

Se conseguir manter os braços rígidos, se for acrobata a ponto de oscilar uns trinta centímetros e enganchar o braço na corda, conseguirei ficar pendurado de cabeça para baixo e não ser machucado: é a última coisa em que penso antes de eles começarem a me içar. Mas estou fraco como um bebê, meus braços sobem por trás das costas, e, quando os pés saem do chão, sinto uma dilaceração terrível nos ombros, como se camadas inteiras de músculos estivessem cedendo. De minha garganta se desprende o primeiro mugido seco e lamentoso, como cascalho caindo. Dois meninos pequenos despencam da árvore e de mãos dadas, sem olhar para trás, vão embora trotando. Dou outro mugido e mais outro, não há nada que possa fazer para impedir, o barulho sai de um corpo que se sabe danificado talvez irrecuperavelmente e que ruge seu susto. Mesmo que todas as crianças da cidade me ouçam, não consigo parar: rezemos apenas para que elas não imitem os jogos dos mais velhos, senão amanhã haverá uma epidemia de corpinhos pendurados das árvores. Alguém me dá um empurrão, e começo a flutuar de um lado para outro num arco trinta centímetros acima do chão, como uma grande mariposa velha com as asas pinçadas juntas, rugindo, gritando. “Ele está chamando os amigos bárbaros”, alguém observa. “É língua bárbara isso que estão ouvindo.” Há risos.

5.

Os bárbaros saem à noite. Antes de cair a escuridão, o último carneiro tem de ser trazido para dentro, os portões trancados, uma guarda postada em cada vigia para anunciar as horas. Toda noite, dizem, os bárbaros rondam em busca de assassinato e rapina. Crianças vêem em sonhos as portas se abrirem e ferozes rostos bárbaros espreitarem. “Os bárbaros estão aqui!”, as crianças gritam, e não se consegue acalmá-las. Roupas desaparecem dos varais, comida das despensas, embora estas estejam trancadas. Os bárbaros cavaram um túnel por baixo da muralha, diz o povo; entram e saem como bem entendem, levam o que querem; ninguém mais está seguro. Os fazendeiros ainda lavram os campos, mas saem em bandos, nunca sozinhos. Trabalham sem entusiasmo: os bárbaros só estão esperando as plantações produzirem, dizem, para começar a inundar de novo os campos.

Por que o exército não detém os bárbaros?, as pessoas reclamam. A vida na fronteira ficou muito dura. Falam de voltar para a Velha Terra, mas então lembram que as estradas já não são seguras por causa dos bárbaros. Chá e açúcar não podem mais ser comprados no balcão, porque os comerciantes escondem seus estoques. Os que comem bem comem atrás de portas fechadas, temendo despertar a inveja do vizinho.

Três semanas atrás, uma menina foi estuprada. As amigas dela, que brincavam nas valas de irrigação, não deram por sua falta, até que ela voltou sangrando, sem fala. Durante dias ficou deitada na casa dos pais,

olhando o teto. Nada a convencia a contar sua história. Quando a luz era apagada, ela começava a chorar. As amigas dizem que foi um bárbaro quem fez isso. Elas o viram fugindo na direção dos juncos. Reconheceram-no pela feiúra. Agora, todas as crianças estão proibidas de brincar fora dos portões, e os fazendeiros levam cajados e lanças quando vão para os campos.

Quanto mais intenso o sentimento contra os bárbaros, mais me encolho em meu canto, esperando não ser lembrado.

Faz muito tempo que a segunda força expedicionária partiu tão bravamente com suas bandeiras, clarins, armaduras brilhantes e cavalos imponentes para varrer os bárbaros do vale e ensinar-lhes uma lição que eles, seus filhos e netos jamais esqueceriam. Desde então não houve mais despachos nem comunicados. A animação da época em que havia paradas militares diárias na praça, demonstrações hípicas, exposições de tiros de mosquete há muito se dissipou. Em vez disso, o ar está cheio de rumores ansiosos. Alguns dizem que toda a fronteira de mil e seiscentos quilômetros irrompeu em conflito, que os bárbaros do norte se aliaram aos bárbaros do oeste, que o exército do Império está espalhado demais, que um dia desses será forçado a desistir da defesa de postos avançados remotos como este, para concentrar recursos na proteção do coração da terra. Outros dizem que não recebemos notícias da guerra só porque nossos soldados penetraram fundo no território inimigo e estão ocupados demais com as próprias dificuldades para mandar despachos. Logo, dizem, quando menos esperarmos, nossos homens voltarão marchando, cansados mas vitoriosos, e teremos paz em nosso tempo.

Na pequena guarnição que foi deixada para trás, há mais alcoolismo do que eu jamais soube antes, mais arrogância com o povo da cidade. Ocorreram incidentes em que soldados entraram em lojas, pegaram o que queriam e saíram sem pagar. De que adianta o dono da loja dar o alarme quando os criminosos e a Guarda Civil são as mesmas pessoas? Os comerciantes reclamam com Mandel, que está encarregado do poder de

emergência enquanto Joll está fora com o exército. Mandel faz promessas, mas não age. Por que deveria? Tudo o que importa para ele é continuar popular entre seus homens. Apesar da demonstração de vigilância nas plataformas e da varredura semanal nas margens do lago (em busca de bárbaros à espreita, embora nenhum nunca tenha sido pego), a disciplina é frouxa.

Enquanto isso, eu, o velho palhaço que perdeu o último vestígio de autoridade no dia que passou pendurado de uma árvore, com roupa de mulher, gritando por socorro, a criatura imunda que durante uma semana lambeu sua comida nas pedras do chão, como um cachorro, porque perdeu a capacidade de usar as mãos, já não estou trancado. Durmo num canto do pátio do alojamento; me arrasto por ali com minha roupa imunda; quando um punho se ergue contra mim, me acovardo. Vivo como um animal esfaimado na porta dos fundos, sou mantido vivo talvez apenas como prova do animal que se esconde dentro de qualquer amigo dos bárbaros. Sei que não estou seguro. Às vezes, sinto o peso de um olhar ressentido pousado em mim; não levanto os olhos; sei que para alguns deve ser forte a tentação de limpar o pátio metendo uma bala em minha cabeça de uma janela do andar de cima.

Houve um fluxo de refugiados à cidade, pescadores dos minúsculos assentamentos pontilhados ao longo do rio e da margem norte do lago, os quais falam uma língua que ninguém entende e trazem suas casas nas costas, com seus cachorros magros e crianças raquíticas atrás. Pessoas se juntaram para olhar quando eles chegaram. “Foram os bárbaros que expulsaram vocês?”, perguntaram, fazendo caras ferozes e esticando arcos imaginários. Ninguém perguntou sobre a soldadesca imperial, nem sobre os incêndios que eles atearam na mata.

Havia simpatia por esses selvagens no início, e as pessoas lhes davam comida e roupas velhas, até que eles começaram a levantar seus abrigos de sapé junto à muralha do lado da praça, perto das nogueiras, e as crianças passaram a ter a ousadia de se esgueirar para as cozinhas e roubar, e uma

noite uma matilha dos cachorros deles se enfiou no redil e dilacerou o pescoço de uma dúzia de ovelhas. Os sentimentos então se voltaram contra eles. Os soldados entraram em ação, mataram seus cachorros de imediato e, uma manhã, quando os homens ainda estavam no lago, puseram abaixo toda a fileira de abrigos. Durante dias os pescadores se esconderam entre os juncos. Depois, um por um, os pequenos abrigos de sapé começaram a reaparecer, dessa vez fora da cidade, debaixo da muralha norte. Deixou-se que suas cabanas ficassem ali, mas os sentinelas do portão receberam ordens de impedir a entrada deles. Agora, essa regra foi relaxada, e eles podem ser vistos vendendo feiras de peixes de porta em porta de manhã. Não têm experiência com dinheiro, são ultrajantemente enganados, entregam qualquer coisa por um golinho de rum.

São uma gente ossuda, de peito de pombo. As mulheres parecem sempre grávidas; os filhos são mirrados; em algumas das garotas novas há traços de uma beleza frágil, de olhos lânguidos; no resto, vejo apenas ignorância, manha, desleixo. Porém, o que eles vêem em mim, se é que me vêem? Um animal que olha atrás do portão: o imundo lado inferior deste belo oásis onde encontraram uma precária segurança.

Um dia, uma sombra se projeta sobre mim no lugar onde cochilo no pátio, um pé me cutuca, e levanto o rosto para os olhos azuis de Mandel.

“Estamos alimentando bem você?”, diz ele. “Está engordando de novo?”

Faço que sim com a cabeça, sento-me a seus pés.

“Porque não podemos continuar lhe dando comida para sempre.”

Há uma longa pausa enquanto nos examinamos.

“Quando vai começar a trabalhar para seu sustento?”

“Sou um prisioneiro à espera de julgamento. Prisioneiros à espera de julgamento não são obrigados a trabalhar por seu sustento. Essa é a lei. Eles são mantidos pelos cofres públicos.”

“Mas você não é prisioneiro. Está livre para fazer o que quiser.” Ele espera que eu morda a isca pesadamente lançada. Não digo nada. Ele continua: “Como pode ser prisioneiro se não temos nenhum registro seu?”

Acha que não mantemos registros? Não temos nenhum registro seu. Portanto, deve ser um homem livre”.

Levanto-me e atravesso o pátio atrás dele até o portão. O guarda lhe entrega a chave, e ele destranca o portão. “Está vendo? O portão está aberto.”

Hesito antes de sair. Gostaria de saber uma coisa. Olho para o rosto de Mandel, para os olhos límpidos, janelas da sua alma, para a boca pela qual o espírito dele se expressa. “Tem um minuto?”, pergunto. Estamos no portão, com o guarda ao fundo fingindo não ouvir. Digo: “Já não sou jovem, e qualquer futuro que eu pudesse ter neste lugar está em ruínas”. Faço um gesto indicando a praça, a poeira que rola com o vento quente do final do verão, portador de doenças e pragas. “Também já morri uma morte, naquela árvore, só que o senhor resolveu me salvar. Então queria saber uma coisa antes de ir embora. Se não for tarde demais, com os bárbaros no portão.” Sinto o mais minúsculo sorriso de caçoada me aflorar aos lábios, não posso evitar. Levanto os olhos para o céu vazio. “Desculpe se a pergunta parece descarada, mas eu gostaria de perguntar: como o senhor consegue comer depois, depois de... trabalhar com as pessoas? Essa é a pergunta que sempre fiz a mim mesmo sobre carrascos e esse tipo de gente. Espere! Escute mais um pouquinho, estou sendo sincero, me custou muito conseguir dizer isso, já que tenho pavor do senhor, nem preciso dizer, tenho certeza de que o senhor sabe disso. Acha fácil engolir a comida depois? Fiquei imaginando que dá vontade de lavar as mãos. Mas lavar normalmente não deve bastar, deve ser necessária uma intervenção sacerdotal, um ritual de limpeza, não acha? Algum tipo de purgação da alma também—foi assim que imaginei. Senão, como seria possível retomar a vida cotidiana—sentar à mesa, por exemplo, e repartir o pão com a própria família ou com os camaradas?”

Ele se vira, mas com uma mole mão em garra consigo segurar seu braço. “Não, escute!”, digo. “Não me entenda mal, não estou culpando nem acusando o senhor, já passei desse ponto. Não esqueça que eu também

dediquei uma vida à lei, conheço os processos legais, sei que o funcionamento da justiça muitas vezes é obscuro. Só estou tentando entender. Estou tentando entender a zona em que o senhor vive. Estou tentando imaginar como o senhor respira, come, vive dia após dia. Mas não consigo! É isso que me perturba! Se eu fosse ele, digo a mim mesmo, ia sentir as mãos tão sujas que isso ia me sufocar...”

Ele se livra de mim e bate com tanta força no meu peito que perco o fôlego e cambaleio para trás. “Seu filho-da-puta!”, grita. “Porra de velho maluco! Suma! Vá morrer em algum lugar!”

“Quando vai me levar a julgamento?”, grito às suas costas, enquanto ele se afasta. Ele não dá atenção.

Não tenho onde me esconder. E por que deveria? De manhã à noite fico visível na praça, perambulando entre as barracas ou sentado à sombra das árvores. E gradualmente, à medida que se espalha a notícia de que o velho magistrado foi maltratado e se recuperou, as pessoas deixam de fazer silêncio ou virar de costas quando chego perto. Descubro que não me faltam amigos, principalmente entre as mulheres, que mal podem esconder sua disposição de ouvir o meu lado da história. Vagando pelas ruas, passo pela gorda mulher do intendente que está pendurando a roupa lavada. Cumprimentamo-nos. “Como vai indo o senhor?”, diz ela. “Soubemos que passou um mau bocado.” Seus olhos brilham, ávidos porém cautelosos. “Não quer entrar e tomar uma xícara de chá?” Então nos sentamos juntos à mesa da cozinha, ela manda as crianças irem brincar lá fora e, enquanto bebemos chá e mastigamos calmamente um prato dos deliciosos biscoitos de aveia que ela faz, ela lança os primeiros movimentos deste indireto jogo de perguntas e respostas: “O senhor ficou tanto tempo longe, estávamos pensando se um dia ia voltar... E, depois, todos os problemas que o senhor teve! Como as coisas mudaram! Não havia nenhuma dessas comoções quando o senhor estava no comando.

Esses estranhos todos da capital, confundindo as coisas!”. Eu aproveito a deixa, suspiro: “É, eles não entendem como fazemos as coisas nas províncias, não é? Toda essa confusão por causa de uma garota...”. Engulo outro biscoito. De um apaixonado bobo se caçoa, mas ele é sempre perdoado no final. “Para mim era apenas uma questão de bom senso levar a moça de volta para a família dela, mas como fazer as pessoas entenderem isso?” Continuo falando; ela escuta essas meias verdades balançando a cabeça, me observando como um falcão; fingimos que a voz que ela escuta não é a voz de um homem que ficou pendurado de uma árvore implorando misericórdia tão alto que daria para acordar os mortos. “... De qualquer forma, vamos esperar que esteja tudo acabado. Ainda tenho dores” —toco no ombro—, “o corpo demora tanto para se recuperar quando se fica mais velho...”

E assim canto para meu sustento. E, se ainda estou com fome à noite, é só esperar no portão do alojamento pelo assobio que chama os cachorros, me esgueirar para dentro bem quietinho e conseguir arrancar das criadas as sobras do jantar dos soldados, uma tigela de feijão frio ou as gordas raspas da panela de sopa ou meio pão.

Ou de manhã posso dar uma chegada à hospedaria e, debruçado na porta da cozinha, aspirar todos os cheiros bons, manjerona, fermento, cebola recém-picada, gordura de carneiro defumada. Mai, a cozinheira, unta as assadeiras: fico olhando enquanto ela mergulha os dedos hábeis no pote de banha e unta as assadeiras em três círculos rápidos. Penso nas suas massas, no presunto famoso e na torta de queijo e espinafre que ela faz, e sinto a boca se encher de saliva.

“Tanta gente foi embora”, diz ela, virando-se para a grande bola de massa, “nem dá para contar. Uma boa turma foi embora faz poucos dias. Uma das meninas daqui —aquela pequenininha de cabelo comprido liso, o senhor deve lembrar dela —era uma delas, foi embora com o companheiro.” Sua voz é neutra quando me passa a informação, e fico agradecido por sua consideração. “Claro que faz sentido”, ela continua, “se

alguém quer ir embora, tem de ir embora agora, é um longo caminho, perigoso e tudo, e as noites estão ficando mais frias.” Fala do tempo, do verão que passou e dos indícios do inverno que chega, como se, onde eu estava, em minha cela a menos de trezentos passos de onde estamos agora, eu tivesse ficado isolado do frio e do calor, do seco e do úmido. Para ela, compreendo, eu desapareci e agora reapareci, e no intervalo não fazia parte do mundo.

Fiquei ouvindo, balançando a cabeça e sonhando enquanto ela falava. Agora falo eu. “Sabe”, digo, “quando eu estava preso — no alojamento, não na prisão nova, num quartinho onde eles me trancaram —, sentia tanta fome que nem pensava em mulheres, só em comida. Vivia de uma refeição para a outra. Nunca havia o suficiente para mim. Eu engolia a comida como um cachorro e queria mais. E também havia muita dor, uma de cada vez: a mão, os braços, além disto aqui” — toco o nariz grosso, a feia cicatriz debaixo do olho pela qual, estou começando a perceber, as pessoas ficam sub-repticiamente fascinadas. “Quando eu sonhava com uma mulher, sonhava com alguém que viria à noite e levaria a dor embora. Um sonho de criança. O que eu não sabia era quanto desejo podia se acumular no vazio dos ossos e aí, um dia, sem avisar, subir à tona. O que você disse agora mesmo, por exemplo — a garota que mencionou —, eu gostava muito dela, acho que você sabe disso, ainda que não diga por delicadeza... Quando você disse que ela se foi, confesso, foi como se alguma coisa me batesse aqui, no peito. Um golpe.”

Suas mãos se mexem, hábeis, cortam a massa em círculos com a beirada de uma tigela, recolhem os retalhos, os enrolam juntos. Ela evita meus olhos.

“Subi até o quarto dela ontem à noite, mas a porta estava trancada. Eu não liguei. Ela tem uma porção de amigos, nunca pensei que fosse o único... Mas o que eu queria? Um lugar para dormir, decerto: e mais também. Por que fingir? Todo mundo sabe, o que velho procura é recuperar a juventude nos braços de uma mulher jovem.” Ela sova a massa,

estende, abre com o rolo: ela própria uma mulher jovem, com filhos, que vive com uma mãe severa: que apelo estou fazendo a ela ao tagarelar sobre dor, solidão? Perplexo, escuto o discurso que brota de mim. “Que tudo seja dito!”, disse a mim mesmo quando me vi pela primeira vez diante de meus torturadores. “Por que selar os lábios estupidamente? Você não tem segredos. Eles que saibam que estão mexendo com carne e sangue! Declare seu terror, grite quando a dor vem! Eles vicejam em teimoso silêncio: isso confirma a eles que cada alma é um cadeado que eles têm de abrir pacientemente. Desnude-se! Abra seu coração!” Então gritei, berrei e disse tudo o que me veio à cabeça. Insidiosa argumentação! Agora, porém, o que escuto quando solto a língua e deixo que se mova livremente é o lamento sutil de um mendigo. “Sabe onde dormi a noite passada?”, me escuto dizendo. “Sabe aquele telhadinho nos fundos do celeiro?...”

Mas acima de tudo é de comida que eu preciso, e mais intensamente a cada semana que passa. Quero ficar gordo de novo. Há uma fome em mim dia e noite. Acordo com o estômago de boca aberta, não consigo esperar a minha vez, espreito o portão do alojamento para farejar os fracos aromas aquosos do mingau de aveia e esperar as sobras queimadas; convenço as crianças a me atirarem amoras das árvores; me estico por cima da cerca de um jardim para roubar um ou dois pêssegos; vou de porta em porta, um homem com a sorte em baixa, uma vítima da paixão, mas curado agora, com um sorriso pronto para receber o que for dado, uma fatia de pão com geléia, uma xícara de chá, no meio do dia talvez uma tigela de guisado ou um prato de cebolas com feijão, e sempre frutas, abricós, pêssegos, romãs, a fortuna de um verão farto. Feito um mendigo, engulo a comida com tamanho apetite, raspo tanto o prato, que dá gosto de ver. Não é de admirar que dia a dia vou voltando às boas graças de meus conterrâneos.

E como sei agradar, como sei elogiar! Mais de uma vez prepararam um saboroso lanche especial para mim: uma fatia de pernil de carneiro frita com pimentões e cravos, ou uma fatia de presunto e tomate no pão com um pedaço de queijo de cabra. Se posso levar água ou lenha em troca, faço

isso alegremente, como penhor, embora eu não seja mais tão forte quanto era. E, se por ora esgotei minhas fontes na cidade — pois tenho de tomar cuidado para não me tornar um peso para meus benfeitores —, sempre posso ir até o acampamento dos pescadores e ajudá-los a limpar peixe. Aprendi algumas palavras da língua deles, sou recebido sem desconfiança, eles entendem o que é ser mendigo, repartem comigo a comida.

Quero ficar gordo de novo, mais gordo que antes. Quero uma barriga que dê grunhidos de contentamento quando eu pousar as mãos sobre ela, quero sentir o queixo afundar na almofada do pescoço e que meus peitos balancem quando eu andar. Quero uma vida de satisfações simples. Não quero (vã esperança!) nunca mais saber o que é fome.

Faz quase três meses que a força expedicionária partiu, e até agora nenhuma notícia. Em vez disso, terríveis rumores por toda parte: que a força foi atraída para o deserto e eliminada; que, sem que soubéssemos, foi chamada de volta para defender o território central, deixando as cidades de fronteira para os bárbaros colherem como frutas a hora que quisessem. Toda semana há um comboio de prudentes deixando a cidade, indo para o leste, dez ou doze famílias viajando juntas “para visitar parentes”, como reza o eufemismo, “até as coisas assentarem de novo”. Eles partem, conduzindo tropas de carga, empurrando carrinhos de mão, levando pacotes nas costas, inclusive as crianças vão carregadas como animais. Vi até uma comprida carroça baixa de quatro rodas puxada por carneiros. Já não se podem comprar animais de carga. Os que partem são os sensatos, os maridos e mulheres que ficam acordados na cama cochichando, fazendo planos, cortando despesas. Deixam para trás suas casas confortáveis, trancam-nas “até voltarmos”, levam as chaves como lembrança. No dia seguinte, bandos de soldados invadem e saqueiam as casas, destroem a mobília, sujam o chão. Cresce o ressentimento contra aqueles que são vistos se preparando para ir embora. São insultados em público, atacados

ou roubados impunemente. Agora, famílias simplesmente desaparecem na calada da noite, subornam os guardas para abrirem os portões, tomam a estrada leste e esperam no primeiro ou no segundo posto de parada até que o grupo que se junta esteja grande o bastante para viajar em segurança.

A soldadesca tiraniza a cidade. Fizeram uma reunião à luz de tochas na praça para denunciar “covardes e traidores” e confirmar fidelidade coletiva ao Império. “NÓS FICAMOS” passou a ser o slogan dos fiéis: vêem-se as palavras rabiscadas nos muros por toda parte. Fiquei no escuro, à margem da multidão essa noite (ninguém teve coragem suficiente para ficar em casa), e ouvi essas palavras entoadas insistentemente, ameaçadoramente, por centenas de vozes. Um arrepio me percorreu a espinha. Depois da reunião, os soldados fizeram uma passeata pelas ruas. Chutaram portas, quebraram janelas, uma casa foi incendiada. Até tarde da noite houve bebida e farra na praça. Procurei Mandel, mas não o vi. Pode ser que tenha perdido o controle da guarnição, se é que um dia os soldados estiveram dispostos a aceitar ordens de um policial.

Logo que se aquartelaram na cidade, esses soldados, recrutas de toda parte do Império, desconhecendo nossos costumes, foram recebidos com frieza. “Não precisamos deles aqui”, as pessoas diziam, “quanto mais cedo forem embora lutar com os bárbaros, melhor.” Era-lhes negado crédito nas lojas, as mães trancavam as filhas para mantê-las longe deles. Mas, depois que os bárbaros fizeram sua aparição em nossa porta, essa atitude mudou. Agora que eles parecem ser a única coisa que se mantém de pé entre nós e a destruição, esses soldados estrangeiros são ansiosamente cortejados. Um comitê de cidadãos faz uma coleta semanal para realizar uma festa para eles, assam carneiros inteiros no espeto, oferecem galões de rum. As garotas da cidade estão à disposição deles. Podem fazer tudo o que quiserem, contanto que fiquem aqui e protejam nossas vidas. E, quanto mais são adulados, mais aumenta sua arrogância. Sabemos que não podemos confiar neles. Com o celeiro quase vazio e tendo a força principal desaparecido como fumaça, o que pode detê-los quando a festa terminar?

Tudo o que podemos fazer é esperar que os rigores da viagem no inverno os impeçam de nos desertar.

As premonições do inverno estão em toda parte. Nas primeiras horas da manhã, um vento gelado sopra do norte: as venezianas rangem, quem dorme se encolhe mais, os sentinelas se enrolam em seus mantos, viram de costas. Algumas noites, eu acordo tremendo em minha cama de sacos e não consigo dormir de novo. Quando faz sol, ele parece cada dia mais distante; a terra fica mais fria antes mesmo do pôr-do-sol. Penso nos pequenos comboios de viajantes enfileirados ao longo de quilômetros de estrada, a caminho da terra-mãe que a maioria nunca viu, empurrando seus carrinhos de mão, puxando seus cavalos, carregando seus filhos, cuidando das provisões, dia a dia abandonando à beira da estrada ferramentas, utensílios de cozinha, retratos, relógios, brinquedos, tudo o que acreditaram poder resgatar da ruína de suas propriedades antes de se darem conta de que, no máximo, podiam ter esperança de escapar com vida. Dentro de uma ou duas semanas, o tempo ficará traiçoeiro demais para que alguém possa partir, com exceção dos mais resistentes. O gélido vento norte uivará o dia inteiro, murchando a vida sorrateiramente, levando um mar de poeira pelo vasto platô, trazendo súbitas rajadas de granizo e neve. Não consigo me imaginar, com minha roupa rasgada e sandálias usadas, bastão na mão, trouxa nas costas, como sobrevivente à longa marcha. Não posso contar com isso. Que vida posso esperar longe deste oásis? A vida de um contador indigente na capital, que volta toda noite depois do escurecer para um quarto alugado numa viela, os dentes caindo aos poucos e a zeladora farejando na porta? Se fosse me juntar ao êxodo, seria como um daqueles velhos reservados que um dia se esgueiram para longe da linha de marcha, se acomodam à sombra de uma pedra e esperam o último grande frio começar a subir por suas pernas.

Sigo a esmo a grande estrada que leva à margem do lago. O horizonte em frente já está cinzento, fundindo-se com a água cinzenta do lago. Atrás de mim, o sol está se pondo em faixas de ouro e carmesim. Das valas vêm os primeiros cantos de grilo. É um mundo que conheço e amo e que não quero abandonar. Desde jovem caminho por esta estrada, e nunca me aconteceu nada de mau. Como posso acreditar que a noite está cheia das sombras rápidas dos bárbaros? Se houvesse estranhos aqui, eu sentiria nos ossos. Os bárbaros se retiraram com sua gente para os vales mais fundos entre as montanhas, à espera de que os soldados se cansem e vão embora. Quando isso acontecer, os bárbaros sairão outra vez. Levarão seus carneiros para pastar e nos deixarão tranqüilos, nós cultivaremos nossos campos e os deixaremos tranqüilos, e dentro de poucos anos a fronteira terá restaurado a paz.

Passo pelos campos arruinados, agora limpos e arados de novo, atravesso as valas de irrigação e o muro da margem. O chão debaixo de meus pés fica mole; logo caminharei sobre a relva do pântano encharcada, abrindo caminho entre os juncos, com água pelos tornozelos, na última luz violeta do entardecer. Sapos pulam na água diante de mim; perto, escuto um tênue roçar de penas quando um pássaro do pântano se agacha, pronto para voar.

Avanço mais, separando os juncos com as mãos, sentindo o lodo frio entre os dedos dos pés; a água, que retém o calor do sol mais tempo que o ar, resiste, depois cede, antes de cada passo. Nas primeiras horas da manhã, os pescadores impelem com varas seus barcos de fundo achatado através da superfície calma e jogam as redes. Que jeito pacífico de ganhar a vida! Talvez eu devesse abandonar minha mendicância e me juntar a eles em seu campo além da muralha, construir para mim uma cabana de barro e sapé, casar com uma das lindas filhas deles, fazer festa quando a pesca for abundante, apertar o cinto quando não for.

Mergulhado até as panturrilhas na água tranqüilizadora, me abandono a essa visão sonhadora. Não estou alheio ao que significam essas divagações,

sonhos de me tornar um selvagem que não pensa, de tomar a fria estrada de volta à capital, de achar um rumo fora das ruínas do deserto, de retornar ao confinamento de minha cela, de procurar os bárbaros e me oferecer a eles para que usem como quiser. Sem exceção, são sonhos de finais: sonhos não de como viver, mas de como morrer. E sei que todos na cidade murada que agora mergulha nas trevas (escuto os dois toques agudos de clarim anunciando o fechamento dos portões) têm preocupação semelhante. Todos menos as crianças! As crianças nunca duvidam que aquelas grandes árvores em cuja sombra brincam lá estarão para sempre, que um dia vão crescer e ficar fortes como seus pais, férteis como suas mães, que vão viver, prosperar, criar seus próprios filhos e envelhecer no lugar onde nasceram. O que nos impossibilitou de viver no tempo como peixes na água, pássaros no ar, como crianças? A culpa é do Império! O Império criou o tempo da história. O Império localizou sua existência não no tempo recorrente do ciclo das estações, que passa sereno, mas no tempo recortado de ascensão e queda, de começo e fim, de catástrofe. O Império se condena a viver na história e conspira contra a história. Só uma idéia preocupa a mente obtusa do Império: como não terminar, como não morrer, como prolongar a sua era. De dia, persegue seus inimigos. É astuto e impiedoso, manda seus sabujos para toda parte. À noite, se alimenta de imagens de desastre: o saque de cidades, a violação de populações, pirâmides de ossos, hectares de desolação. Uma visão louca, mas uma visão virulenta: eu, pisando no lodo, estou tão contaminado por ela quanto o fiel coronel Joll a perseguir os inimigos do Império pelo deserto sem fim, espada desembainhada para cortar bárbaro após bárbaro até afinal encontrar e executar aquele cujo destino seria (ou, se não o dele, o de seu filho ou neto ainda não nascido) escalar o portão de bronze do Palácio de Verão e derrubar o globo encimado pelo tigre rampante que simboliza domínio eterno, enquanto seus camaradas lá embaixo dão vivas e tiros de mosquete para o alto.

Não há lua. No escuro, tateio meu caminho de volta à terra seca e numa cama de relva, enrolado em meu manto, adormeço. Acordo duro e com

frio depois de uma lufada de sonhos confusos. A estrela vermelha mal se moveu no céu.

Quando passo pela estrada que leva ao acampamento de pescadores, um cachorro começa a latir; um momento depois, outro se junta a ele, e a noite explode num clamor de latidos, de gritos de alarme, de berros. Assombrado, grito com toda a força: “Não é nada!”, mas não sou ouvido. Fico indefeso no meio da estrada. Alguém passa correndo por mim na direção do lago; depois, outro corpo se choca comigo, uma mulher, percebo de imediato, que ofega aterrorizada em meus braços até se libertar e ir embora. Há cachorros, também, rosnando a meu redor: giro e grito quando um deles morde minhas pernas, rasga a pele, recua. Os latidos estão em toda a minha volta. De trás das muralhas os cachorros da cidade dão sua resposta. Agacho-me e giro, tenso pelo próximo ataque. Um lamento metálico de clarins corta o ar. Os cachorros latem mais alto que nunca. Lentamente, vou arrastando os pés para o acampamento, até que uma das cabanas de repente desponta contra o céu. Afasto a esteira que está pendurada no vão da porta e entro no calor suado em que, até minutos antes, pessoas dormiam.

O clamor lá fora vai morrendo, mas ninguém volta. O ar está viciado, letárgico. Eu gostaria de dormir, mas ainda estou perturbado pela ressonância daquele suave impacto em mim na estrada. Como a uma ferida, minha carne retém a marca do corpo que por poucos segundos se apoiou no meu. Temo aquilo que sou capaz de fazer: voltar amanhã, com a luz do dia, ainda dolorido com a lembrança, para fazer perguntas até descobrir quem foi que se chocou comigo no escuro, de forma a construir a partir dela, menina ou mulher, uma aventura erótica ainda mais ridícula. Não há limite para a insensatez dos homens de minha idade. Nossa única desculpa é que não deixamos marcas nas garotas que passam por nossas mãos: nossos desejos retorcidos, nosso ato amoroso ritualizado, nossos êxtases elephantinos são logo esquecidos, elas se livram de nossa dança desajeitada assim que correm diretamente para os braços dos homens com

quem terão filhos, os jovens, vigorosos e diretos. Nosso amor não deixa marcas. De quem aquela outra garota de rosto cego se lembrará: de mim, com o robe de seda, penumbras, perfumes, óleos e prazeres infelizes, ou daquele outro homem, frio, com a máscara nos olhos, que deu ordens e mediu os sons de sua dor íntima? Qual foi o último rosto que ela viu com clareza nesta terra, senão o rosto atrás do ferro em brasa? Embora me encolha de vergonha, mesmo aqui e agora, tenho de me perguntar se, ao deitar ao lado dos pés dela, acariciar e beijar aqueles tornozelos quebrados, eu não estava no fundo do coração lamentando não ser capaz de me marcar nela tão profundamente. Por melhor que ela possa ser tratada por sua própria gente, nunca será cortejada e desposada do jeito normal: está marcada para toda a vida como propriedade de um estranho, e ninguém se aproximará dela salvo no espírito de lúgubre piedade sensual que ela detectou e rejeitou em mim. Não é de admirar que ela tenha adormecido tantas vezes, não é de admirar que tenha sido mais feliz descascando legumes do que em minha cama! No momento em que meus passos se detiveram e parei diante dela no portão do alojamento, ela deve ter sentido um miasma de engodo se fechar à sua volta: inveja, piedade, crueldade, tudo mascarado de desejo. E, em meu amor físico, não impulso, mas a laboriosa negação do impulso! Lembro de seu sorriso sóbrio. Desde a primeira vez, ela sabia o falso sedutor que eu era. Ouviu-me, depois ouviu seu próprio coração, e corretamente agiu de acordo com seu coração. Se ao menos tivesse encontrado as palavras para me dizer! “Não é assim que se faz”, diria, me detendo no ato. “Se quer aprender como se faz, pergunte a seu amigo de olhos negros.” E continuaria, para não me deixar sem esperança: “Mas, se quiser me amar, vai ter de virar as costas para ele e aprender sua lição em algum outro lugar”. Se ela tivesse me dito isso então, se eu tivesse entendido, se tivesse condições de entendê-la, se tivesse acreditado nela, se tivesse condições de acreditar nela, podia ter me poupado um ano de confusos e inúteis gestos de expiação.

Porque eu não era, como gostava de pensar, o oposto, indulgente e dado a prazeres, do frio e rígido coronel. Eu era a mentira que o Império conta a si mesmo em tempos tranqüilos, ele a verdade que o Império conta quando sopram ventos duros. Dois lados do domínio imperial, nem mais nem menos. Mas contemporei, olhei em torno desta fronteira obscura, deste pequeno cafundó com seus verões empoeirados e carroças cheias de abricós, suas longas sestras e guarnição inábil, pássaros aquáticos indo e vindo a voar ano após ano do entontecedor lençol sem ondas do lago, e disse a mim mesmo: “Seja paciente, um dia desses ele irá embora, um dia desses a calma retornará: então nossas sestras serão mais longas e nossas espadas mais enferrujadas, o vigia vai se esgueirar de sua torre para passar a noite com a mulher, a argamassa esboroará até lagartos fazerem ninhos entre os tijolos e corujas voarem do campanário, e a linha que marca a fronteira nos mapas do Império ficará borrada e obscura até sermos abençoadamente esquecidos”. Assim me seduzi, tomando um dos muitos rumos errados, e segui pela estrada que parece verdadeira mas me levou para o coração do labirinto.

No sonho, estou avançando para ela na praça coberta de neve. De início, caminho. Depois, quando o vento ganha força, começo a ser levado adiante numa nuvem de redemoinhos de neve, com os braços abertos e o vento inflando meu manto como uma vela de barco. Ganho velocidade, meus pés roçam o chão, pouso diante da figura solitária do centro da praça. “Ela não vai se virar e me ver desta vez!”, penso. Abro a boca para gritar um alerta. Um gemido agudo me chega aos ouvidos, batido pelo vento, levado ao céu como um pedaço de papel. Estou quase junto dela, já me tensionando para o impacto, quando ela se vira e me vê. Por um instante, tenho uma visão do seu rosto, um rosto de criança, brilhante, saudável, que sorri para mim sem alarme, antes de colidirmos. A cabeça dela bate em minha barriga; e sigo em frente, levado pelo vento. A batida é tão tênue quanto o toque de uma mariposa. Sou inundado de alívio. “Então não

precisava ter ficado ansioso, afinal!”, penso. Tento olhar para trás, mas tudo se perdeu de vista na brancura da neve.

Minha boca é coberta de beijos molhados. Cuspo, balanço a cabeça, abro os olhos. O cachorro que estava lambendo meu rosto se afasta, abanando o rabo. A luz filtra por baixo da porta da cabana. Saio engatinhando para o amanhecer. Céu e água estão tingidos do mesmo rosado. O lago, onde me acostumei a ver toda manhã os barcos de pesca de proa redonda, está vazio. O acampamento onde me encontro está vazio também.

Enrolo-me melhor em meu manto e subo a estrada que passa pelo portão principal, ainda fechado, até a torre de vigia noroeste, em que parece não haver ninguém; depois volto pela estrada, corto pelos campos, por cima do muro de terra na direção do lago.

Uma lebre se assusta a meus pés e sai correndo em ziguezague. Consigo vê-la até ela voltar num círculo e se perder atrás do trigo maduro dos campos distantes.

Um menino pequeno está no meio do caminho a menos de cinquenta metros de mim, fazendo xixi. Ele observa o arco de urina, me observa também com o rabo dos olhos, curva as costas para fazer o último jato ir mais longe. Depois, com sua trilha dourada ainda parada no ar, desaparece de repente, arrebatado por um braço escuro do meio dos juncos.

Paro onde ele estava. Não há nada para ver, a não ser as pontas dos juncos se mexendo através das quais pisca o meio globo cegante do sol.

“Pode sair”, digo, mal elevando a voz. “Não tem do que ter medo.” Observo que os tentilhões estão evitando este trecho de juncos. Não tenho dúvidas de que trinta pares de orelhas me escutam.

Volto para a cidade.

Os portões estão abertos. Soldados pesadamente armados circulam entre as cabanas dos pescadores. O cachorro que me acordou trota com eles de cabana em cabana, o rabo levantado, a língua para fora, as orelhas alertas.

Um dos soldados se balança na grade onde são pendurados para secar os peixes limpos e salgados. A grade cai rangendo.

“Não faça isso!”, grito, e apresso o passo. Alguns homens me reconhecem dos longos dias de tormento no pátio do alojamento. “Não faça isso, não foi culpa deles!”

Com deliberada indiferença o mesmo soldado agora vai até a cabana maior, apóia-se em dois esteios que se projetam da cobertura de sapé e tenta levantar o teto. Embora se esforce, não consegue fazê-lo. Vi essas cabanas aparentemente frágeis serem construídas. São feitas para resistir à força de ventos em que passarinho nenhum consegue voar. A moldura do teto é amarrada aos pilares com correias que passam por entalhes em forma de cunha. Não é possível levantá-la sem cortar as correias.

Insisto com o homem. “Deixe-me contar o que aconteceu a noite passada. Eu estava andando no escuro, e os cachorros começaram a latir. As pessoas ficaram assustadas, perderam a cabeça, sabe como elas são. Provavelmente pensaram que os bárbaros tinham chegado. Fugiram para o lago. Estão escondidas nos juncos—eu vi agora há pouco. Não pode castigar as pessoas por um incidente ridículo desses.”

Ele me ignora. Um camarada o ajuda a subir no teto. Equilibrado em dois esteios, ele começa a fazer furos no teto com o salto da bota. Ouço o baque da palha e do barro caindo lá dentro.

“Pare!”, grito. O sangue está latejando em minhas têmporas. “O que eles fizeram de mal para vocês?” Agarro seu tornozelo, mas ele está longe demais. Do jeito que estou, podia estraçalhar sua garganta.

Alguém se atira na minha frente: o amigo que o ajudou. “Por que não vai se foder?”, murmura. “Por que não vai se foder, só isso? Por que não vai embora e não morre em qualquer outro lugar?”

Debaixo do sapé e do barro escuto a estrutura do teto dar um estalo limpo. O homem no teto ergue os braços e cai para dentro. Num instante está ali, os olhos arregalados de surpresa, no instante seguinte há apenas uma nuvem de poeira suspensa no ar.

A esteira da entrada é empurrada para o lado, e ele sai cambaleando, apertando as mãos, coberto dos pés à cabeça de poeira ocre. “Merda!”, diz. “Merda, merda, merda, merda, merda!” O amigo se contorce de tanto rir. “Não tem graça!”, ele grita. “Machuquei o polegar, porra!” Aperta a mão entre os joelhos. “Está doendo pra caralho!” Dá um chute na parede da cabana, e de novo escuto a argamassa cair lá dentro. “Porra de selvagens!”, diz ele. “A gente devia ter enfileirado todos no muro e fuzilado faz tempo — junto com os amigos deles!”

Ele olha além de mim, olha através de mim, evitando de todo jeito me ver, e sai cambaleando. Ao passar pela última cabana, arranca a esteira da entrada. As feiras de contas com que ela é decorada, frutinhas pretas e vermelhas, sementes de melão secas, se quebram e caem em cascata por toda parte. Fico na rua, esperando meu tremor de raiva passar. Penso num jovem camponês que uma vez foi trazido à minha presença na época em que eu tinha jurisdição sobre a guarnição. Ele fora condenado pelo magistrado de uma cidade distante a servir no exército durante três anos por roubar galinhas. Depois de um mês, tentara desertar. Foi capturado e trazido à minha presença. Ele queria ver a mãe e as irmãs de novo, disse. “A gente não pode fazer o que quer”, eu o admoestei. “Estamos sujeitos à lei, que é maior que qualquer um de nós. O magistrado que mandou você aqui, eu próprio, você — estamos todos sujeitos à lei.” Ele olhou para mim com olhos vazios, esperando para ouvir o castigo, as mãos algemadas nas costas, os dois homens de escolta impassíveis atrás dele. “Você sente que é injusto, eu sei, ser castigado por ter os sentimentos de um bom filho. Acha que sabe o que é justo e o que não é. Eu entendo. Nós todos achamos que sabemos.” Quanto a mim, eu não tinha dúvida, na época, de que a todo momento cada um de nós, homem, mulher, criança, talvez até o pobre cavalo velho que gira a roda do moinho, sabia o que era justo: todas as criaturas vêm ao mundo trazendo com elas a lembrança da justiça. “Mas vivemos num mundo de leis”, eu disse a meu pobre prisioneiro, “um mundo de segundos colocados. Nada se pode fazer a respeito. Somos

criaturas decaídas. Tudo o que podemos fazer é preservar as leis, nós todos, sem deixar a lembrança da justiça se apagar.” Depois da admoestação, sentenciei-o. Ele aceitou a sentença sem resmungar, e a escolta o levou embora. Lembro-me da vergonha inquieta que sentia em dias como esse. Saía do tribunal e voltava para meu apartamento, sentava na cadeira de balanço no escuro a noite inteira, sem apetite, até chegar a hora de ir para a cama. “Quando alguns homens sofrem injustamente”, dizia a mim mesmo, “é destino dos que testemunham esse sofrimento envergonhar-se disso.” Mas o consolo ilusório desse raciocínio não conseguia me confortar. Mais de uma vez brinquei com a idéia de renunciar a meu posto, de me retirar da vida pública, de comprar um mercadinho. Mas então, pensava, alguém mais será nomeado para sentir a mesma vergonha do cargo, e nada terá mudado. Então continuei com meus deveres até que um dia os acontecimentos me engoliram.

Os dois cavaleiros estão a pouco mais de três quilômetros e já começam a atravessar os campos nus quando são vistos. Eu faço parte da multidão que, ao ouvir gritos das muralhas, corre para dar boas-vindas; pois nós todos reconhecemos o estandarte verde e dourado do batalhão que eles trazem. Entre as crianças excitadas que pulam, vou até a terra recém-revirada.

O cavaleiro da esquerda, que vinha cavalgando lado a lado com seu parceiro, se vira e trota na direção da trilha do lago.

O outro continua a passo lento em nossa direção, muito ereto na sela, com os braços abertos como se pretendesse nos abraçar ou voar para o céu.

Começo a correr o mais depressa que posso, as sandálias arrastando na terra, o coração disparado.

Cerca de cem metros atrás dele, há um bater de cascos, e três soldados de armadura passam galopando, correndo na direção dos juncos, onde o outro cavaleiro agora desapareceu.

Junto-me ao círculo em torno do homem (eu o reconheço, apesar da mudança) que, com o estandarte se agitando intrepidamente acima de sua cabeça, contempla a cidade com olhar vazio. Ele está amarrado a uma sólida estrutura de madeira que o mantém reto na sela. Sua coluna é mantida ereta por um pau, e os braços estão amarrados a uma peça cruzada. Moscas zunem em torno de seu rosto. O queixo está amarrado para ficar fechado, a carne está inchada, um cheiro enjoativo emana dele, está morto há vários dias.

Um menino me puxa pela mão. “É um bárbaro, tio?”, sussurra. “Não”, sussurro de volta. Ele se volta para o garoto a seu lado. “Não falei?”, sussurra.

Como mais ninguém parece preparado para tanto, é a mim que cabe pegar as rédeas penduradas e levar esta notícia dos bárbaros de volta pelo grande portão, passando diante dos sentinelas calados, até o pátio do alojamento, para ali cortar as amarras do cavaleiro e deitá-lo para o funeral.

Os soldados que correram atrás do companheiro solitário logo voltam. Trotam através da praça até o tribunal de onde Mandel conduz seu reino e desaparecem lá dentro. Quando ressurgem, não falam com ninguém.

Toda a premonição de desastre é confirmada, e pela primeira vez pânico verdadeiro domina a cidade. As lojas são inundadas por clientes que lutam entre si pelo estoque de comida. Algumas famílias se entrincheiram em casa, acomodando galinhas e até porcos lá dentro com elas. A escola é fechada. O boato de que uma horda de bárbaros está acampada a poucos quilômetros nas margens queimadas do rio, que um ataque à cidade é iminente, corre de esquina a esquina. O impensável aconteceu: o exército que marchou tão garbosamente três meses atrás nunca retornará.

Os grandes portões são fechados e trancados. Insisto com o sargento da guarda para permitir que os pescadores entrem. “Estão aterrorizados, temem por suas vidas”, digo. Ele me vira as costas sem responder. Acima de nossas cabeças, nas plataformas, os soldados, os quarenta homens que se acham entre nós e a aniquilação, olham para o lago e para o deserto.

Ao cair da noite, a caminho do abrigo do celeiro onde ainda durmo, encontro meu caminho bloqueado. Uma fila de carroças de duas rodas da intendência puxadas por cavalos passa pela alameda, a primeira carregada com o que identifico como sacos de grãos do celeiro, as outras vazias. Atrás delas segue uma fila de cavalos, selados e cobertos, dos estábulos da guarnição: todos cavalos, adivinho, que foram roubados ou requisitados nas últimas semanas. Atraídas pelo barulho, as pessoas saem de suas casas e ficam observando caladas essa manobra de retirada evidentemente planejada há muito.

Peço uma entrevista com Mandel, mas o guarda no tribunal é tão insensível quanto seus camaradas.

Na verdade, Mandel não está no tribunal. Volto à praça a tempo de ouvir o final da declaração que ele lê para o público “em nome do Comando Imperial”. A retirada, diz, é uma “medida temporária”. Uma “força zeladora” será deixada para trás. Espera-se que haja uma “cessação geral de operações ao longo da fronteira durante o inverno”. Ele próprio espera regressar na primavera, quando o exército “dará início a uma nova ofensiva”. Deseja agradecer a todos pela “inesquecível hospitalidade” que lhe foi dispensada.

Enquanto ele fala, em pé numa das carroças vazias ladeada por soldados que seguram tochas, seus homens estão voltando com os frutos do saque. Dois deles lutam para carregar um belo fogão de ferro fundido pilhado de uma casa vazia. Outro chega sorrindo em triunfo, trazendo um galo e uma galinha, o galo uma magnífica criatura preta e dourada. As pernas deles estão amarradas, o soldado os leva pelas asas, os olhos ferozes das aves rebrilham. Alguém segura a porta aberta, e ele enfia os dois no forno. A carroça está carregada até em cima de sacos e barris de uma loja saqueada, até uma mesinha e duas cadeiras. Eles desdobram um pesado tapete vermelho, estendem-no sobre a carga, amarram embaixo. Não há protesto entre as pessoas que assistem a esse ato metódico de traição, mas eu sinto correntes de ira impotente por todo o corpo.

A última carroça é carregada. Os portões são destrancados, os soldados montam. Na dianteira da coluna, consigo ouvir alguém discutindo com Mandel. “Só uma hora, se tanto”, ele está dizendo, “em uma hora elas estão prontas.” “Fora de questão”, replica Mandel, o vento carregando o resto de suas palavras. Um soldado me empurra para fora do seu caminho e escolta três mulheres pesadamente enroladas até a última carroça. Elas sobem com dificuldade e sentam-se, mantendo o véu diante do rosto. Uma delas leva uma menina que se encarapita em cima da carga. Chicotes estalam, a coluna começa a se deslocar, os cavalos fazendo força, as rodas guinchando. Na retaguarda da coluna, vêm dois homens com bastões tocando um rebanho de uma dúzia de carneiros. Quando os carneiros passam, cresce o murmúrio da multidão. Um jovem sai correndo, sacudindo os braços e gritando: os carneiros se espalham no escuro, e com um rugido a multidão se fecha. Quase imediatamente estouram os primeiros tiros. Corro o mais depressa que posso em meio a numerosas outras pessoas que correm e gritam, e retenho apenas uma única imagem desse ataque inútil: um homem lutando corpo a corpo com uma das mulheres na última carroça, rasgando suas roupas, a criança assistindo de olhos arregalados com o polegar na boca. Então a praça fica vazia e escura de novo, a última carroça se arrasta pelo portão, a guarnição se foi.

Durante o resto da noite, os portões ficam abertos, e pequenos grupos familiares, a maioria a pé e curvada sob trouxas pesadas, correm atrás dos soldados. E antes do amanhecer os pescadores voltam furtivamente, sem encontrar resistência, trazendo os filhos adoentados, os pobres pertences, os feixes de pau e junco, com os quais começam de novo a tarefa de construir casas.

Meu velho apartamento está aberto. Dentro, o ar está mofado. Nada é espanado há muito tempo. As vitrines — as pedras, ovos e artefatos das ruínas do deserto — desapareceram. A mobília da sala da frente foi

empurrada para as paredes e o tapete removido. A saleta parece não ter sido tocada, mas todas as cortinas têm um cheiro azedo e sufocante.

No quarto, a roupa de cama foi jogada para um lado com o mesmo movimento que costumo fazer, como se eu próprio tivesse estado dormindo ali. O cheiro dos lençóis não lavados é estranho.

O penico debaixo da cama está cheio até a metade. No armário, há uma camisa amassada com uma marca marrom em torno do lado de dentro do colarinho e manchas amarelas nas axilas. Todas as minhas roupas desapareceram.

Tiro a roupa de cama e deito no colchão nu, esperando que alguma sensação de inquietação tome conta de mim, o fantasma de outro homem ainda pairando entre seus odores e desordens. A sensação não vem; o quarto é familiar como sempre. Com o braço sobre o rosto, me vejo deslizando para o sono. Pode ser verdade que o mundo enquanto tal não seja ilusão, não seja um sonho mau de uma noite. Pode ser que despertemos para ele inelutavelmente, que não possamos nem esquecer-lo nem dispensá-lo. Mas descubro que é difícil como sempre acreditar que o fim esteja próximo. Se os bárbaros invadissem agora, eu sei, morreria em minha cama estúpido e ignorante como um bebê. E mais apropriado ainda seria se eu fosse pego na despensa lá embaixo com uma colher na mão e a boca cheia de figo em calda roubado do último frasco da prateleira: então minha cabeça seria arrancada e jogada na pilha de cabeças da praça lá fora ainda com um ar de mágoa e culpada surpresa por essa irrupção da história no tempo estático do oásis. A cada um o fim que lhe for mais adequado. Alguns serão pegos em abrigos embaixo de seus porões, apertando os pertences contra o peito, os olhos fechados com força. Alguns morrerão na estrada surpreendidos pelas primeiras neves do inverno. Alguns poucos podem até morrer lutando com forçados. Depois do quê, os bárbaros limparão o traseiro com os arquivos da cidade. Até o fim não teremos aprendido nada. Em todos nós, bem no fundo, parece haver alguma coisa granítica e impossível de ensinar. Ninguém acredita de fato, apesar da

histeria nas ruas, que o mundo de certezas tranqüilas em que nascemos esteja prestes a se extinguir. Ninguém consegue aceitar que um exército imperial tenha sido aniquilado por homens com arco e flecha e velhas armas enferrujadas, homens que vivem em tendas, nunca tomam banho e não sabem ler nem escrever. E quem sou eu para zombar de ilusões vivificantes? Existe algum jeito melhor de passar estes últimos dias do que sonhando com um salvador com uma espada que dispersará as hostes inimigas, nos perdoará os erros que foram cometidos por outros em nosso nome e nos dará uma segunda chance de construir nosso paraíso terreno? Fico deitado no colchão nu e me concentro em dar vida à imagem de mim mesmo como um nadador nadando com braçadas uniformes, incansáveis, no meio temporal, um meio mais inerte que a água, sem ondulações, difuso, incolor, inodoro, seco como papel.

6.

Às vezes, de manhã, há pegadas frescas nos campos. Entre os arbustos esparsos que marcam o limite extremo da terra arada, o vigia vê uma forma que jura que não estava ali no dia anterior e que desapareceu um dia depois. Os pescadores não se aventuram a sair antes do nascer do sol. A pesca sofreu tamanha queda que eles mal subsistem.

Em dois dias de esforço cooperativo, em que trabalhamos com as armas na cintura, colhemos nos campos mais distantes tudo o que restou depois da inundação. A produção é de menos de quatro xícaras por dia para cada família, mas melhor que nada.

Embora o cavalo cego continue a girar a roda que enche o tanque da margem do lago que irriga os jardins da cidade, sabemos que essa água pode acabar a qualquer momento, e já começamos a cavar novos poços dentro das muralhas.

Estimulei meus concidadãos a cultivar suas hortas, plantar tubérculos que suportarão a geada do inverno. “Acima de tudo, temos de encontrar maneiras de sobreviver ao inverno”, digo-lhes. “Na primavera, eles vão mandar assistência, não há dúvida. Depois do primeiro degelo, podemos plantar painço de sessenta dias.”

A escola foi fechada, e as crianças empregadas na pesca de arrasto nos prolongamentos salgados do sul do lago em busca dos minúsculos crustáceos vermelhos que são abundantes no raso. Esses nós defumamos e acondicionamos em tortas de meio quilo. O gosto é oleaginoso e ruim;

normalmente só os pescadores os comem; mas, antes de terminar o inverno, desconfio que vamos ficar contentes de ter ratos e insetos para devorar.

Ao longo da plataforma norte, enfileiramos capacetes com lanças em pé do lado. A cada meia hora, uma criança passa pelas fileiras, deslocando ligeiramente cada capacete. Assim esperamos enganar os olhos aguçados dos bárbaros.

A guarnição que Mandel nos legou consiste em três homens. Eles se alternam na guarda da porta trancada do tribunal, ignorados pelo resto da cidade, isolados.

Em todas as medidas de nossa sobrevivência eu assumi a liderança. Ninguém me desafiou. Minha barba está aparada, uso roupas limpas, na realidade retomei a administração legal que foi interrompida um ano atrás pela chegada da Guarda Civil.

Devíamos estar cortando e estocando lenha; mas não é possível encontrar ninguém que queira se aventurar nas florestas carbonizadas junto ao rio, onde os pescadores juram ter visto sinais recentes de acampamentos bárbaros.

Sou despertado por batidas na porta de meu apartamento. É um homem com uma lanterna, queimado pelo vento, magro, sem fôlego, com um casacão de soldado grande demais para ele. Olha perplexo para mim.

“Quem é você?”, pergunto.

“Onde está o subtenente?”, ele diz, ofegando, tentando olhar por cima de meu ombro.

São duas horas da manhã. Os portões foram abertos para deixar passar a carruagem do coronel Joll, que está parada com o eixo apoiado no chão, no meio da praça. Diversos homens se abrigam junto a ela em sentido contrário ao vento cortante. Da muralha, os homens de guarda espiam.

“Precisamos de comida, novos cavalos, forragem”, meu visitante está dizendo. Ele trota na minha frente, abre a porta da carruagem, diz: “O subtenente não está aqui, *sir*, ele foi embora”. À janela, ao luar, vislumbro Joll em pessoa. Ele me vê também; a porta é batida, escuto o clique do fecho pelo lado de dentro. Espiando pelo vidro, consigo vê-lo sentado no canto escuro, virando rigidamente o rosto. Tamborilo no vidro, mas ele não presta atenção. Então seus subalternos me empurram.

Jogada do escuro, uma pedra cai no teto da carruagem.

Outro membro da escolta de Joll vem correndo. “Não tem nada”, ofega. “Os estábulos estão vazios, levaram todos.” O homem que desarreou os cavalos suados começa a xingar. Uma segunda pedra erra a carruagem e quase me atinge. Elas estão sendo jogadas das muralhas.

“Escutem”, digo. “Vocês estão com frio e cansados. Ponham os cavalos no estábulo, entrem, comam alguma coisa, contem sua história. Não temos notícias desde que foram embora. Se esse louco quer ficar sentado em sua carruagem a noite inteira, que fique.”

Eles mal me escutam: homens famintos, exaustos, que fizeram mais que seu dever ao arrancar em segurança das garras dos bárbaros esse policial, eles sussurram, já arreando novamente uma parelha de seus cavalos cansados.

Olho pela janela o tênue borrão no escuro que é o coronel Joll. Meu manto se agita, tremo de frio, mas também de tensão pela raiva reprimida. Percorre-me um impulso de estilhaçar o vidro, pegar o homem lá dentro e puxá-lo para fora pelo buraco recortado, para sentir sua carne se enganchar e se rasgar nas pontas, jogá-lo no chão e chutar seu corpo até ele virar uma pasta.

Como se tocado por essa corrente assassina, ele vira relutantemente o rosto na minha direção. Depois se desloca no banco até estar olhando para mim através do vidro. O rosto dele parece nu, lavado, limpo, talvez por causa do luar azul, talvez pela exaustão física. Olho para suas têmporas pálidas, salientes. Lembranças do seio macio de sua mãe, do puxão na mão

da primeira pipa que ele empinou, além daquelas crueldades íntimas pelas quais o abomino, se abrigam naquela colméia.

Ele olha para mim, seus olhos examinam meu rosto. As lentes escuras desapareceram. Será que ele também tem de controlar um impulso de estender o braço, me agarrar, me cegar com cacos de vidro?

Tenho uma lição para ele na qual muito meditei. Pronuncio as palavras e observo enquanto ele lê meus lábios: “O crime que está latente em nós temos de impor a nós mesmos”, digo. Faço que sim com a cabeça, insistentemente, reforçando a mensagem. “Não aos outros”, digo: repito as palavras, aponto para o meu peito, aponto para o dele. Ele observa meus lábios, seus lábios finos se movem imitando, ou talvez desprezando, não sei. Outra pedra, mais pesada, talvez um tijolo, atinge a carruagem com um ruído de trovão. Ele se sobressalta, os cavalos dão um repelão nos tirantes.

Alguém vem correndo. “Saia!”, grita. Empurra-me, bate na porta da carruagem. Está com os braços cheios de pães. “Temos de ir embora!”, grita. O coronel Joll abre a tranca, e ele atira os pães para dentro. A porta se fecha. “Depressa!”, ele grita. A carruagem se sacode e avança, as molas gemendo.

Agarro o braço do homem. “Espere!”, berro. “Não vou deixar que vão enquanto eu não souber o que aconteceu!”

“Não está vendo?”, ele grita, se debatendo. Minhas mãos ainda estão fracas; para detê-lo, tenho de agarrá-lo num abraço. “Me diga, e deixo você ir!”, ofego.

A carruagem está perto dos portões. Os dois homens montados já saíram; os outros homens correm atrás. Pedras atingem a carruagem vindas do escuro, gritos e ofensas chovem sobre ela.

“O que quer saber?”, ele diz, se debatendo inutilmente.

“Onde estão todos os outros?”

“Sumiram. Se espalharam. Para todo lado. Não sei onde estão. Tivemos de encontrar o caminho. Era impossível ficarmos juntos.” Quando seus

camaradas desaparecem na noite, ele se debate mais. “Me deixe ir embora!”, soluça. Não é mais forte do que uma criança.

“Daqui a um minuto. Como pode, os bárbaros fazerem isso com vocês?”

“Nós congelamos nas montanhas! Morremos de fome no deserto! Por que ninguém nos contou que ia ser assim? Nós não fomos derrotados — eles nos levaram para o deserto e depois desapareceram!”

“Quem levou?”

“Eles — os bárbaros! Eles foram nos atraindo, não conseguíamos nunca alcançá-los. Eles pegavam os que se desgarravam, soltavam nossos cavalos durante a noite, nunca nos enfrentavam!”

“Então vocês desistiram e voltaram?”

“É!”

“Acha que vou acreditar nisso?”

Ele olha desesperadamente para mim. “Por que eu iria mentir?”, grita. “Não quero ficar para trás, só isso!” Consegue se soltar. Protege a cabeça com as mãos, corre pelo portão e para as trevas.

A escavação parou no terceiro poço. Alguns cavadores já foram para casa, outros esperam ordens.

“Qual é o problema?”, pergunto.

Eles apontam os ossos amontoados na terra recém-revirada: ossos de uma criança.

“Devia haver um túmulo aqui”, digo. “Estranho lugar para um túmulo.” Estamos na área vazia atrás do alojamento, entre o alojamento e a muralha sul. Os ossos são velhos, absorveram a cor do barro vermelho. “O que vocês querem fazer? Podemos começar a cavar de novo mais perto da muralha se preferirem.”

Eles me ajudam a descer no poço. Afundado até o peito, raspo a terra em volta da lateral de uma mandíbula incrustada na parede. “O crânio está aqui”, digo. Mas não, o crânio já foi desenterrado, eles me mostram.

“Olhe embaixo do seu pé”, diz o feitor.

Está escuro demais para ver, mas, quando bato de leve a picareta, toco alguma coisa dura; meus dedos me dizem que é osso.

“Não estão enterrados direito”, diz ele. Agacha-se na beira do poço. “Estão jogados de qualquer jeito, um em cima do outro.”

“É”, digo. “Não podemos cavar aqui, não é?”

“Não”, diz ele.

“Temos de encher isto aqui e começar de novo mais perto da muralha.”

Ele fica em silêncio. Estende a mão e me ajuda a subir. Os curiosos não falam nada também. Tenho de jogar os ossos de volta e atirar o primeiro punhado de terra antes de eles pegarem suas pás.

No sonho estou de novo no poço. A terra está úmida, água escura brota, meus pés chapinham, me custa um lento esforço levantá-los.

Tateio debaixo da superfície, à procura de ossos. Minha mão topa com a ponta de um saco de juta, preto, podre, que se desmancha entre meus dedos. Afundo mais na lama. Um garfo, torto e manchado. Um pássaro morto, um papagaio: eu o pego pelo rabo, as penas sujas pendentes, as asas ensopadas murchas, uma órbita vazia. Quando o solto, ele vai através da superfície sem fazer ruído. “Água envenenada”, penso. “Tenho de tomar cuidado para não beber aqui. Não posso tocar a mão esquerda na boca.”

Não durmo com uma mulher desde que voltei do deserto. Agora, neste momento tão inadequado, meu sexo começa a se reafirmar. Durmo mal e acordo de manhã com uma teimosa ereção que cresce como um galho de minha virilha. Não tem nada a ver com desejo. Deitado na cama desarrumada, espero em vão que ela se vá. Tento invocar imagens da garota que noite após noite dormia aqui comigo. Vejo-a de pé, as pernas nuas nas roupas de baixo, um pé na bacia, esperando que eu a lave, a mão

apertando meu ombro. Ensabôo a panturrilha forte. Ela arranca a combinação pela cabeça. Ensabôo suas coxas; depois deixo de lado o sabonete, abraço seus quadris, esfrego o rosto em sua barriga. Sinto o cheiro do sabonete, sinto o calor da água, a pressão das mãos dela. Do fundo dessa lembrança, estendo a mão para tocar em mim. Não há um sobressalto de reação. É como tocar meu próprio pulso: parte de mim, mas duro, amortecido, um membro sem vida própria. Tento fazê-lo funcionar: inútil, pois não há sentimento. “Estou cansado”, digo a mim mesmo.

Durante uma hora fico sentado na poltrona, à espera de que este bastão de sangue amoleça. E isso acontece quando ele bem entende. Depois me visto e saio.

De noite, volta: uma flecha saindo de mim, apontando para lugar nenhum. Mais uma vez tento alimentá-lo com imagens, mas não detecto reação vital.

“Experimente bolor de pão e *milkroot*”, me diz o herborista. “Pode funcionar. Se não, volte a falar comigo. Pegue aqui um pouco de *milkroot*. O senhor mói e mistura com o bolor e um pouco de água morna até formar uma pasta. Tome duas colheres depois de cada refeição. É muito ruim, muito amargo, mas pode ter certeza de que não vai fazer mal nenhum.”

Pago em prata. Ninguém mais aceita moedas de cobre, a não ser as crianças.

“Mas me diga”, diz ele, “por que um belo homem saudável como o senhor quer matar seus desejos?”

“Não tem nada a ver com desejo, vovô. É só uma irritação. Um endurecimento. Como reumatismo.”

Ele sorri. Retribuo o sorriso.

“Esta deve ser a única loja da cidade que eles não saquearam”, digo. Não é uma loja, apenas um nicho e um balcão debaixo de um toldo, com prateleiras de frascos enferrujados penduradas em ganchos nas paredes,

raízes e montes de folhas secas, os remédios com que ele trata da cidade há cinqüenta anos.

“É, não me incomodaram. Sugeriram que eu fosse embora para o meu próprio bem. ‘Os bárbaros vão fritar seu saco e comer’ — foi isso que disseram, com essas palavras. Eu disse: ‘Nasci aqui, vou morrer aqui, não vou embora’. Agora eles foram embora, e é melhor sem eles, pode crer.”

“É.”

“Experimente a *milkroot*. Se não funcionar, volte.”

Bebo a mistura amarga e como o máximo de alface que posso, já que dizem que alface tira a potência. Mas faço tudo isso sem muita convicção, consciente de que estou interpretando mal os sinais.

Vou também visitar Mai. A hospedaria fechou, o movimento é pequeno; ela agora vem ajudar a mãe no alojamento. Encontro-a na cozinha, pondo o bebê para dormir em seu bercinho perto do fogão. “Adoro esse fogão antigo que vocês têm aqui”, diz. “Fica quente durante horas. Um calor tão bom.” Ela faz chá; ficamos sentados à mesa, olhando as brasas brilhantes pela grelha. “Queria ter alguma coisa boa para oferecer”, diz ela, “mas os soldados limpam a despensa, não sobrou quase nada.”

“Quero que vá lá em cima comigo”, digo. “Pode deixar a criança aqui?”

Somos velhos amigos. Anos atrás, antes de ela casar pela segunda vez, costumava me visitar em meu apartamento à tarde.

“Preferia não deixar”, diz ela, “e se ele acordar, sozinho?” Então espero que ela agasalhe o bebê e a acompanho escada acima: uma mulher ainda jovem, com um corpo pesado e coxas grossas disformes. Tento lembrar como era com ela, mas não consigo. Naquela época todas as mulheres me agradavam.

Ela acomoda a criança em almofadas num canto, murmurando até ela adormecer de novo.

“É só por uma ou duas noites”, digo. “Está tudo acabando. Temos de viver como dá.” Ela abaixa a calcinha, pisa em cima dela como um cavalo

e vem a mim de bata. Sopro o lampião. Minhas palavras me deixaram desanimado.

Quando penetro nela, ela suspira. Esfrego a face na face dela. Minha mão encontra seu seio; a mão dela o cobre, acaricia, retira. “Está doendo um pouco”, ela sussurra. “Por causa do bebê.”

Ainda estou procurando alguma coisa para dizer quando sinto o clímax chegar, distante, tênue, como um tremor de terra em outra parte do mundo.

“Esse é seu quarto filho, não é?” Ficamos deitados lado a lado debaixo das cobertas.

“É, o quarto. Um morreu.”

“E o pai? Ajuda?”

“Ele deixou algum dinheiro. Estava com o exército.”

“Tenho certeza de que vai voltar.”

Sinto seu plácido peso encostado ao lado de meu corpo. “Gosto muito de seu filho mais velho”, digo. “Ele costumava levar minhas refeições quando eu estava preso.” Ficamos deitados um tempo em silêncio. Então minha cabeça começa a rodar. Volto do sono a tempo de ouvir o fim de um ronco que sai de minha garganta, um ronco de velho.

Ela senta na cama. “Vou ter de ir embora”, diz. “Não posso dormir num quarto tão vazio, escuto estalos a noite inteira.” Fico olhando na penumbra seu vulto se mexer enquanto ela se veste e pega a criança. “Posso acender o lampião?”, ela pergunta. “Tenho medo de cair na escada. Pode dormir. Trago o seu café de manhã, se não se importa de comer mingau de painço.”

“Eu gostava muito dela”, diz ela. “Todo mundo gostava. Ela nunca reclamava, fazia sempre o que a gente pedia, se bem que eu sei que os pés dela doíam. Era muito amiga. A gente estava sempre rindo quando ela estava por perto.”

Mais uma vez estou insensível como madeira. Ela se empenha comigo: suas mãos grandes acariciam minhas costas, agarram minhas nádegas. O clímax vem: como uma faísca ao longe sobre o mar, e se perde de imediato.

O bebê começa a chorar. Ela se livra de mim e se levanta. Grande e nua, anda de um lado para outro no retalho de luar com o bebê ao ombro, dando-lhe tapinhas, cantarolando. “Vai dormir num minuto”, sussurra. Eu próprio estou quase dormindo quando sinto seu corpo fresco se acomodar a meu lado, seu lábio roçar meu braço.

“Não quero pensar nos bárbaros”, ela diz. “A vida é curta demais para se ficar preocupado com o futuro.”

Não tenho nada a dizer.

“Eu não faço você feliz”, diz ela. “Eu sei que você não gosta comigo. Está sempre em algum outro lugar.”

Espero suas próximas palavras.

“Ela disse a mesma coisa. Disse que você estava em algum outro lugar. Ela não entendia você. Não sabia o que queria dela.”

“Eu não sabia que você e ela eram íntimas.”

“Eu estava sempre aqui, lá embaixo. A gente conversava uma com a outra do que tinha na cabeça. Às vezes ela chorava, chorava, chorava. Você deixava ela muito infeliz. Sabia disso?”

Ela está abrindo uma porta pela qual um vento de absoluta desolação sopra em cima de mim.

“Você não entende”, digo, rouco. Ela dá de ombros. Continuo: “Tem todo um lado da história que você não conhece, que ela não podia ter contado porque ela mesma não sabia. E que não quero contar agora”.

“Não é da minha conta.”

Ficamos em silêncio, pensando nossos próprios pensamentos sobre a garota que hoje dorme longe, debaixo das estrelas.

“Talvez quando os bárbaros vierem cavalgando”, digo, “ela venha cavalgando com eles.” Imagino-a trotando pelo portão aberto à frente de uma tropa de cavaleiros, ereta na sela, os olhos brilhando, uma batedora, uma guia, indicando aos camaradas o mapa desta cidade estrangeira onde ela um dia viveu. “Então vai ser tudo diferente.”

Ficamos no escuro, pensando.

“Estou apavorada”, ela diz. “Apavorada de pensar no que vai acontecer conosco. Tento esperar o melhor e viver dia a dia. Mas às vezes, de repente, me vejo imaginando o que pode acontecer e fico paralisada de medo. Não sei mais o que fazer. Só consigo pensar nas crianças. O que vai ser das crianças?” Senta-se na cama. “*O que vai ser das crianças?*”, pergunta, veemente.

“Não vão fazer mal às crianças”, digo. “Não vão fazer mal a ninguém.” Acaricio seu cabelo, acalmo-a, seguro-a com força, até chegar a hora de alimentar o bebê de novo.

Ela dorme melhor lá embaixo, na cozinha, diz. Sente-se mais segura quando acorda e vê o brilho das brasas na grelha. Gosta também de ficar com o bebê junto dela na cama. Além disso, é melhor que sua mãe não descubra onde ela passa as noites.

Eu também sinto que foi um erro e não a visito de novo. Dormindo sozinho, sinto falta do cheiro de tomilho e cebola da ponta dos seus dedos. Durante uma ou duas noites, experimento uma tristeza calada e instável, antes de começar a esquecer.

Fico ao ar livre olhando a chegada de uma tempestade. O céu estava empalidecendo, até que agora está branco-osso com tons de rosa se juntando ao norte. Os ladrilhos ocre do chão cintilam, o ar fica luminoso,

a cidade brilha sem sombras, misteriosamente bonita nestes últimos momentos.

Subo à muralha. Entre os bonecos armados, pessoas olham para o horizonte, onde uma grande nuvem de poeira e areia já ferve. Ninguém fala.

O sol fica acobreado. Os barcos todos deixaram o lago, os pássaros pararam de cantar. Há um intervalo de silêncio absoluto. Então o vento ataca.

No abrigo de nossas casas, com as janelas trancadas e trancas nas portas, com a fina areia cinzenta já se infiltrando no telhado e no teto para pousar em toda superfície descoberta, cobrir a água potável com uma película, rilhar em nossos dentes, sentamos pensando em nossos próximos lá fora, que em momentos como este não têm recursos senão virar de costas para o vento e suportar.

* * *

À noite, na hora ou duas que posso me permitir diante da lareira antes que termine minha ração de lenha e eu tenha de me enfiar na cama, me ocupo com meu velho hobby, consertar da melhor maneira possível as caixas de pedras que encontrei quebradas e viradas no jardim do tribunal, brincando de novo de decifrar a escrita arcaica das tiras de álamo.

Parece correto que, como um gesto de atenção com as pessoas que habitaram as ruínas do deserto, nós também devamos fazer um registro do assentamento para deixar para a posteridade, enterrado sob as muralhas de nossa cidade; e, para escrever essa história, ninguém pareceria melhor equipado que nosso último magistrado. Mas, quando sento à escrivaninha, enrolado em minha grande pele de urso que me protege do frio, com uma única vela (porque o sebo também está racionado) e uma pilha de documentos amarelecidos ao alcance da mão, o que me vejo começando a escrever não são os anais do posto avançado imperial ou um relato de

como as pessoas desse posto avançado passaram seus últimos anos apaziguando suas almas à espera dos bárbaros.

“Ninguém que visitou este oásis”, escrevo, “deixou de se impressionar com o encanto da vida aqui. Vivemos no tempo das estações, das colheitas, das migrações das aves aquáticas. Vivemos sem nada entre nós e as estrelas. Teríamos feito qualquer concessão, se ao menos soubéssemos qual, para continuar vivendo aqui. Isto era o paraíso na Terra.”

Por um bom tempo, fico olhando para a justificativa que escrevi. Seria decepcionante saber que as tiras de álamo às quais dediquei tanto tempo contêm uma mensagem tão tortuosa, tão equívoca, tão condenável quanto esta.

“Talvez no fim do inverno”, penso, “quando a fome realmente nos devorar, quando estivermos com frio e famintos, ou quando os bárbaros estiverem realmente no portão, talvez então eu abandone o estilo de um funcionário público com ambições literárias e comece a contar a verdade.”

Penso: “Queria viver fora da história. Queria viver fora da história que o Império impõe a seus súditos, mesmo a seus súditos perdidos. Nunca desejei aos bárbaros que tivessem a história do Império pesando sobre eles. Como posso acreditar que isso seja motivo de vergonha?”

Penso: “Consegui sobreviver a um ano movimentado, no entanto minha compreensão não é maior que a de um bebê de colo. De todas as pessoas desta cidade, sou a menos indicada para escrever um memorial. Melhor o ferreiro com seus gritos de raiva e de dor”.

Penso: “Mas, quando os bárbaros experimentarem pão, pão fresco com geléia de amora, pão com geléia de groselha, vão ser cativados pelos nossos costumes. Vão descobrir que não conseguem viver sem as habilidades de homens que sabem como cultivar os pacíficos grãos, sem as artes de mulheres que sabem como fazer uso dos frutos benignos”.

Penso: “Quando um dia as pessoas vierem raspar as ruínas, vão estar mais interessadas nas relíquias do deserto do que em qualquer coisa que eu possa deixar. E com razão”. (Assim, passo uma noite cobrindo as tiras, uma

a uma, com uma camada de óleo de linhaça e embrulhando-as num encerado. Quando o vento parar, prometo a mim mesmo, vou lá fora e enterro estas tiras no lugar onde as encontrei.)

Penso: “Alguma coisa tem me olhado direto na cara, e ainda não vejo o que é”.

O vento cessou, e agora os flocos de neve caem flutuando, a primeira nevada do ano, manchando as telhas de branco. Fico a manhã inteira junto à minha janela, olhando a neve cair. Quando atravesso o pátio do alojamento, ela já tem centímetros de profundidade e meus passos crepitam com uma estranha leveza.

No meio da praça, crianças brincam de construir um boneco de neve. Preocupado em não assustá-las, mas inexplicavelmente alegre, me aproximo delas na neve.

Elas não se assustam, estão ocupadas demais para olhar para mim. Terminaram o grande corpo redondo, agora estão fazendo uma bola para a cabeça.

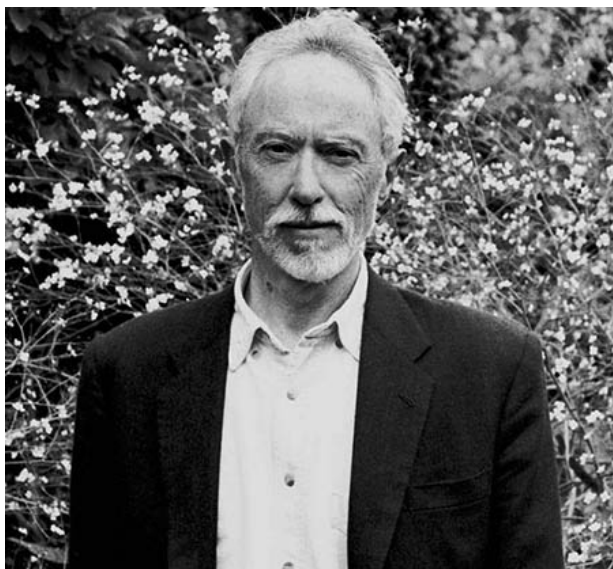
“Alguém pegue coisas para a boca, o nariz e os olhos”, diz uma criança, que é líder delas.

Ocorre-me que o boneco de neve vai precisar de braços também, mas não quero interferir.

Elas assentam a cabeça nos ombros e, com seixos, fazem olhos, orelhas, nariz e boca. Uma delas o coroa com seu gorro.

Não é um mau boneco de neve.

Essa não é a cena com que sonhei. Como de muitas outras coisas hoje em dia, me afasto sentindo-me estúpido, como um homem que perdeu o rumo há muito tempo mas insiste em seguir uma estrada que pode não levar a lugar nenhum.



BERT NIENHUIS

J.M. COETZEE nasceu em 1940, na Cidade do Cabo, África do Sul. Viveu na Inglaterra, lecionou nos Estados Unidos e voltou à cidade natal em 1984, onde residiu até se mudar para a Austrália, em 2002. Recebeu duas vezes o Booker Prize, por *Vida e época de Michael K* (1983) e *Desonra* (1999). Em 2003, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura pelo conjunto de sua obra. Além dos livros citados, a Companhia das Letras publicou *A vida dos animais*, *O mestre de Petersburgo*, *Elizabeth Costello* e *Juventude*.

Copyright © 1980 by J. M. Coetzee

*Publicado mediante acordo com Peter Lampack Agency, Inc. 551 Fifth Avenue, Suite 1613
Nova York, NY 10176-10187, Estados Unidos.*

“Todos os direitos são reservados pelo proprietário (J. M. Coetzee) ao redor do mundo”

Título original

Waiting for the Barbarians

Capa

João Baptista da Costa Aguiar

Ilustração de capa

Fábio Miguez

Revisão

Otacílio Nunes

Ana Maria Barbosa

ISBN 978-85-438-0259-6

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo
da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Capa

Rosto

1.

2.

3.

4.

5.

6.

6.

Créditos